

@Verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela **KPMG**



www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 05 de Julho de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 243 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas



Democracia PÁGINA 14

“Paz e democracia não são para a família Guebuza ou para a família Dhlakama são para nós todos”

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

“NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS” - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Moçambicanos, abram os olhos

Há pouco tempo o Presidente Guebuza afirmou que a morte dos nossos compatriotas em Muxúnguê é apenas um teste! Será que se um familiar dele tivesse sido vítima diria que é um teste? Mas como sabe que nunca vai usar a EN1 e nem a sua família, pois, ao pretender viajar vai usar helicóptero, por isso fala assim. Meus irmãos, nós sabemos que a guerra vai beneficiar Guebuza e um grupinho (FRELIMO), mas vidas inocentes serão ceifadas, pois lá no fogo cruzado não terá nenhum filho, sobrinho, ou neto do Presidente, ministro, ou algum governante, mas sim filhos de gente pobre, humilde, que nem sabe porque está a morrer.

E, assim vai semeando luto em muitas famílias. Basta!!! Vamos revolucionar Moçambique!

MURAL DO POVO - Guebuza

Que tipo de Presidente é o senhor incapaz de ser solidário com o povo que tanto lhe “votou”?

MURAL DO POVO - Guebuza

O povo morre em Muxúnguê e o senhor nem dá a cara. É como se nós fôssemos insignificantes. Consoante a entrevista que o senhor concedeu à (TVM) o povo continua pobre sim. Mas, se V. Excia parasse de roubar com o nosso Governo, acreditamos que o país estaria a desenvolver.

MURAL DO POVO - Dhlakama

Analfabetos usam a violência para conquistar o poder. Eu, na qualidade de cidadão moçambicano, fico indignado ao ver vidas inocentes a serem sacrificadas em protesto contra a governação de Guebuza. Meus senhores, vocês conhecem muito bem a casa dele. É lá onde o vosso líder tem tomado café quando abandona a mata. Então vamos lá ter com ele!!!

MURAL DO POVO - Suspensão pós-graduação

É caso para perguntar: o que este Governo está a pensar? Suspendeu unilateralmente a pós-graduação e agora reformam compulsivamente os médicos mais velhos que aderiram à greve (especialistas)?

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905



Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



@shirangano: A polícia revistando os jornalistas que vão a #Santundjira.

[@verdademz http://t.co/3BmoAzuzRi](http://t.co/3BmoAzuzRi)



@shirangano: Isto parece uma região militar. Pelo caminho estamos a deparar-nos com vários militares de arma em punho #Sathunjira.

@shirangano: Todos os órgãos de informação do país estão representado aqui em #Gorongosa para conferência de imprensa em #Satundjira. @verdademz



@Zerinho_b4: Bom dia... Li os 67 pontos e achei todos eles cruciais pra a vida de cada cidadão. Convido todos a praticarem... @verdademz



@cristovaobolach: #autarquicas2013 #Nampula o posto da

EPC da Cerâmica regista maior afluência de cidadãos @verdademz



@TheRealWizzy: Podes crer. RT @ialbinoso: Que

desumanidade! @verdademz: Cadáver dum albino desenterrado e (cont) <http://t.co/wxVURH1Mhu>



@olno_carlost: @verdademz esse nosso país esta de cabeça para baixo



@FernandoSrgio: a caminho de Murrupula #Nampula

engarrafamento na zona da Faina. a viagem podera ser longa e desgastante @Verdademz



@shirangano: Os agentes da FIR estão a revistar as viaturas que passam na Av. Paulo S. Kankhomba, próximo de Mercado Central #Nampula. @verdademz



@bedylicious: Outra? Ou e aquela da semana passada? RT @

[verdademz](http://t.co/uBRuloXyeu): Polícia detém raptora de bebé em #Nacala-Porto <http://t.co/uBRuloXyeu>



@Leonel_Mendes: Opah..@verdademz: Ministério da Saúde

suborna ex-porta-voz da CPSU Adolfo Baú <http://t.co/KDf55YbElf> #greve Profissionais de #saúde



@abelbaloi: Criança atropelada na 3a faixa da EN1 na zona do bagamoyo @verdademz

Seja o primeiro a saber.

Receba as notícias

d'@VERDADE

no seu telemóvel.

Envie uma SMS para o nº 8440404

com o texto: **Siga verdademz**



Editorial

averdademz@gmail.com

Vamos lá recensear

Os dados do Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) são aterradores, mas não explicam, como se pretende fazer crer, a razão da fraca afluência aos postos de recenseamento. Até o presente, sete províncias do país (72,73 por cento) estão muito abaixo de atingir 50 por cento dos eleitores previstos. Um dado preocupante, mas não neste contexto. As avarias nas máquinas, um pouco por todo o país, não explicam estes números. Contudo, a presença do secretários dos bairros e chefes dos quarteirões, nos postos de recenseamento, esclarecem uma parte do problema.

O secretário do bairro e o chefe do quarteirão representam, é bom que se diga, o partido no poder. Na história da nossa democracia os atropelos aos direitos consagrados pelo multipartidarismo e plasmados na Constituição da República têm sido perpetrados por estes agentes do partido no poder. Portanto, escudar-se nos números é, no mínimo, absurdo. Importa lembrar que as campanhas de educação cívica, regra geral, serviram mais para justificar o dinheiro gasto do que para sensibilizar os moçambicanos da importância do sufrágio universal.

As ameaças da Renamo, segundo as quais o recenseamento seria impedido de todas formas também podem explicar números tão sombrios. Curiosamente, Gaza e Inhambane, províncias onde a influência do partido no poder é enorme ultrapassaram a fasquia dos 50 por cento até a data. Não deixa, também, de ser estranho o número residual de duas províncias cruciais, pela quantidade de potenciais eleitores, nas estatísticas do STAE. Zambézia e Nampula, até o momento, registaram 25 por cento do previsto. Um dado assustador, uma vez que se trata de províncias que podem mudar a paisagem política do país.

Não se pode, contudo, falar em teorias de conspiração. No entanto, é preciso ter em conta que a acção dos membros das brigadas e a tática de colocar pessoas nos postos de recenseamento para impedir que cidadãos usufruam de um direito é suspeita. Sentimos, por isso, alguma simpatia pela posição da Renamo que se recusa a participar em mais um teatro de enganos. É que, no actual cenário, tudo concorre para que a Frelimo governe nos próximos anos. O que é perigoso. O perigo, é bom que se diga, não advém da possibilidade de a Frelimo governar, mas sim do facto de poder governar contra a vontade da maioria.

Os números não falam das ameaças e das manobras que visam reduzir o máximo de eleitores possível. O que é preciso fazer, para combater ardis tão frutífero, é sensibilizar o povo para recensear. Não houve campanha de educação cívica, mas o leitor pode falar com os seus vizinhos, familiares, amigos e colegas para obterem, o mais rápido possível, o cartão de eleitor. É preciso denunciar quando for impedido de recensear. O comboio das eleições só passa uma vez e se o perdermos vamos ficar cinco anos a falar dos mesmos problemas e dos mesmos corruptos. E, se assim for, ainda que os mesmos tenham colocados entraves para nos recensearmos, a culpa será exclusivamente nossa. Cada povo tem os governantes que merece.

Quem serão os próximos? A escolha é sua. Portanto, vá recensear-se...



Boqueirão da Verdade

“Prefiro que digam por exemplo: “Sr. Presidente Armando Guebuza, fale com Afonso Dhlakama para resolverem a questão militar; reconsidere a possibilidade de reintegrar as forças residuais no sistema de pensão dos combatentes” ou “aceite por favor a proposta do princípio de paridade na representação política na Comissão Nacional de Eleições” ou “Sr. Dhlakama, reganhe o controlo dos seus homens e ordene-os que parem de uma vez com os ataques a civis” ou “aceite a proposta do Governo de tratar assuntos em sede própria e busque acordos políticos antecipados junto da Frelimo””, Egídio Guilherme Vaz Raposo

“Este tipo de apelo denota não só o domínio dos assuntos que opõem a Renamo ao Governo da Frelimo como também clarifica a tomada de posição concreta sobre o diferendo. Este tipo de mensagens também ajudaria os decisores a ter uma ideia concreta sobre a vontade geral dos cidadãos. “, Idem

“Apelos generalistas e vagos como “A Paz é importante para o desenvolvimento do País, nós queremos a Paz” ou “O diálogo é o melhor instrumento para a solução de problemas”, bla, bla bla, só me enervam porque na realidade são não-posições. São posições cobardes, de chico-expertos, que não querem tomar posições concretas porque, cobardes que são, não querem ser mal vistos por qualquer das partes, mas também não querem ficar calados decidindo assim fazer “barulho”. Eu gostaria de saber dos membros da sociedade civil o que eles pensam. Não que “são pela paz” mas sim quais as soluções para a actual situação político-militar. Não reiterar “o diálogo como única saída” mas “o que deve sair deste diálogo; quais as decisões desejáveis que devem ser comprometidas por todos”, Ibidem

“Será que o Presidente Guebuza pode ter medo da guerra sabendo que a declaração da guerra pode significar a suspensão dos direitos salvaguardados pela democracia e, consequentemente, o prolongamento dos seus anos na posição de Presidente da República de Moçambique? () Será que o presidente do partido Renamo, o sr. Dhlakama, pode ter medo da guerra sabendo que, no contexto actual, perdeu todas as esperanças legais de ascender à presidência de Moçambique? () Será que o presidente do MDM, o sr. Devis Simango, pode ter medo da guerra sabendo que com a declaração da guerra pode legitimar-se, no plano nacional e internacional, assumindo uma posição neutral, civil, pacífica, de “menino bonito e limpo” no meio de beligerantes? () Será que a nova geração pode ter medo da guerra sabendo, de antemão, que a guerra pode dar a oportunidade de surgimento de novos Generais e outras patentes prestigiantes?”, Luís Nhachote

“Mas quando a TVM entra começa a transmitir o jogo com 20 minutos de atraso e coloca um elegante “Directo” no canto superior direito das nossas telas, o que quer dizer? Não basta (des)informar com os médicos? Não basta não captar o lance de golo de uma grande penalidade

por falta de carga na bateria da câmara em pleno jogo do campeonato nacional envolvendo o líder do certame? Até com o futebol internacional também nos querem vigiar? Qui di juris?”, Matias de Jesus Júnior

“Concordando com o possível encontro entre o Presidente Guebuza e o líder da Renamo prevejo os seguintes cenários: obrigar a Renamo a desarmar os seus homens, evitar que Dhlakama volte a Santudjira, lançar um prazo para a entrega voluntária das armas na posse de indivíduos ligados à Renamo na zona de Maringwê, e, por fim, o assalto e ocupação das zonas actualmente ocupadas pela Renamo e a reposição da ordem constitucional”, Muhamad Yassine

“Contrariamente ao lado sul-africano, aqui a TRAC pouco faz para manter a estrada saudável, senão aumentar taxas. Viajar por aqui há muito que deixou de ser confortável. E o perigo aumenta quando se espreita a zona entre Moamba e Mahampsenene. Enquanto isso na África do Sul obras de melhoramento da mesma decorrem num troço ainda maior que o nosso (Lebombo-Ngodwane)”, Puto Mistério

““Nós não só pedimos audiência ao Chefe do Estado como também ao presidente da Renamo, Afonso Dhlakama. Estamos preparados para este encontro logo que ele também se prontificar a receber-nos. () A mensagem que levámos ao Presidente foi da necessidade de se continuar a investir no diálogo para se encontrar uma saída airosa. () Também propomos um encontro directo entre o Chefe do Estado e o líder da Renamo para se encontrar uma solução a este problema”, Dinis Matsolo

“Porque o Presidente da República, que diz ser Presidente de todos os moçambicanos, não dialoga com os partidos políticos moçambicanos? Que receio este dirigente tem de se encontrar com a oposição? Não será este um momento mais que conveniente para o dito dirigente falar com os partidos? Não obstante termos solicitado amiúdes vezes uma audiência para abordarmos assuntos diversos da vida dos moçambicanos, ele só dialogou com o líder da Renamo”, Francisco Campira

“Diz que Dhlakama está a esquivar do diálogo com ele e que está aberto ao diálogo, o que é uma autêntica mentira do Chefe de Estado. O Presidente passa a vida no exterior e nas presidências abertas. Não sabemos a fazer o quê porque aqueles cidadãos com quem fala não são membros dos vários partidos políticos que existem no país. Se tem tempo para andar a dialogar com o povo nas suas presidências abertas porque não encontra um espaço para dialogar com os partidos da oposição?”, Idem

“Neste momento, por exemplo, a Renamo parou, não está a fazer nenhuma acção militar, entretanto o Governo continua a concentrar as forças de defesa e segurança e armamento no local onde se encontra o presidente Dhlakama”, Fernando Mazanga

OBITUÁRIO:

António Rama
1944 – 2013
69 anos



António Rama morreu na segunda-feira, 1 de Julho, em Lisboa, vítima de insuficiência cardiorespiratória. A notícia da morte do actor foi confirmada pelo director do Teatro Nacional D. Maria II, João Mota

Nascido em Montemor-o-Velho em 1944, estreou-se no teatro em 1964, na Casa da Comédia, com a peça *A Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente. Fazia parte da companhia do Teatro Nacional D. Maria II desde 1981 e foi um dos fundadores de A Comuna – Teatro de Pesquisa e do Teatro Experimental de Cascais. Em 1990 dirigiu o grupo de Teatro Bescénio.

António Rama participou ainda em séries televisivas, como *A Ferreirinha*, e telenovelas, entre as quais *Chuva na Areia* e *O Olhar da Serpente*. Recebeu algumas distinções ao longo da sua carreira, entre elas com os espectáculos D. João, de Molière.

Não muito longe do berço de Esther de Carvalho, a actriz oitocentista de Montemor-o-Velho, nasce António Rama. Na vila de Ereira estreia-se em pequenas peças natalícias, ganhando fulgor para os grandes palcos lisboetas. Em 1964 surge o primeiro papel relevante como Pero Marques na Casa da Comédia, juntando-se dois anos depois a Carlos Avilez para fundar o Teatro Experimental de Cascais.

A segunda metade de 80 acaba por ser a grande introdução do actor ao público português, tanto no D. Maria II como na televisão. Em *“Chuva na Areia”* (1984), a terceira novela a ser produzida pela RTP, protagoniza Adolf Schmidt, um turista alemão em Vila Nova da Galé, em texto inédito de Luís de Sttau Monteiro.

No entanto, é na Praça Dom Pedro IV que deixa mais recordações, sobretudo na peça *“D. João”* escrita pelo francês Molière. As palmas parisienses multiplicaram-se em Portugal, com o prémio *“Melhor Personagem Secundária”* em 1986 pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Os galardões sucederam-se no ano seguinte, agora como *“Melhor Actor do Ano”* por *“Anatol”*, a primeira peça do dramaturgo Arthur Schnitzler.

Como intérprete reconhecido, António Rama decidiu começar a dirigir o Grupo de Teatro de Ensaio *“Bescénico”*.

Apesar de ser uma presença constante na televisão, a relação é finalmente firmada quando se torna colaborador fetiche de Francisco Moita Flores, seja em *“Desencontros”*, *“Filhos do Vento”* ou a *“Ferreirinha”*. A sua actividade predilecta ainda estava no teatro, dirigindo *“Facas”* a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, ou *“Cenas de uma Tarde de Verão”* no D. Maria II.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



1. Militar que matou mulher e enteado

Para os nossos leitores, o motivo que tornou possível a acção não é relevante. Alguém que tira a vida aos seus semelhantes deliberada, consciente e cobardemente é Xiconhoca. Pior ainda quando se trata de alguém que trabalha com armas e que jurou defender a pátria. Contudo, decide desonrar o seu fardamento tirando a vida de quem partilhou casa, cama e preocupações consigo. Os nossos leitores pediram para não citarmos o nome do indivíduo por uma questão de decoro. Um jornal como o nosso, dizem, não pode ser manchado por nomes tão torpes. Que as crianças sejam protegidas de Xiconhoca tão repugnante.

2. Líderes da Frelimo e da Renamo

O problema do país continua a ser empurrado com a barriga e os líderes de dois partidos desavindos não parecem capazes de pôr cobro ao caos no qual, por culpa deles, estamos mergulhados até ao pescoço. A Frelimo culpa a Renamo pela morte de civis e esta, por sua vez, retorqui alegando que estamos diante de uma manobra para desinformar o povo. Todas hipóteses são válidas, mas a única formação política que advertiu que os cidadãos nacionais deviam, para sua própria protecção, deixar de circular por aquele troço é a Renamo. Contudo, o partido que Governa é a Frelimo e o mesmo já demonstrou inúmeras vezes que se sobrepõe ao Estado. Portanto, a Frelimo, por via da PRM e FADM, é um partido com poder e meios para perpetrar uma acção do género. Entre os dois que venha o diabo e escolha. O povo fez a sua parte e indicou os líderes de ambos os partidos como Xiconhocas da semana.

3. Poluição sonora

A poluição sonora, ao contrário do que muito boa gente acredita, não acontece apenas nas noites. A que deriva do som alto dos carros e das festas de pessoas mal-educadas é apenas uma das faces do problema. As construções que nascem como cogumelos ferindo, sem dó e nem piedade, a estrutura urbanística de Maputo, só para dar um exemplo, representam autênticos focos de poluição sonora. Ninguém, mas ninguém mesmo, faz alguma coisa e os Xiconhocas continuam a incomodar pessoas inocentes.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Show entre povos

É certo que, no contexto actual, devemos celebrar a nossa dependência de uma governação tirana. Na verdade devíamos chorar por termos sido agraciados com um líder da dimensão de Guebuza. As nossas faces, enquanto moçambicanos, deviam reflectir esse nosso equívoco colectivo. Mas o facto de sermos uns desgraçados não significa que devemos aceitar tudo e mais alguma coisa de fora. A nossa aparência é mesmo de uma *bocaria*, mas daí ao ponto de ceder espaço aos desvarios de Bento Kangamba, o “empresário da juventude”, mora um abismo.

O problema, na verdade, não reside no consumo da cultura do outro. Num mundo cada vez mais globalizado, é normal que isso aconteça. O problema desta Xiconhoquice é a quantidade de lixo em formato de música que encerra. Um *show* entre povos deve ser digno desse nome. Não pode, de forma alguma, representar um espaço de afirmação de adolescentes febricitantes que se dizem músicos quando, na verdade, vivem abraçados eloquentemente ao *play back*. Faltar ao respeito aos moçambicanos é admissível e até louvável. Aliás, ninguém é digno de respeito se não pisar os calos dos cidadãos deste rochedo à beira-mar na primeira oportunidade. Mas faltar ao respeito à música e ao termo povo é abuso demais...

2. LAM

O atraso de voos na companhia da bandeira, para qualquer pessoa sensata, não devia constituir notícia. O normal seria, sempre que tal abrisse um telejornal ou ocupasse uma página de jornal, desligar o receptor ou rasgar o desperdício de papel para falar de algo que, faz tempo, deixou de ser extraordinário. A LAM é pontual nos seus atrasos e preza muito por tal. Portanto, falar de algo tão óbvio, tão natural e corriqueiro é perder tempo.

A LAM é uma espécie de contentor de Xiconhoquices. Se a LAM fosse um país seria como a Somália. A comparação, diga-se, pode ser injusta e pode até ofender o povo somali, mas não deixa de ser interessante. Ainda nesta semana alguns passageiros ficaram cinco horas à espera de embarcar. Ninguém lhes disse nada. Neste aspecto a LAM não deixou os seus créditos em mãos alheias. Os passageiros penaram e bem e quando saíram de Maputo, oito horas depois, viajaram prenhes de ignorância em relação ao sucedido. Apenas no dia seguinte, para não fugir à maneira de ser da companhia da bandeira, é que os jornais informaram que o atraso se deveu a uma avaria do avião que faz a rota Maputo-Joanesburgo. Resta, contudo, saber o que a rota entre nós e o país vizinho tem a ver com os voos domésticos...

3. Alunos continuam a estudar ao relento

É perigoso estabelecer relações de causa e efeito, mas, às vezes, é a única saída que resta aos cidadãos honestos num país que confunde informação de interesse público com segredo de Estado. Portanto, temos de dizer que é vergonhoso saber que toneladas de madeira saem das nossas matas e atravessam oceanos enquanto os filhos deste país estudam debaixo de árvores sem carteiras. Esse jogo de prioridades é extremamente problemático, sobretudo quando o nome de quem Governa aparece conspurcado em negócios obscuros.

Em Maputo temos escolas sem carteiras. @Verdade escreveu inúmeras vezes sobre tais Xiconhoquices. A notícia que nos chega presentemente é de o que o mesmo acontece em Nampula onde mais de 200 turmas do ensino primário do 1º grau, compostas por 18 mil crianças da 1ª a 3ª classe, recebem lições ao ar livre devido à falta de salas de aulas. Se nas escolas da urbe os petizes estudam sentados no chão e em condições inadequadas, o que será dos meninos que se encontram nas zonas recônditas da mesma província e do resto do território moçambicano? E como é que são as escolas do país real?

Assaltantes criam pânico na Zona Verde e Ndlavela

Os moradores dos bairros da Zona Verde e de Ndlavela, no município da Matola, estão apavorados devido à criminalidade protagonizada por indivíduos de má-fé. Alguns recorrem à Bíblia para se fazerem passar por pastores mas na verdade são ladrões, de acordo com as vítimas. Outros invadem os domicílios e, para além de outro tipo de torturas, passam o ferro de engomar pelo corpo de alguns chefes de família na presença de crianças e depois exigem dinheiro. Orlando Modumane, porta-voz do Comando da Polícia da República de Moçambique a nível da cidade de Maputo, confirma o facto mas Pedro Cossa, do Comando-Geral, nega que a preocupação dos cidadãos seja generalizada.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Mangueze

Devido ao medo e receio de mais tarde os supostos assaltantes procurarem algumas pessoas para um ajuste de contas, os nossos interlocutores colocaram como condição para desabafarem a não captação das suas imagens.

Orlando Modumane confirma que, quer na cidade Maputo, quer na cidade Matola, há meliantes que perturbam a tranquilidade dos munícipes. A corporação suspeita de que alguma quadrilha seja responsável por esse desassossego, porém, está a trabalhar com vista a dismantelar o grupo e isso carece de estratégias para o efeito.

Segundo narraram os habitantes da Zona Verde, de há uns tempos para cá, no período nocturno, há um grupo de malfeitores que se faz passar por pastores que alegadamente seguem a missão de difundir o Evangelho com o intuito de expurgar os maus espíritos e a má sorte nas pessoas. Como artimanha, os gatunos recorrem a alguns versículos da escritura para entreter e enganar os seus alvos com orações para depois agredi-los, assaltá-los e roubar-lhes. Há também relatos de violações sexuais.

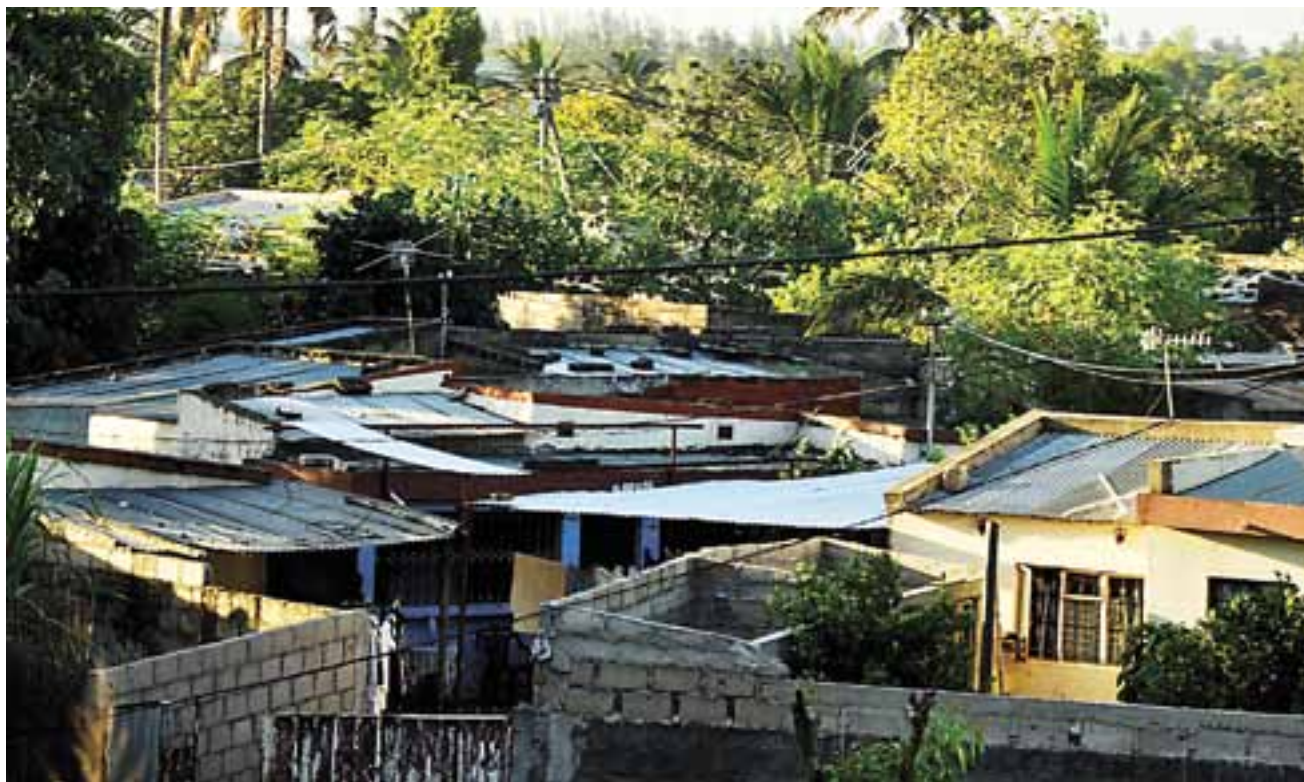
O chefe do quarteirão 5/5 na célula “C”, Festas Balaze, disse ao @Verdade que, para além de recorrem a escrituras sagradas, os delinquentes andam bem vestidos para evitar qualquer tipo de suspeita em relação à sua conduta anti-social. Eles atacam principalmente trabalhadores e estudantes.

Andar à noite, na Zona Verde, afirmou o nosso interlocutor, constitui um perigo e algumas mulheres são forçadas a manter relações sexuais com indivíduos estranhos. A existência de becos sem iluminação no bairro está a concorrer também para o aumento da criminalidade. “Nos últimos dias, a situação é preocupante porque até às 21 horas os moradores ficam dentro das suas casas até o dia seguinte devido ao medo”.

Por sua vez, o chefe do quarteirão 5/2 no mesmo bairro, Américo Wacitela, declarou que os assaltos são constantes nos fins-de-semana, o que impede a movimentação de munícipes à noite. A área mais perigosa é a da “estrada do campo da serra” devido à falta de iluminação pública e de vigilância da Polícia. Esta é acusada de ter medo dos larápios.

Rosa Cuinica mora, igualmente, na célula “C”. À nossa Reportagem disse que ainda não foi vítima de “falsos pastores” mas tem conhecimento de que alguns vizinhos já foram agredidos e roubados por essa agente. A Polícia Comunitária tem estado a patrulhar a zona mas não faz nada para neutralizar os indivíduos que usam a palavra de Deus para alcançar os seus intentos malféficos. “Quando um cidadão não traz consigo nenhum bem valioso, os marginais ficam enfurecidos e agredem de forma macabra com objectos contundentes”.

Basília Mondlane vive na mesma área e está agastada com o que classificou de “recrudescimento de assaltos na Zona Verde”. Para ela, a incerteza, a insegurança e a



desordem têm feito parte do dia-a-dia daquele ponto do município da Matola. A presença da Polícia de Protecção não se faz sentir e a Polícia Comunitária é inoperante. “Os moradores são obrigados a dormir vigilantes”.

A nossa entrevistada declarou ainda que existem indivíduos mal-intencionados que colaboram com as pessoas de má-fé em troca de dinheiro. Outra senhora, que falou sob o anonimato, disse que a população está revoltada, por isso deixou de desembolsar os 60 meticais anuais estipulados para subsidiar dos agentes da Polícia Comunitária.

“Fui vítima”

Celeste Machava vive na célula “C”. Há dias, por volta das 21 horas, quando voltava do trabalho, desceu do chapa numa das paragens da Zona Verde e entrou pelo beco habitual que vai dar à sua casa. Pelo caminho encontrou-se com indivíduos que liam, em voz alta, alguns versículos da Bíblia, trajados como se fossem pastores.

Porque nunca antes tinha ouvido falar dum conjunto de malfeitores que recorrem a orações para roubar os munícipes, Celeste continuou a caminhar mas, minutos depois, foi brutalmente espancada, tendo-lhe sido arrancada a carteira que continha documentos. “Pensei que os meliantes iriam matar-me porque traziam objectos contundentes que não identifiquei devidamente”.

Assaltantes “engomam” as vítimas no Ndlavela

João Manhiça, morador do quarteirão 22, no bairro de Ndlavela, disse-nos que nos últimos meses, nos bairros da Zona Verde, Ndlavela e outros circunvizinhos, ocorrem assaltos monstruosos, em que os meliantes se introduzem nas residências, roubam, causam terror e traumas nas famílias, uma vez que violam física e sexualmente todos os membros da casa, e torturam-nos com recurso a ferros de engomar. O pior é que, por vezes, obrigam todos, incluindo as crianças, a assistir a essas atrocidades.

“Quando os gatunos pedem dinheiro à família e ela diz que não tem, eles torturam alguns elementos dessa mesma família, espancam e queimam com um ferro de engomar os progenitores na presença dos seus filhos”. João Manhiça contou-nos, com tristeza, o que aconteceu à sua sobrinha Isabel e ao marido, Benet, proprietários de uma barraca em Ndlavela. Por volta das 22 horas, o casal voltava para a residência quando um grupo de gatunos o seguiu. A dado momento da caminhada, os larápios imobilizaram as vítimas, espancaram-nas e obrigaram-nas a que os levassem para a sua habitação.

Chegados ao sítio, os malfeitores exigiram dinheiro mas não havia nenhum tostão guardado em casa, por isso acordaram as crianças dos cônjuges, pegaram num ferro de engomar e passaram entre as pernas de Isabel e Benet, de acordo com Manhiça, para quem o que mais inquieta os moradores da zona é o facto de as autoridades locais não mostrarem interesse em relação ao problema. Quando anoitece as famílias entram em pânico porque nunca se sabe qual delas será a próxima vítima e o alívio só é sentido na altura em que o sol desponta.

“Tenho mazelas dos assaltos”

Na noite do dia 10 de Maio passado, por volta das 22 horas, Carlos Mathe, condutor de uma viatura de transporte de passageiros, voltava de mais uma jornada de trabalho, tendo-se dirigido a um parque de estacionamento sito no seu bairro, Ndlavela, para deixar a sua viatura.

Passados alguns minutos, já a caminho de casa, o nosso entrevistado foi, de repente, interpelado por três indivíduos desconhecidos. Sem pronunciarem nenhuma palavra, os meliantes agrediram fisicamente Mathe e roubaram-lhe 1.500 meticais e os seus documentos. A vítima despertou numa enfermaria do Hospital Geral José Macamo, onde ficou duas semanas sob os cuidados médicos intensivos. Em consequência desse assalto, o cidadão perdeu parcialmente a

fala, a locomoção, a audição no ouvido do lado direito e a visão num dos olhos. “E também não consigo carregar coisas pesadas, muito por culpa dos assaltantes”.

A reacção de um sociólogo e um antropólogo

O antropólogo Hélder Nhamaze explicou-nos que essa forma de actuar de pessoas que praticam roubos ou pequenos crimes é uma demonstração clara de que a sociedade está a viver sem regras. Nota-se a ausência da funcionalidade das normas sociais e jurídicas, o que muitas vezes induz o indivíduo a agir da maneira que entender, violando física e sexualmente os seus semelhantes. E muitos meliantes não agem sob o efeito do álcool nem da droga, mas sim porque já não conseguem viver sem cometer desmandos ou um mal contra os outros cidadãos.

Por sua vez, o docente universitário e sociólogo, Eugénio Brás, considera que o facto de os agressores torturarem as suas vítimas é, para eles, um caminho rápido para a satisfação das suas necessidades e pretendem, também, atingir psicologicamente os munícipes sobre quem recaem os danos.

“Está-se perante uma cadeia de indivíduos assolados por doenças mentais, ou seja, por uma patologia social”. Essas pessoas, segundo o nosso interlocutor, precisam de um tratamento psiquiátrico e de uma punição judicial.

Enquanto isso, as restantes pessoas, principalmente crianças, que tenham acompanhado alguma crueldade no momento do assalto, devem ser submetidas a um tratamento médico para atenuar o efeito do trauma, pois, caso contrário, no futuro podem fazer parte de um outro grupo de psicopatas sociais ou de cidadãos que sofram de desequilíbrios patológicos que se manifestam num comportamento anti-social e impulsivo ou agressivo.

Moradores recusam construir instalações para a Polícia Comunitária

Os moradores da célula “C”, no bairro Missão Roque, no Distrito Municipal KaMubukwana, em Maputo, estão de costas voltadas com as estruturas da sua zona supostamente porque são coagidos a desembolsar 20 meticais por família, para a construção de um posto para a Polícia Comunitária no sentido de esta passar a ter melhores condições de trabalho. Os residentes não concordam com a medida e argumentam que há anos que despendem, anualmente, 60 meticais para a mesma força pública encarregue de manter em funcionamento as normas de convivência social local. Porém, persistem os problemas relacionados com a insegurança, a falta de esclarecimento de alguns delitos e a não identificação dos responsáveis pelos mesmos.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguze

Os entendidos na matéria defendem que, actualmente, o serviço de policiamento comunitário é, sem dúvidas, uma forma de vigilância que mais se aproxima das aspirações da população. Contudo, pelo menos na cidade de Maputo, os munícipes andam agastados e declaram que não se identificam com essa polícia, nem confiam no trabalho dela, pois, por vezes, são as próprias pessoas da corporação que roubam aos munícipes.

Segundo os habitantes daquela área, apesar de reconhecerem que a ausência de um posto policial é uma preocupação de todos, pagar o valor em causa seria o mesmo que estar a “fazer um pacto” com uma corporação com a imagem já desgastada devido ao mau serviço prestado à comunidade. As pessoas malevolentes continuam a cometer desmandos e nada lhes acontece porque pouco se tem feitas no sentido de refrear os seus actos.

Apesar de haver munícipes que se queixam de já terem sido forçados a pagar os referidos 20 meticais, outros afirmam que nunca o irão fazer. Hélio Banze vive no



bairro Missão Roque, é uma das pessoas revoltadas e disse que a população não pode ser obrigada a custear as despesas de construção de uma instalação para indivíduos que não conseguem garantir a segurança no bairro e a integridade física dos seus moradores.

De acordo com o nosso interlocutor, o que mais lhe preocupa é facto de as autoridades da zona intimidarem os cidadãos que não aceitam desembolsar o valor em causa e ainda terem de ouvir palavras segundo as quais “caso essa pessoa tenha um problema não será dirimido naquele no posto policial a ser erguido pelos outros, a não ser que pague o dobro do valor exigido pelos líderes de quarteirões”.

“Como é que num país com um Governo a população é compelida a fazer o que não é estritamente da sua competência?”, perguntou Banze que acrescenta: “isso representa um encargo para um cidadão sujeito ao pagamento dos vários impostos que não trazem nenhuma mudança na sua vida. Estamos cansados de ser roubados mas desta vez não vou tirar nada, nem que me escorracem da zona”.

No entender de Banze, as autoridades locais pretendem aplicar o dinheiro em coisas particulares e não para satisfazer os interesses da comunidade, uma vez que as inquietações dos residentes em relação aos malefícios protagonizados por indivíduos de má-fé não estão a ser resolvidas, não está a ser contida a violência urbana, nem na sua área, nem num outro ponto da capital do país, principalmente porque o policiamento comunitário não funciona como uma força empenhada na melhoria do relacionamento entre si e a sociedade, e nem procura restabelecer a sua credibilidade e a confiança perante a população.

O problema exposto pelos nossos entrevistados parece sério, uma vez que alguns cidadãos interpelados pela nossa Reportagem falaram na condição de anonimato, alegadamente porque temem represálias. Segundo eles, a cobrança coerciva do montante em alusão está a dividir as opiniões no bairro, mas uma parte significativa de munícipes não vai desembolsar nenhum tostão, não obstante as ameaças proferidas pelo chefe do quarteirão três, Sebastião Sitóe.

“Nem fomos consultados sobre a ideia de se construir um posto da Polícia Comunitária com o dinheiro proveniente dos nossos bolsos”.

“Os agentes do policiamento comunitário não fazem nada. Os chefes locais deviam primeiro encontrar formas de combater o crime e a insegurança no bairro e não estarem a pensar nas artimanhas para extorquir dinheiro”.

Em contacto com o @Verdade, Américo Matavele narrou que ficou indignado quando o chefe do quarteirão três foi à sua casa exigir 20 meticais com a finalidade de se construir instalações para uma força pública que se tem mostrado ineficaz na sua mis-

são de patrulhar o bairro Missão Roque.

“As suas acções continuam nulas e, ao invés de garantir a tranquilidade, colabora com os assaltantes e também comete desmandos”. Entretanto, quando o responsável da zona jurou, a pés juntos, que nenhum membro da família Matavele iria ser atendido no posto a ser erguido, o nosso entrevistado sentiu-se amedrontado e desembolsou o valor, “apesar de reconhecer que não vai adiantar nada no que tange às preocupações dos moradores”.

As contribuições não são obrigatórias

Não foi possível ouvirmos as reacções dos outros líderes locais. Todavia, Sebastião Sitóe, chefe do quarteirão três, disse à nossa Reportagem que nenhuma pessoa foi forçada a participar nas despesas de construção das referidas instalações, só desembolsa 20 meticais quem achar conveniente. Não se trata de uma edificação de raiz mas, sim, do melhoramento de uma residência que está abandonada há bastante tempo.

Nesse contexto, Sitóe classificou os depoimentos dos residentes com quem conversámos de descabidas e, na sua opinião, isso só demonstra que há gente de má-fé, que não quer que se edifique um posto de policiamento comunitário na zona.

As pessoas não percebem a importância disso para a resolução dos embargos que tiram o sono à comunidade. “Em nenhum momento ameaçámos quem quer que seja dizendo que não iríamos atender as suas preocupações se não contribuísse na construção do estabelecimento policial”.



Em algumas cadeias os reclusos regeneram-se

Há vidas com um antes e um depois. Moisés Filimone é uma pessoa cuja existência reflecte com exactidão essa máxima. O cativo é o elemento que delimita os momentos e traça as linhas daquilo que poderá ser o futuro deste jovem após o cumprimento da pena de 20 anos de prisão. Ele está convicto de que não é um prisioneiro qualquer, na medida em que durante o período da reclusão estará a desenvolver alguma actividade que lhe permita reinserir-se socialmente logo que for restituído à liberdade.

Texto & Foto: Nelson Miguel



Moisés Filomeno, de 28 anos de idade, natural do distrito de Milange, na província da Zambézia, está detido na Penitenciária Industrial de Nampula por ter matado o seu tio supostamente porque matou a sua mãe com recuso à feitiçaria. O caso foi dirimido pelo Tribunal Judicial do Distrito de Milange. “Cometi um erro aos 18 anos de idade e é um crime de que não quero recordar. Gostaria tanto de ser perdoado pela minha família e pelos meus amigos”, disse aparentemente arrependido o rapaz, que dos 20 anos de cadeia já cumpriu nove e crê que um dia vai concretizar o seu sonho de ser engenheiro electrónico, uma decisão tomada no presídio depois de recomeçar os seus estudos e ter beneficiado de vários cursos profissionais.

Quando o nosso entrevistado foi condenado havia concluído a 6ª classe do Sistema Nacional de Educação (SNE) e sabia ler mas com muita dificuldade. Entretanto, o que para alguns pode ser considerado um castigo (a privação de liberdade), para ele (que não tem escolha) é um benefício, uma vez que dentro da cadeia pôde voltar à instrução e, hoje, frequenta a 11ª classe. No mesmo estabelecimento prisional, de um enclausurado sem nenhum ofício, Filomeno tornou-se um homem com meios e competências necessárias para que não cometa novos crimes uma vez em liberdade.

Há detidos que frequentam os cursos de formação apenas para ocupar o tempo mas não é o caso do jovem que passou a gostar dos livros a ponto de a paixão pelo saber se apossar dele como um vício. Por isso, ele pretende concluir o nível médio para depois refazer a sua vida. Aliás, o mesmo disse que depois de cumprir metade da pena, vai requer a sua liberdade condicional. Daí o cidadão vai continuar a formar-se e vai fazer o nível superior em engenharia electrónica, nem que mais tarde a sociedade o descrimine, pois está ciente de que quando que for restituído à liberdade a sua vida não vai ser fácil, já que algumas pessoas irão olhar para ele com desdém.

Foras das celas, nesse ano, Filomone pretende ser um exemplo positivo para os outros reclusos que depois do cumprimento das suas penas reincidem, supostamente devido ao desespero a que ficam sujeitos por não terem uma formação profissional ou académica.

“Consegui ter a profissão por mim desejada. Poderei (ao sair da prisão) lutar com o meu esforço até atingir o nível superior nesta área de electrotecnia”, disse o jovem cuja história mostra que, efectivamente, as penitenciárias podem ser vectores importantes na reinserção social dos reclusos. Não bastam que eles acordem, comam e apanhem banhos de sol. Tal como mostra a trajectória do nosso interlocutor, é preciso que haja mais educação e formação nos meios carcerários. As administrações prisionais

deviam encontrar formas eficazes de ocupação durante o período de reclusão a não ser apenas jogar aos berlindes e cartas.

Outro sonho

Na altura em que era um cidadão livre, Filomeno vendia sapatos e roupa usados. Ele aproveitou o nosso meio de comunicação para fazer um pedido aos gestores das prisões, sobretudo ao Ministério da Justiça: que a construção de instituições de ensino superior seja, também, expandida para as cadeias de modo que os enclausurados tenham a oportunidade de se formar. Deve haver, sobretudo, leccionação de mais cursos profissionalizantes ajudando os prisioneiros a ganharem aptidões para a vida após a sua soltura.

Aliás, essas palavras do indivíduo que temos vindo a citar são um reflexo do que o mundo tem defendido: “o ensino no meio prisional assenta na defesa do princípio de que o recluso não deve perder o direito constitucional de aprender”. Contudo, para a concretização desse objectivo é preciso que formalmente seja estabelecida uma cooperação entre os ministérios da Educação e da Justiça “para que os reclusos possam ter acesso, dentro da prisão, ao ensino com uma estrutura idêntica à que existe no exterior”.

Recluso apaixonado pela Niketje

O nosso entrevistado disse que o facto de estar na Penitenciária Industrial de Nampula fez com que passasse a conviver com pessoas de diferentes origens. Como resultado disso, integrou-se num grupo de canto e dança e aprendeu vários tipos de coreografias, com destaque para as de Mapico e Niketje. Esta última é a mais praticada. “Quando se toca o batuque, ao som de Niketje esqueço, por vezes, que estou numa prisão a cumprir uma pena de 20 anos”, desabafou.

A cadeia é uma escola

Dentro de um contexto de preparação dos reclusos para o reinício duma vida sã na sociedade, a Penitenciária Industrial de Nampula ministra vários cursos profissionais e académicos. Filomeno é prova disso, o dá a entender que aquele presídio tem pelo menos alguma tarefa útil.

Gonçalo Jerónimo Macassa, psicólogo e chefe do Departamento dos Serviços de Reinserção Social naquele estabelecimento prisional, contou-nos que o propósito dos cursos levados a cabo é criar oportunidades para que os cidadãos condenados tenham uma profissão e que saiam dali a saber fazer algo como forma de garantir o seu sustento no futuro.

Como resultado dessas iniciativas, há casos de sucesso relacionados com indivíduos que eram considerados criminosos perigosos mas, através da formação profissional de que beneficiaram e da reabilitação psicossocial na altura em que cumpriam a suas penas, actualmente trabalham em carpintarias, lojas, hotéis, indústrias, empresas do ramo de electricidade, construção civil, padaria, dentre outras. Algumas pessoas desenvolvem actividades por conta própria e têm novas abordagens sobre a vida e convivência social, explicou Macassa. De acordo com o nosso interlocutor, a unidade prisional de que é responsável está a capacitar, neste momento, 136 enclausurados em matérias de agricultura, 65 canto formam-se em dança, 30 em culinária, 25 em electricidade, 25 em serralharia e 20 em panificação. Para além desses cidadãos, outro grupo de 124 reclusos, na sua maioria em liberdade condicional, já foram empregues em alguns sectores de actividade mas estão a ser directamente acompanhados pela cadeia, segundo fez saber o psicólogo, para quem os cursos ministrados na prisão são igualmente extensivos à população que vive nas imediações e aos funcionários daquela mesma unidade carcerária.

Caros leitores

Pergunta à Tina...Como corrigir um aborto por incompatibilidade sanguínea?

O que significa a paz para cada de um de nós? Para mim, é um sentimento de estabilidade e segurança, que vai desde o coração, o espírito, o sistema imunológico até as relações humanas com os vizinhos, colegas, amigos, familiares e a sociedade em geral. Se não temos paz dentro de nós, somos mais susceptíveis a cometer actos que colocam em risco a nossa vida e a nossa saúde. Isso inclui comportamentos sexuais de risco. Vamos lá trabalhar para a nossa paz interior, pessoal, para contribuímos para a paz no nosso país e no mundo. Nesta nossa coluna, trazemos informação que ajuda; falamos sobre saúde sexual e reprodutiva, por isso, se queres saber mais, envia uma mensagem...

Enviei-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina! Faz três vezes que a minha esposa concebe e aborta no segundo mês, e quando foi ao médico disse-me que há incompatibilidade sanguínea. O que fazer para corrigir esta situação? Cumprimentos

Olá e obrigada pela tua pergunta. Ela é pertinente e importante não só para ti, mas para outros leitores. Uma resposta directa sobre formas de correcção não é possível trazer na coluna mas sim através de exames médicos. Realmente, há várias causas para o aborto instantâneo, desde factores genéticos, até aspectos físicos e/ou emocionais. Sem que tenhas participado nesta consulta, não é possível que saibas tanto as razões concretas, como as possíveis soluções. Por isso, a minha sugestão é que tu participes na consulta de ginecologia da tua esposa e faças perguntas mais concretas ao médico ou médica. Muitos homens têm receio de ir às consultas de ginecologia. Todavia, esta é realmente uma das melhores formas de estarem mais informados sobre a saúde das vossas parceiras. Então, coragem companheiro.

Olá Tina. Chamo-me Nelsa, e tenho um problema: quando fico nervosa começo a sangrar, não porque estou no período, é só naquele momento e depois passa. Beijós

Olá para ti também. Era preciso que me dissesse a tua idade antes de mais, para podermos investigar a causa da hemorragia. Tu sofres é da chamada Hemorragia Uterina, mas ela depende de vários factores. Ela pode ser resultado de uma situação orgânica, que pode ser uma lesão interna do útero ou no canal da vagina. Mas ela também pode ser causada por problemas hormonais, ou disfunções cardíacas. O que te aconselho é a ir à consulta de ginecologia, e também de cardiologia para saberes se estás com algum problema cardíaco que afecta a tua função ginecológica. As consultas de cardiologia podem ser feitas nos grandes hospitais em Maputo, ou noutras cidades capitais. Já as consultas de ginecologia são feitas em quase todas as grandes unidades sanitárias (Centro de Saúde e Hospitais).

Milhares de alunos são instruídos ao relento em Nampula

Na cidade de Nampula, mais de 200 turmas do ensino primário do 1º grau, compostas por 18 mil crianças da 1ª a 3ª classe, recebem as suas lições ao ar livre devido à falta de salas de aula. Se nas escolas da urbe os petizes estudam sentados no chão e em condições inadequadas, o que será dos meninos que se encontram nas zonas recônditas da mesma província e do resto do território moçambicano?

Texto & Foto: Redacção



Nos estabelecimentos de ensino de M'puecha, Teacane, Namutequeliua, 25 de Junho, Mutauanha, Murapaniua, Terrene, Barragem, Muthita, Namicopo e Serra da Mesa a situação é considerada crítica, uma vez que os futuros quadros deste país são estudados debaixo dos cajueiros e expostos a intempéries.

A representante de Estado no município de Nampula, Felicidade Costa, afirmou que por causa desse problema, no período chuvoso, as 18 mil crianças de diversas instituições perdem a oportunidade de estudar e no Inverno o processo de aprendizagem é condicionado porque os instruendos chegam tarde à escola.

A insuficiência de salas de aulas e a falta de dinheiro são apontadas como sendo os grandes constrangimentos que o sector da Educação enfrenta na província mais populosa de Moçambique, facto que interfere constantemente no aproveitamento pedagógico dos alunos e na melhoria da qualidade de ensino.

Alberto Agostinho, director da Escola Primária de Namicopo, na cidade de Nampula, disse-nos que na sua instituição há pelo menos 23 turmas da 2ª, 3ª e 4ª classes, compostas por 40 a 45 alunos, a serem formadas debaixo das árvores.

Não se sabe quando é que o problema será ultrapassado porque não existem fundos para se erguer novas salas de aulas. O orçamento alocado pelo Governo não contempla a construção de infra-estruturas físicas.

Enquanto não houver soluções para essa situação, milhares de crianças continuarão a estudar sem abrigo e em condições indignas porque “não podemos deixar alunos fora da escola”. Os pais e encarregados de educação negam-se a contribuir com valores monetários na construção de mais compartimentos destinados às actividades de ensino supostamente porque, no passado, a anterior direcção de Namicopo colectou montantes com o mesmo propósito mas nenhum bloco foi comprado.

Agostinho afirmou que, devido a essas anomalias, no primeiro trimestre deste ano o aproveitamento pedagógico foi de 50% em quase todas as turmas, incluindo as que são leccionadas em sítios cobertos.

Bruge Ruphia, director dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia em Nampula, reconhece as dificuldades com que se debatem as escolas de M'puecha, Teacane, Namutequeliua, 25 de Junho, Mutauanha, Murapaniua, Terrene, Barragem, Muthita, Namicopo e de Serra da Mesa, porém, ainda não há alternativas para contorná-las por falta de fundos.

Neste ano lectivo, a cidade de Nampula inscreveu 181.706 alunos em todos os subsistemas de ensino e o governo local planificou edificar quatro escolas secundárias novas em diferentes distritos.

O nosso entrevistado explicou que na Escola Primária Completa de Mapara serão erguidas 20 salas de aula, cinco na Escola Primária de Mutotope e igual número na Escola Primária 22 de Agosto.

Refira-se que a cidade de Nampula conta, actualmente, com 12 escolas secundárias, 57 primárias e quatro institutos de formação profissional, números considerados insatisfatórios para responder às necessidades de toda a província.

Há mais crianças ao relento em Nampula

No distrito de Murrupula, existe outro grupo de 1.500 alunos que é formado debaixo das árvores. Ao todo são 30 turmas, de acordo com o director dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologias daquele ponto da província de Nampula, Alfredo Salimo. Enquanto isso, 300 salas de aula foram construídas com base em material precário, principalmente pau-a-pique.

Segundo Salimo, em Murrupula, existem 127 compartimentos convencionais destinados às actividades de ensino e aprendizagem, das quais 92 sem carteiras. Outro assunto que preocupa as autoridades é o facto de os professores deixarem os estudantes sem aulas quando se deslocam à universidade na urbe, a 70 quilómetros dos seus postos de trabalho.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Uma alternativa ao desemprego que não permite prosperidade

Em Moçambique, o desemprego afecta mais de 22% dos 23 milhões de habitantes e o grupo etário mais flagelado é o de 15 a 40 anos de idade, segundo os economistas e aqueles que se ocupam da estatística. Por um lado, eles estimam que, anualmente, cerca de 300 mil jovens procuram, sem sucesso, emprego formal e, por falta de alternativas, recorrem ao comércio informal. Por outro, calcula-se que o Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFP) coloca, em cada ano, menos de 10 mil jovens em diferentes sectores de trabalho (público e privado), num universo de mais de três milhões de “desocupados” espalhados pelo território moçambicano.

Texto & Foto: Sérgio Fernando e Virgílio Dêngua

De acordo com os especialistas em estatística, nas zonas urbanas do país, “as taxas de desemprego estão acima de 40% e grande parte da população jovem vive do sector informal, uma vez que o mercado tem uma série de limitações para as pessoas não adultas e recém-formadas, mesmo em áreas técnico-profissionais”.

Enquanto isso, os analistas criticam, por sua vez, as apregoadas iniciativas de auto-emprego devido à falta de capital e conhecimento para a sua concretização.

Aliás, alguns entendidos na matéria problematizam ainda o facto de as pessoas de pouca idade não terem “onde buscar recursos financeiros para materializar os seus projectos mesmo tendo conhecimento”, o que coloca os jovens numa situação de “condenados ao desemprego”.

Perante esta realidade que apoquenta a juventude moçambicana, o @Verdade visitou, na cidade de Nampula, os vendedores de caixas de papelão e de pneumáticos nas avenidas Paulo Napatima e do Trabalho, respectivamente, para saber como é que os comerciantes entram para o negócio e até que ponto resolvem, através do mesmo, as suas dificuldades do dia-a-dia ou progridem na vida.

Ussene Mussa, de 19 anos de idade, natural da cidade de Nampula, vende pneus usados desde 2010. Disse-nos que os seus clientes são aqueles cidadãos cujas condições financeiras não permitem comprar um pneumático novo num estabelecimento comercial.

Os fornecedores são os próprios automobilistas mas desconhece-se a proveniência desse material que tende a aumentar de número em diferentes lugares da urbe e do país.

Por vezes, fica-se uma semana sem se vender nada, mas quando há clientes o negócio compensa o esforço empreendido, pois um pneu adquirido a 500 meticaís pode ser comercializado a 1.000 meticaís, contra os 3.000 meticaís que custa um pneumático obtido a 1.500 meticaís. Esses valores são estipulados em função do tipo e do estado de conservação do produto em causa, por isso, por vezes, o comprador pede desconto e isso causa algum prejuízo.

Mussa vive com a esposa e é dos poucos jovens que a partir do dinheiro que ganham das suas actividades construiu uma casa própria, embora seja com base em material precário.

“Não consegui nada que sirva de lembrança”

Chinho Amade, de 23 anos de idade, também exerce o mesmo negócio. Em 2011, ele frequentava a 9ª classe mas foi coagido a deixar de estudar para fazer alguma coisa rentável para ajudar a sua família, uma vez que



acabava de ser obrigado a contrair matrimónio com a sua namorada em virtude de a ter engravidado. Hoje, para além de ser casado, o jovem é pai de uma criança e reside em casa dos sogros.

O nosso interlocutor afirma que procurou um emprego formal mas não conseguiu, tendo a sua opção sido vender pneus usados. Contudo, queixa-se de estar a fazer um negócio que não rende o suficiente para alguém prosperar económica e socialmente, nem ter um domicílio próprio. Os montantes obtidos somente cobrem as despesas de alimentação, porém, com muito sacrifício.

Um dia, o vice-governador do Banco de Moçambique, António Pinto de Abreu, defendeu, num encontro de empresários decorrido na cidade da Matola, que o sector informal não resolve o problema de desemprego no país, porque as pessoas podem vender os seus produtos e serviços hoje e obter rendimentos, mas o mesmo pode não acontecer no futuro. As palavras do segundo “homem mais forte” do Banco Central encaixam como uma luva na vida de Chinho Amade e de tantos outros jovens que, debaixo de um calor abrasante, da chuva e da tempestade, procuram, a todo o custo, satisfazer as necessidades dos seus dependentes.

“Com esta actividade não tenho como garantir um futuro melhor para os meus filhos porque até este momento ainda não consegui nada que sirva de lembrança do negócio que faço há dois anos. Todavia, não é a mesma coisa que estar de braços cruzados”.

Comerciantes estrangeiros invadem o “mercado”

Assane Momade, de 34 anos de idade, faz parte dos jovens que depois de concluírem a 12ª classe não conseguiram arranjar um emprego formal. Há três anos que ele vende pneus usados mas os rendimentos do seu negócio apenas chegam para comprar comida. A residência na qual mora foi deixada pelos pais já falecidos. “A minha filha frequenta a 5ª classe e comprar material escolar tem sido uma dor de cabeça. Não imagino quando ela estiver no ensino secundário, pois as despesas vão aumentar”.

Para além da falta de clientes, os vendedores informais de pneumáticos queixam-se da presença de cidadãos estrangeiros que de há uns tempos para cá têm estado a invadir as áreas de comércio descobertas por jovens de Nampula e pra-

ticam valores muito baixos: por exemplo, um pneu que devia custar 1.000 meticaís é vendido a metade do preço e há uma concorrência desleal.

Venda de caixas também gera renda

Em Nampula, a luta pela sobrevivência é feita de diversas maneiras. Os jovens negoceiam igualmente caixas de papelão (usadas para empacotar e proteger diversos produtos) como forma de obter dinheiro, a par do que acontece na zona baixa da cidade de Maputo. Trata-se de uma actividade que tende a ser feito por muita gente e, apesar de se dizer pouco rentável, é exercido por quem realmente não mede esforços para se sacrificar.

Albino Américo, de 22 anos de idade, é natural do distrito de Monapo, de onde partiu para a cidade de Nampula a pedido da sua tia que, infelizmente, perdeu a vida. Devido ao desamparo, quando ainda criança, ele juntou-se, em 2003, a um grupo de amigos para vender caixas de papelão.

Na altura, o jovem tinha 10 anos de idade e recorda, com muita tristeza, que ele e os companheiros andavam de lixeira em lixeira, eram confundidos com marginais, à procura de recipientes usados para empacotar e proteger produtos.

Desde esse momento, tanto ele como os vendedores com quem há mais de 10 anos exerce a actividade em alusão não tiveram outra ocupação melhor. Porém, a luta por um futuro melhor persiste e, apesar de lhes faltar muita coisa, pelo menos conseguem sustentar as suas famílias.

Manuel Estêvão, de 25 anos de idade, foi abandonado pela mulher, tendo-o deixado com a responsabilidade de cuidar de duas filhas cujo sustento provém do comércio de caixas de papelão. Por dia, ele vende 30 unidades e os principais fornecedores são os armazenistas.

Os preços de compra desses recipientes variam de 15 a 30 meticaís e os valores de revenda oscilam entre os 50 e 150 meticaís, dependendo do tamanho e do estado de conservação.

Esses jovens, que não medem esforços para garantir um prato de comida nos seus lares, têm um aspecto em comum: o facto de grande parte deles ter desistido da instrução, alguns por falta de meios, outros por não conseguirem conciliar os estudos com o negócio, e outros ainda tiveram de optar entre ir à escola e vender alguma coisa para alimentar os seus dependentes.

Os que ainda desejam voltar aos bancos de um estabelecimento de ensino para aumentar os seus conhecimentos dizem que não têm meios financeiros para o efeito, o que torna os seus sonhos letra-morta.

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de expor um problema que acontece no Docks Bar do Clube Naval, sito na Avenida da Marginal, na cidade de Maputo.

Os trabalhadores daquele estabelecimento têm sido vítimas de racismo dos seus patrões, ou seja, não têm direito ao mesmo tratamento legal em relação às outras pessoas. Trata-se de um caso que se alastra há bastante tempo.

Na altura em que fomos contratados éramos tratados como filhos da casa e não de acordo com a nossa origem étnica, mas, pouco tempo depois, os procedimentos do patronato na sua relação com os empregados mudaram completamente, pois começou a chamar-nos nomes que demonstram uma atitude de segregação racial com o objectivo claro de nos humilhar mas sem direito a reclamar porque senão seremos demitidos.

Todos os funcionários queixam-se desse problema e, por não aguentarmos sofrer calados, decidimos

lançar um grito de socorro para ver se alguma coisa muda no que tange à falta de consideração e respeito por parte dos nossos patrões. Na empresa não há diálogo porque tememos represálias ou palavras ofensivas que têm sido pronunciada, tais como “ macaco, se continuares assim vais ficar na rua porque não sou teu pai”.

O que mais nos deixa angustiados é facto de, apesar de sermos os únicos trabalhadores que dia e noite garantem o funcionamento do Docks Bar do Clube Naval, o patronato não nos trata com humanismo e como pessoas com valor na sociedade, somente o nosso serviço importa para ele.

O facto de sermos gente sem condições financeiras não significa que seja um problema para alguém nos espezinhar. Não obstante a diferença da pigmentação da pele, somos todos iguais. Agradecemos que o Jornal @Verdade nos ajudasse a esclarecer esse assunto junto do patronato e gostaríamos, também, de obter explicações sobre as razões desse comportamento negativo.

Resposta

Sobre a inquietação dos nossos reclamantes, a nossa Reportagem contactou o Docks Bar do Clube Naval, por intermédio do chefe de recursos humanos, Daniel Moiane. Este disse que não existe nenhum problema de segregação racial na instituição que representa e nem há espaço para esse tipo de atitudes.

Segundo o nosso entrevistado, o que tem acontecido é uma interpretação errada dos actos de alguns gerentes no momento em que estiverem a fazer com que os trabalhadores cumpram as suas obrigações.

Daniel Moiane não nos disse concretamente a que ac-

ções se referia, susceptíveis de levar os funcionários a sentirem-se destruídos por causa do conceito de que uma cor ou raça é superior a outra. Todavia, o nosso interlocutor se contradisse ao admitir que o racismo de que se queixam os cidadãos que nos escreveram pode acontecer na altura em que o patronato exige disciplina, profissionalismo, eficiência e respeito aos clientes e às normas internas.

Moiane afirmou que grande parte dos trabalhadores pensa que uma chamada de atenção de uma pessoa de pele diferente da negra é um sinal que concorre para um acto de segregação racial.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

FACTO

A verdade em cada palavra.

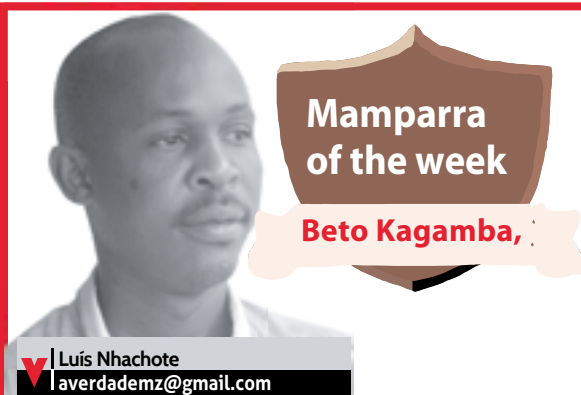
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

Agentes e Promotores de Espectáculos

Os mamparras desta semana são os nossos agentes e promotores de espectáculos musicais que, ausentes que são, não tiveram iniciativa para organizar algo para nos desanuviar nas celebrações dos 38 anos da nossa independência. Não tiveram arte nem engenho.

A iniciativa foi de um cidadão angolano, Beto Kagamba, que fechou a brecha não materializada pelos mamparras desta semana. A independência nacional, que celebrámos desde a noite chuvosa de 25 de Junho de 1975, é a data maior de todos os moçambicanos.

Naquela noite, celebrou-se colectivamente o sonho da liberdade, do final do jugo colonial, da tirania, da escravidão, da humilhação...

Nada, diga-se, contra a iniciativa do cidadão oriundo do outro lado do Atlântico. A questão pertinente é: onde estavam os nossos agentes e promotores de espectáculos que desperdiçaram a soberana oportunidade de acalmar os corações apreensivos dos moçambicanos que andam entristecidos desde que os tiros voltaram a ecoar 21 anos depois?

Será que não conseguiram patrocínios ou estão com crise de imaginação? A tal auto-estima, vezes sem conta propalada pelo mais alto magistrado da nação, não lhes tem ecoado nos ouvidos? Ou entra-lhes de um lado e a seguir sai do outro?

Que tipo de agentes e produtores de espectáculos são estes? Ou está(vam)o na lista de espera para conseguirem organizar os seus espectáculos por cima da pista de tartan do Parque dos Continuadores, ali onde se moldou a campeão olímpica, Lurdes Mutola?

É lícito desconfiar que essa mamparrada possa estar em curso pois a destruição daquela pista está a meter cifrões em algumas contas bancárias de outros mais “empreendedores”.

E a mamparrada foi tão bem fechada que o agente e/ou produtor Kagamba escolheu a Praça da PAZ para a realização do concerto que juntou vários músicos e cantores.

Não estou em crer que nenhuma das empresas gigantes do nosso mercado tivesse coragem suficiente de recusar patrocinar tal evento, uma vez que se tratava da celebração da nossa moçambicanidade.

Há dias em que creio que algumas mentes, quando atingem o estágio da menopausa intelectual criativa, deveriam submeter-se a um intenso tratamento aos neurónios para ver se despertam da longa hibernação.

É que não se tratando, começaremos a ver em todos os lugares, como mosquitos em debandada, eventos de datas genuinamente moçambicanas a serem organizados por qualquer atento que aterrou de pára-quedas na nossa pátria amada.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Eleições Autárquicas em directo

Recenseamento: Catandica atinge a meta e nos restantes municípios ainda prevalecem (alguns) problemas

O Secretariado Técnico da Administração Eleitoral do distrito de Bárue, província de Manica, afirma ter alcançado a meta de registo de cidadãos eleitores no município de Catandica. Até o dia 1 do mês em curso, a menos de 20 dias do fim do processo, já tinham sido recenseadas as 11.376 pessoas previstas.

Enquanto isso, nos restantes municípios os postos de recenseamento ainda continuam "às moscas", havendo casos de alguns que nem atingem os 50 eleitores por dia. Esta situação pode ser atribuída ao fracasso da campanha de educação cívica que está a ser levada a cabo pelo STAE. Cidadãos indicam que a mesma não se faz sentir no terreno, sendo que muitos só ficaram a saber do recenseamento eleitoral através dos meios de comunicação. "Há agentes de educação cívica que não saem dos postos de recenseamento, mas recebem por isso", dizem algumas pessoas. Prova disso é o que está a acontecer nas 10 novas autarquias, cujo processo começou no dia 20 de Junho, nos quais apenas 22.82 por cento dos eleitores previstos é que se recensearam na primeira semana, o que põe em causa o alcance das metas uma vez que estes municípios têm apenas três semanas para o efeito. Noutros, os cidadãos queixam-se da morosidade devido à falta de flexibilidade por parte dos membros das brigadas, alguns dos quais são acusados de tratar/atender mal os eleitores que pretendem recensear-se. Em relação ao equipamento, ainda prevalecem casos de falta de corrente eléctrica e de ruptura de tinteiros, havendo o registo de um posto em Nampula que não abriu por três dias devido a esse problema.

Em Pemba, no bairro Cariacô, há um posto que foi instalado numa residência, e nalguns pontos do país ainda há chefes de quarteirões e líderes comunitários que impedem cidadãos de se recensear alegadamente porque não são conhecidos. Facto curioso é que tal acontece às portas dos postos de recenseamento, onde estes têm estado na qualidade de fiscais de partidos políticos.

06/25/2013 10:19 | by @Verdade

O posto na EPC da Praia no município de Xai-xai, abriu as 8 horas. Segundo observadora eleitoral equipamento operacional, brigada completa mas não há cidadãos para serem recenseados.

06/25/2013 10:20 | by @Verdade

O posto na EPC Mussave, no município de Chibuto, abriu as 8 horas. Segundo observadora eleitoral equipamento operacional, brigada completa mas não há cidadãos para serem recenseados.

06/25/2013 10:21 | by @Verdade

O posto na EP1 Muchabje, no município da Macia, abriu as 8 horas. Segundo observador eleitoral equipamento operacional mas não há cidadãos para serem recenseados.

06/25/2013 10:23 | by @Verdade

O posto na EPC Filipe S. Magaia, no município de Mandimba, abriu as 8 horas. Segundo observadora eleitoral equipamento operacional, brigada completa fraca afluência de cidadãos para serem recenseados.

06/25/2013 11:56 | by @Verdade

O posto na EPC Bairro popular no município de Lichinga, abriu. Segundo observador eleitoral equipamento operacional, brigada completa fraca afluência de cidadãos para serem recenseados.

06/25/2013 12:10 | by @Verdade

O posto na EP1 Chilico, no município de Cuamba, abriu esta manhã mas só começou a recensear as 11h44 altura em que foram repostos os tinteiros que acabaram ontem, segundo observador eleitoral.

06/25/2013 15:54 | by @Verdade

O posto na EP 7 de Abril em Kamaxaquene, no município de Maputo, parou de recensear as 13h50 porque acabaram os tinteiros para impressora. Segundo observador eleitoral os brigadistas arrumaram todo equipamento e fecharam o posto.

06/25/2013 16:13 | by @Verdade

O posto na ES da Macia, no município da Macia, parou de recensear as 15h25 devido a avaria do computador. Segundo observador eleitoral quando se tentar introduzir dados o cursos do computador não se mexe apesar de ter sido reiniciado.

06/25/2013 17:04 | by @Verdade

O posto na EPC de Inhamissa, no município de Xai-xai, esteve sem recensear algumas horas devido a falta de energia. Segundo observador eleitoral, quando a energia foi repostas recenseou sem até ao encerramento as 16 horas.

06/26/2013 16:52 | by @Verdade

No posto na EPC Eduardo Mondlane, no município da Beira, o recenseamento decorreu sem problemas técnicos até ao encerramento. Segundo observadora eleitoral houve fraca afluência de cidadãos.

06/27/2013 08:43 | by @Verdade

O posto na EP Unidade 1, no município do Chibuto, abriu as 8 horas com a presença de toda brigada. Segundo observador eleitoral o equipamento está operacional. Não há cidadãos para serem registados.

06/27/2013 10:01 | by @Verdade

O posto na EPC Namuinho, no município de Quelimane, abriu com cerca de meia hora de atraso. Segundo observador eleitoral o equipamento está operacional e a brigada está toda presente.

06/27/2013 11:04 | by @Verdade

O posto na EPC de Inhagóia B, no município de Maputo, abriu. Segundo observador eleitoral o recenseamento parou devido a falta de boletins para impressão dos dados dos eleitores.

06/27/2013 14:56 | by @Verdade

Posto localizado na EPC 25 de Setembro, na cidade de Chimoio, ainda não tinha sido aberto até as 8 horas de hoje. A máquina leva duas horas a carregar, e isso acontece no período em que devia estar a ser usada para registar as pessoas. Observador eleitoral

06/27/2013 19:22 | by @Verdade

No Posto nº 85, Brigada 78, na Escola Primária de Michenga, em Metangula, houve fraca afluência de eleitores. Os brigadistas atendiam mal as pessoas, segundo observador eleitoral

06/27/2013 19:35 | by @Verdade

No posto localizado na EP de Maxaquene, o agente da polícia não se fez presente. Não foi registado nenhum eleitor porque não conseguiam imprimir os cartões. Este problema verificou-se depois da troca de tonner. Segundo observador eleitoral, havia muitos eleitores

06/28/2013 11:43 | by @Verdade

Posto localizado na EPC Chuiba, no município de Pemba, está a funcionar normalmente. Há fraca afluência de eleitores devido a fracasso da campanha de educação cívica, segundo observador eleitoral

06/28/2013 11:50 | by @Verdade

Posto localizado na Pista de Atletismo no bairro de Luchirungo não funcionou entre as 8 e as 9 devido à falta de energia, segundo observador eleitoral

06/28/2013 16:21 | by @Verdade

Na EPC de Rimbane, no município de Cuamba, a brigada não aceitou fornecer o número do posto, que parou de funcionar as 10 horas devido à falta de tinteiros. muitos eleitores não recensearam.

06/28/2013 16:26 | by @Verdade

No posto localizado em Mucupa, brigada 33, no

município de Cuamba, a máquina acabou carga a meio do processo. Observador eleitoral

06/28/2013 16:28 | by @Verdade

Posto localizado na EPC de Mutxora, no município de Cuamba, a máquina imprime a mesma foto várias vezes, por mais que se introduzissem novos dados. Cidadãos não se recensearam. Observador eleitoral

06/28/2013 16:37 | by @Verdade

No posto localizado na EPC de Gogone, no município de Quelimane, os brigadistas chegaram às 8h30 e só começaram a trabalhar 15 minutos depois. Observador eleitoral

06/28/2013 16:52 | by @Verdade

Até a hora do fecho, a máquina do posto localizado na EPC de Gogone, no município de Quelimane, demorava processar e por vezes desligava-se sozinha. Observador eleitoral

06/28/2013 17:42 | by @Verdade

Posto 85 Brigada 75, localizado na EP Michenga, município de Metangula, funcionou normalmente, mas houve fraca afluência de eleitores. Algumas pessoas não puderam recensear-se por se suspeitar que estes vivem fora do município. Segundo observador eleitoral, agentes de educação cívica não se movimentaram, ficaram no mesmo sítio.

06/29/2013 10:13 | by @Verdade

Posto da EPC Filipe S. Magaia, brigada nº 01, município de Mandimba, está a registar muita afluência de eleitores. Porém, segundo observador eleitoral, a máquina está avariada desde ontem e a equipa de técnicos só chegou esta manhã.

06/29/2013 18:09 | by @Verdade

No posto na EPC de Contab, no município do Gurué, o recenseamento decorreu sem problemas operacionais até ao fecho. Segundo observadora eleitoral houve alguma afluência de cidadãos. Um dos cidadãos não pôde recensear-se porque só faz 18 anos em Setembro e segundo os brigadistas o computador não aceita essa informação.

06/30/2013 12:15 | by @Verdade

No posto na EPC de Namicopo-sede, no município de Nampula, o processo de recenseamento está paralizado desde ontem devido à uma avaria na impressora. O STAE foi informado mas os técnicos ainda não apareceram. Neste posto foram recenseados, desde o primeiro dia, 1857 eleitores.

06/30/2013 12:46 | by @Verdade

O posto na EPC Sinacura, no município de Quelimane, abriu com dois brigadista a operaram cada um o seu equipamento de recenseamento. Segundo observador eleitoral como trabalham sozinhos o registo está decorrer com muita lentidão.

Vai te RECENSEAR



SMS: 90440

(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)

até 23 de Julho para poderes votar
Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?
Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?



Email: averdademz@gmail.com



WhatsApp: **84 399 8634**



BBM Pin: **2A8BBEFA**

Democracia

UniLúrio: Uma universidade em constante crescimento

Aos seis anos de existência, a Universidade Lúrio (UniLúrio) impõe-se como uma instituição de ensino público de excelência na região norte de Moçambique. Com pólos nas províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa, a UniLúrio já conta com um universo de 1430 estudantes distribuídos em 13 cursos de licenciatura. Porém, diga-se em abono da verdade, estes são apenas os primeiros anos de uma entidade que surgiu da necessidade do compromisso com a educação como base para o desenvolvimento do país.

Texto: Hélder Xavier • Foto: Júlio Paulino

A propósito de mais um aniversário da Universidade Lúrio, @Verdade visitou o campus desta instituição pública de ensino superior localizado no bairro de Marrere, arredores da cidade de Nampula. Um mero telefonema foi a chave que ligou o motor para o arranque de uma curta conversa com o reitor da universidade, Jorge Ferrão, que falou das realizações, desafios e ambições da instituição, transcorridos seis anos.

Ao longo da sua existência, a UniLúrio construiu cerca de 120 espaços funcionais de trabalho em Nampula, Pemba e Sanga (província de Niassa), além de três refeitórios em cada um desses pólos. Também foram erguidas 18 residências em Nampula, quatro no Niassa, e projecta-se a edificação de outras 25 no Niassa.

Presentemente, a universidade conta com pouco mais de 54 salas de aulas, e laboratórios devidamente equipados. Além disso, a universidade vai criar um hospital universitário e um hospital de olho.

@Verdade – Volvidos seis anos de existência da UniLúrio, qual é o balanço que faz?

Jorge Ferrão (JF) – O balanço é manifestamente positivo porque começámos um projecto de raiz, absolutamente sem nada e hoje temos já os três pólos edificadas ao fim de seis anos. Convinha-nos começar com apenas três cursos porque era aquilo que nós tínhamos capacidade para fazer, nomeadamente Medicina, Medicina Dentária e Farmácia, e anos depois acrescentámos seis novos cursos, todos eles da área técnica.

Temos ainda o privilégio de introduzir pela primeira vez no país os cursos de Nutrição e Optometria, e ainda assim introduzimos também em Pemba, com muita dificuldade, os cursos de Engenharia Mecânica e Construção Civil.



@V – Presentemente, quantos docentes a universidade tem?

JF – Começámos com cerca de 20 docentes, hoje temos 192 que atendem um total de 1430 estudantes. Temos um rácio de um docente para 7.4 estudantes, eventualmente um dos mais aceitáveis a nível do ensino superior em Moçambique.

O importante é que ao mesmo tempo que estamos no processo de estabelecimento da universidade nós criámos um plano estratégico e neste plano nós contemplámos a possibilidade de termos 80 por cento dos nossos docentes com nível de mestrado até 2014. Não tenho muita certeza se conseguiremos chegar lá, mas pelo menos vamos ultrapassar os 60 por cento.

O ideal seria termos 70 por cento de mestrados e outros 30 de doutorados. Este ano vamos introduzir os cursos de mestrados na área de saúde e estaremos preparados para fazer o mestrado em parceria com as outras universidades para a área de ciências agrárias.

@V – O que motivou a escolha de cursos técnicos?

JF – Basicamente aquilo que nós notámos quando nos foi dada a missão no primeiro inquérito constatámos que o rácio médico/paciente era de um para 50 mil e claramente se notava que havia falta de pessoal na área de ciências de saúde, então decidimos enveredar por essa área. E eu acho que foi uma das melhores apostas que poderíamos ter feito porque é de pessoal de saúde que nós temos falta, sobretudo numa região como Nampula, Zambézia, Cabo Delgado e Niassa. A estratégia foi aproveitar os recursos que teríamos para formar um médico e indexar também a formação de outros profissionais de saúde, por isso privilegiámos, a Medicina Dentária, a Nutrição, a Optometria e a Enfermagem.

Em relação à Enfermagem, estamos a ter a possibilidade de mudar um quadro em que os enfermeiros iam fazer cursos de História e Geografia e hoje têm a possibilidade de continuar na sua área de formação. Mas a motivação principal foi a carência do pessoal médico na região norte de Moçambique.

@V – Transcorridos seis anos, qual é o impacto da universidade na sociedade?

JF – Acho que um dos maiores ganhos que nós temos passados esses seis anos é o facto de se provar que é possível inovar no processo de formação e, ao mesmo tempo, investir em infra-estrutura. Não é concebível que a gente faça o ensino superior sem infra-estruturas.

E nós pautámos desde o primeiro instante por fazer investimentos fortes em infra-estruturas. Naturalmente porque é um ensino público, é um ensino estruturante, e a questão de infra-estrutura vai obrigar que os restantes também criem infra-estruturas, pois só assim nós podemos fazer esse ensino com excelência.

O segundo ponto: nós trouxemos para Nampula e a região norte muito capital humano, tivemos de levar pelo menos 10 docentes de nacionalidades diferentes. Por outro lado, tivemos a possibilidade de trazer outras nacionalidades como discentes. Terceiro elemento: eu acho que foi a inovação que fizemos a nível metodológico porque, não tendo grandes recursos, optámos por associar o nosso ensino à extensão universitária.

A extensão universitária provou-nos que era possível buscar muito conhecimento junto das pessoas, e fazer com que a postura do estudante e do docente fosse diferente em relação àquilo que é um conhecimento tradicional.

O último ponto nós abrimos o horizonte dos estudantes, sobretudo do ensino secundário. Nos primeiros três anos, Nampula não meteu nenhum candidato na universidade, a maior parte vinha de outras províncias. Nos últimos anos, Nampula já consegue ter um volume de estudantes superior a outras províncias e estão a entrar por mérito próprio e não porque criámos uma cota especial para Nampula.

@V – É verdade que a UniLúrio pretende construir um hospital universitário?

JF – Estamos a pensar num hospital universitário e desde o ano passado temos vindo a dar passos junto do sector privado de modo a obtermos um equipamento de ponta. Nós queremos fazer um hospital de 70 camas que servirá para aumentar a capacidade de oferta de Nampula, mas, mais do que isso, daríamos possibilidade aos médicos que existem de criarem os seus próprios espaços de trabalho.

Eu não estou contra a proliferação desses pequenas clínicas, mas acho que podemos oferecer alguma coisa com mais qualidade aos nossos pacientes. Podíamos ter um ponto de referência para fazer análises que pudessem ajudar no diagnóstico.

Democracia



A ideia é continuar a trabalhar nesse hospital e vermos se no começo do próximo ano, entre Março e Abril, podemos arrancar. Por outro lado, temos a ideia de fazer um hospital do olho em parceria com a Índia. Iniciámos as negociações este ano, em Maio, vamos usar uma parte do bloco de salas que temos. Esses são os projectos que temos. Mas a nossa universidade, para crescer, ela precisa também de virar uma incubadora de empresas.

A primeira empresa que incubámos chama-se Centro de Estudos Interdisciplinares da Lúrio, e aqui vamos fazer e já estamos a fazer várias testagem de produtos alimentares. Estamos também às portas de lançar o nosso programa de rádio. Já comprámos o equipamento, vamos fazer a montagem nas próximas semanas. O terceiro empreendimento que queríamos fazer teria a ver com a produção de soja e precisaríamos de fazer parceria com uma empresa.

@V – Quais são as dificuldades enfrentadas nos últimos tempos?

JF – Quando vim começar o projecto havia duas ideias que gostaria ter desenvolvido.

Uma seria de ter criado uma área de conservação na província de Cabo Delgado, sobretudo para os estudantes de Biologia, e nós fizemos a parceria com a empresa Cabo Delgado Biodiversity and Tourism para ficar com essa área, mas a prática provou-nos que não basta apenas a intenção, é preciso muito mais recursos para viabilizar o projecto. As condições estão lá.

A segunda é a área de Desporto. Todas as universidades que existem aqui em Nampula deviam ter um projecto desportivo um pouco mais relevante.

Eu tenho um equipa boa de atletismo, mas não formei, apenas enquadrei os atletas. Nós damos um apoio e eles correm em nosso

nome, mas não conseguimos estruturar um boa equipa de basquetebol e andebol. Estamos desaparecidos no escalão máximo de futebol a nível da cidade.

Essa é uma mágoa que fica. Felizmente, tenho dois jogadores de ténis muito bons e para motivá-los estamos a organizar o campeonato nacional da modalidade, o campo está a ser construído e as bancadas também.

@V – O que se pode esperar dos primeiros médicos formados na UniLúrio?

JF – Esses meninos é como se fossem os nossos filhos. E cada um de nós tem uma expectativa muito grande em relação aos seus filhos. Eu tenho muitas expectativas, mas também sou realista.

Eles, a nível familiar, vão ser perfeitos, mas não têm um hospital de ponta, o nosso hospital em nada se compara ao Hospital Central de Maputo, então temo que haja algum défice em relação ao contacto com certas disciplinas.

Nampula até recentemente não tinha um dermatologista e estamos a forçar para que haja, mesmo noutras áreas a carência é grande.

A universidade já contrata muitos médicos para colmatar a falta de especialistas numa determinada área mas precisamos mais de sintonia entre a universidade e o hospital.

O Hospital Central de Nampula é um hospital universitário, não era antes de nós chegarmos. Se esse hospital não tivesse esses estudantes, eu não sei se teria a mesma postura. É preciso que o hospital faça investimentos sabendo que é um local de referência na formação.

@V – Qual é a sua opinião em relação à qualidade de ensino superior em Moçambique?

JF – Esse é um pronunciamento que já faze-

mos há bastante tempo. Vamos compreender que não havia instituições e foi necessário criar, foi necessário abrir espaço para o sector privado. Estamos os dois, ensino público e privado, dando oportunidades. Hoje temos para cima de 110 mil estudantes no ensino superior, queremos mais. Mas também é verdade que depois de atingirmos o patamar de 100 mil já temos que olhar para as condições em que estamos a oferecer essa formação porque doutro modo é um problema. Temos de parar e reflectir sobre o que estamos a oferecer e em que medida isso vai ajudar no desenvolvimento do país.

A nossa universidade ocupa a posição 384 a nível das universidades africanas, mas esta avaliação é feita por fora. Nós não estamos a fazer dentro do país e precisaríamos duma avaliação para saber qual é o nosso padrão. Eu não compreendo porque não se está a fazer.

Já se fizeram vários investimentos para a criação de uma comissão nacional, mas não funciona. Se tivéssemos uma avaliação interna a nível do ensino superior, eventualmente não teríamos muitas reclamações. Quando não há qualidade, não há condições para trabalhar.

@V – O que é que a sociedade pode esperar da UniLúrio?

JF – Eu coloco a questão de uma forma contrária: o que é que a UniLúrio tem que esperar da sociedade? Mas temos que melhorar o ensino secundário, eu sou um grande apologista de que o ensino superior tem de estar ligado ao ensino secundário, nós precisamos de trabalhar muito com o ensino secundário e não vale a pena esconder isso.

Tenho também a convicção de que temos de diversificar os tipos de cursos, temos de ter algum equilíbrio entre os cursos de carácter técnico e as humanidades. Enfim, temos de desenvolver mais em desporto, literatura, teatro, cultura e promoção de bem-estar social. Queríamos também que a sociedade não ficasse excluída desse processo, tem de ter responsabilidade nesse processo de ensino.

Publicidade



Ministério da Saúde

DÚVIDAS SOBRE SAÚDE SEXUAL E SIDA?



Ligue
AlôVida!

Chamada Grátis e Confidencial

800 149
82 149
84 146





De segunda a sexta das 8 as 22 horas
Sábado das 9 as 15 horas



Democracia

Cidadãos moçambicanos debatem Estado da Nação

Pouco mais de mil cidadãos moçambicanos, entre representantes de partidos políticos, associações da sociedade civil, académicos e o público reuniram-se na quarta-feira (03), na capital do país, para em conjunto reflectirem em torno do “Estado da Nação”. O encontro ocorreu numa altura em que o país vive momentos de tensão política caracterizados pela interdição da livre circulação de pessoas e bens na zona centro e por ataques armados que resultaram na morte de civis.

Texto: Alfredo Manjate

No final do encontro, a ideia que prevaleceu sobre o estado da nação foi a de que o país, nas condições em que se encontra, não está bem, havendo, por isso, necessidade de se encontrar meios para uma mudança efectiva.

O debate foi, de resto, bastante aceso e o Parlamento Juvenil (PJ), promotor do evento, comprometeu-se a transcrever as ideias centrais que saíram do encontro numa carta a ser dirigida ao Presidente da República, Armando Guebuza.

“Desde 2005 o país regista fraca produtividade”

Na abertura do encontro, o líder do PJ, Salomão Muchanga, referiu-se aos níveis de improdutividade, à corrupção e à pobreza como tendo aumentado de forma drástica desde 2005, um ano depois da ascensão de Armando Guebuza ao cargo de Presidente da República. Esse cenário, que resulta da má governação do país, veio contrariar a tendência que se vivia desde o ano da independência, 1975, que era de crescimento e com baixos níveis de descontentamento social.

Para solucionar estas e outras questões que preocupam os moçambicanos, particularmente a situação de iminente guerra, Muchanga diz que o diálogo não deve ser privatizado. É que, na sua óptica, a Renamo e a Frelimo, este último na qualidade de partido no poder, estão a privatizar o diálogo quando as questões em causa dizem respeito a toda a nação; por isso, deviam ser debatidos de uma forma mais abrangente.

“Guebuza pode não estar interessado no diálogo com Dhlakama”, Raul Domingos

Enquanto o país aguarda pelo anunciado encontro entre o Pre-

sidente da República, Armando Guebuza e o líder do maior partido da oposição, Afonso Dhlakama, o antigo negociador do Acordo Geral de Paz (AGP), Raul Domingos, mostra-se incrédulo em relação à vontade do chefe dos Estado em dialogar. Para este, o anúncio do encontro visava apenas dar protagonismo político a Guebuza. “Eu não estou a ver o presidente da Renamo a vir para Maputo”, disse o ex-número dois da Renamo, que defende a ida de Guebuza a Santundjira para dialogar com o líder da “Perdiz”.

Por sua vez, o cientista político, Jaime Macuane, julga que as conversações entre a Frelimo, através do Governo, e a Renamo contrariam a ideia de um país multipartidário e criam um cenário de bipartidarização, onde a tónica dominante é a exclusão de outras forças partidárias e da sociedade civil. “As negociações são feitas em nome do povo, mas com a ausência do povo”, apontou.

Sobre a pertinência ou não de se desarmar os homens da Renamo, uma intenção apresentada pela delegação governamental como questão prévia nas rondas negociais com a delegação do partido visado, as ideias divergiram.

Os que defendem o desarmamento da Renamo afirmam que nenhum partido deve ser político-militar. Aliás, enfatizam, as armas devem ser geridas pelas Forças Armadas de Defesa, independentes do poder político-partidário.

Entretanto, os que apoiam uma Renamo armada afirmam que essa é uma forma de se ter uma oposição forte e que garante um Estado democrático. Ao anunciar a vontade de retirar aqueles instrumentos das mãos da “Perdiz”, o Governo pretende fragilizar aquele partido da oposição.

Para Jaime Macuane, as armas de fogo constituem a única força de a Renamo pressionar o Governo e ao exigir que lhe seja retirada esta força o Executivo põe em causa a sua “genuína vontade de negociar”.

Por sua vez, o historiador e analista político, Egídio Vaz, refere que mais do que discutir o desarmamento ou não da Renamo, o que no seu entender neste momento é inexe-

quível, a preocupação devia ser no sentido de se preparar as próximas eleições autárquicas previstas para 20 de Novembro próximo.

Ainda na senda do encontro, o líder do Partido para a Democracia e Desenvolvimento, Raul Domingos, explicou que “a questão da partidarização de Estado foi sendo maltratada ao longo dos anos, e que por causa disso, passados 20 anos da assinatura do AGP, ainda falamos de homens armados da Renamo, mas também temos homens armados da Frelimo, apesar de que deste ninguém fala”.

No seu entender, a diferença entre os dois grupos é que uns são formais e outros são informais. “Temos uma questão de partidarização do Estado que não foi devidamente tratada, e com a qual não é possível avançarmos como nação”, asseverou.

Moçambique padece de “Guebuzite”

Manuel de Araújo, edil de Quelimane, é defensor de uma Renamo armada, pois, na sua óptica, este partido ainda é o garante de um Estado democrático e só consegue fazê-lo por via das armas. “Desarmar a Renamo agora não é a melhor estratégia para se alcançar a paz”, enfatizou.

De Araújo, no auge da sua intervenção, disse que “o país está doente” e que o mesmo padece de “Guebuzite”, uma doença cuja característica principal, segundo disse, é a “ambição pelo poder”.

Por sua vez, o presidente da Associação Médica de Moçambique (AMM), Jorge Arroiz, considera que Moçambique deve caminhar para uma paz efectiva, sendo que para tal não pode depender de duas pessoas.

Perante os problemas concretos, o Governo deve procurar soluções. “Se é preciso amolecer o coração de Afonso Dhlakama é também necessário amolecer o coração do chefe do Estado para que este aceite as soluções que lhe são propostas”.

Para Custódio Duma, presidente da Comissão Nacional dos Direitos Humanos, este

encontro revela que “estamos a caminhar para a mudança e ninguém pode travar isso”. Este lamentou ainda o facto de o espaço de exercício da cidadania ser pequeno. “Quem critica ainda é visto como inimigo”.

Partidos políticos

O encontro contou também com os representantes dos três partidos políticos com assento no Parlamento, nomeadamente a Frelimo, que tem a maioria absoluta, a Renamo, o maior partido da oposição, e o Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

Na ocasião, o representante do Movimento Democrático de Moçambique, Ismael Nhanacuacue referiu que o cenário que agora se vive no país resulta da intolerância política e que a solução do problema só poderia sair de duas formações políticas (Renamo e Frelimo), porque se trata de um problema político-militar.

“O maior influenciador deste cenário é o partido Frelimo, enquanto força que governa”, disse, justificando o silêncio do seu partido perante a cenário de guerra no país.

Por seu turno, a Renamo, representada por Domingos Gundana, sublinhou que depois do AGP nunca foi sua intenção alcançar o poder por via das armas. Este disse ainda não ver sentido na exigência do ponto prévio por parte do Governo, uma vez que quando a Renamo, no início das rondas negociais trouxe à mesa as questões prévias, o mesmo afirmou não serem necessárias.

Por seu turno, o membro da Frelimo, Armando Simbine, afirmou que o país está em paz, embora existam pessoas que pretendem desestabilizá-lo. Sobre a questão prévia no diálogo entre o Governo e a Renamo, respondeu categoricamente que o mesmo era necessário.

Guebuza e Dhlakama façam as pazes e deixem o povo em Paz!



A verdade em cada palavra.

Democracia

“Eu não quero a guerra”

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, disse, na última quarta-feira, que se Sathunjira, o seu “quartel-general” na província central de Sofala, for atacado, tal acto constituirá um precedente para um conflito no país. Dhlakama confirmou ainda a autoria dos últimos ataques em Muxúnguê por parte dos seus homens e negou o assalto ao paiol de Savane, em Dondo. “Eu não quero a guerra”, afirmou peremptoriamente na conferência de imprensa realizada em Gorongosa. Num outro pronunciamento, afirmou que o chefe de Estado, Armando Guebuza, “não é um líder sério”.

Texto & Foto: Hélder Xavier

Na vila municipal de Gorongosa, na província de Sofala, a agitação é a mesma de sempre, apesar de há mais de quatro meses na zona ao redor do distrito notar-se a entrada de militares da Forças Armadas de Moçambique (FADM) e agentes da Força de Intervenção Rápida (FIR), uma unidade paramilitar da Polícia da República de Moçambique (PRM), todos os dias. Diga-se de passagem, a população continua a levar a habitual vida tranquila.

Porém, à entrada do posto administrativo de Vunduzi, a 30 quilómetros da vila sede de Gorongosa, o cenário é outro. Uma cancela improvisada da Polícia de Trânsito e da FIR no único acesso à localidade chama a atenção de quem por lá passa. Todos os veículos que se fazem àquele local são revistados pela Polícia moçambicana. Ao longo da via é possível ver militares da FADM de arma em punho, dando a impressão de que se caminha para uma região de guerra. O motivo é o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, que se encontra “aquartelado” em Sathunjira desde Outubro do ano passado. “Eu não sou prisioneiro, porque é que sou cercado?”, questionou Dhlakama numa conferência de imprensa havida na quarta-feira, 03 de Julho, e acrescentou que “começo a acreditar nas informações de que me querem fazer aquilo que fizeram ao Savimbi, digo que não é a solução. Talvez em Angola tenha sido uma solução”.

Descontraído e no habitual jeito “informal” que o caracteriza, o líder da Renamo afirmou que só irá a Maputo para o encontro com o Presidente da República, Armando Guebuza, se forem criadas condições para a sua segurança pessoal e sejam retiradas as forças militares ao redor de Sathunjira. Sublinhou que está disposto a ir, mas não pode fazê-lo porque a zona onde se encontra é cercada pelo exército moçambicano.

“Não é porque a Frelimo pode atacar, mas os meus homens, sabendo que não estou, podem ser os primeiros a fazê-lo”, disse tendo ainda afirmando que “qualquer ataque à Sathunjira é generalizar a terceira guerra em Moçambique. [...] É diferente um ataque aqui outro ali. Eu não quero que isso aconteça porque jurei que jamais iria dirigir a guerra. Estou aberto a ir a Maputo com a condição de se retirar essas forças de modo a evitar-se que, na minha ausência, façam o ataque ou os meus homens iniciem a investida”. Porém, num outro ponto, o líder da Renamo questionou a razão de o encontro não poder ser realizado em Gorongosa. E afirmou também que o chefe de Estado, Armando Guebuza, “não é um líder sério”, porque só reage quando a situação está crítica.

“O problema é a Lei Eleitoral”

A revisão da Lei Eleitoral continua a ser a exigência do partido Renamo. Na passada quarta-feira, Dhlakama voltou a tocar no assunto, tendo comentado que essa é a razão do impasse com o Governo moçambicano. Se as negociações entre as delegações do Executivo de Armando Guebuza e da Renamo que já vão na sua 9ª ronda avançarem, a sua força política vai participar nas eleições autárquicas que se avizinham. Segundo o líder do maior partido da oposição, a actual lei destina-se a acabar com a democracia em Moçambique e criar um conflito interminável.

“É preciso que essa lei seja revogada, é necessário introduzir novos elementos para melhorá-la de modo que seja um dispositivo capaz de fazer com que qualquer força política do país sinta que vai jogar num campo sem espinhos”, disse, tendo acrescentado ainda que o principal obstáculo à democracia em Moçambique é a FIR, criada ilegalmente há 20 anos.

A Renamo reivindica a paridade de membros na composição dos órgãos eleitorais do país. “Eles enchem as urnas de votos sozinhos no Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE)”, acusou Afonso Dhlakama para depois questionar: “Porque é que eles têm medo de se juntar aos outros?”

Sobre a delegação do Governo no diálogo, Dhlakama afirmou que “eu mandei o meu grupo seriamente, só o Pacheco é que não é sério”. O líder da Renamo disse que o seu partido não luta para ganhar as eleições, mas sim para que a democracia se torne efectiva em Moçambique.



“Nós conhecemos dois Presidentes, não falo muito sobre Samora Machel porque o seu tempo era da revolução, de ódio, de perseguição aos colonos. Muitos dizem que era comunista mas, na verdade, ele não sabia o que era comunismo, lia o que os outros escreviam e repetia ‘A luta continua’. E o outro (Joaquim Chissano) tentou melhorar, não digo que foi o melhor porque também roubou votos. Agora este (Guebuza) não. Se ele conseguisse, já teria mudado a Constituição da República para concorrer 40 vezes, essa é a intenção dele”, disse.

Dhlakama salientou que, se o mandato de Armando Guebuza terminar enquanto não tiverem sido resolvidos os problemas relacionados com as reivindicações apresentadas pelo seu partido e não houver eleições, a Renamo será obrigada a fazer uma campanha para a formação de um Governo de transição.

A despartidarização da PRM foi também um dos assuntos levantados pelo líder da Renamo. Afonso Dhlakama disse que os seus homens só integrarão a Polícia moçambicana se esta deixar de pertencer ao partido Frelimo. “Se isso acontecer, eu já posso dormir com a minha família sem medo de ninguém. Agora não é possível levar um homem que garante a minha segurança e colocar na Polícia da Frelimo, amanhã ele pode vir assassinar-me. Eu não sou burro”, afirmou.

De acordo com Dhlakama, a Renamo não é um partido armado, ao contrário da força política no poder que obriga todos os agentes da PRM a serem seus membros. “Os nossos homens foram corridos das FADM e os poucos são forçados a filiar-se à Frelimo. A FADM, que era orgulho nacional, já não é uma instituição do Estado, passou a ser um exército da Frelimo. Agora, qual é o partido armado?”, questionou.

Num outro pronunciamento, respondendo às questões colocadas pelos jornalistas sobre a possível participação da Renamo nas próximas eleições autárquicas, Afonso Dhlakama garantiu que o seu partido vai participar caso a Lei Eleitoral seja revista. “É preciso que se perceba que nós não estamos a boicotar as eleições, pelo contrário, estamos a negar a forma como o processo é conduzido, é um procedimento que vai matar a democracia”.

Ataques na EN1

Relativamente aos ataques registados no passado mês de Junho na Estrada Nacional número 1, concretamente no distrito de Chibabava, Afonso Dhlakama disse que houve um aviso prévio e, acrescentou, não entende o porquê da prisão do chefe do Departamento de Informação da Renamo, o brigadeiro Jerónimo Malagueta. “Ninguém atacou civis, não era preciso ir até Muxúnguê para atacar os civis porque está cheio de civis aqui em Sathunjira ou Gorongosa. Eu não ataco as pessoas indefesas porque eu tenho o apoio delas”, sublinhou.

Malagueta foi detido um dia depois de, numa conferência de imprensa, ter lido o comunicado do seu partido no qual anunciava a paralisação da circulação de pessoas e bens na EN1. “Ele leu uma declaração que não foi contra a Constituição, nem para dividir o país. Não vejo nenhum erro. Podia ter dito coisas mais horríveis do que aquilo porque há razões para isso”, disse o líder da Renamo e acrescentou que a nota lida pelo brigadeiro teve a sua autorização e o objectivo da mesma era alertar aos transeuntes de modo a tomarem cuidado ao circular naquele via que liga a região norte ao sul do país.

Dhlakama disse ainda que, enquanto os filhos dos dirigentes acumulam riquezas e estudam fora do país, a Frelimo manda “crianças”, de 18 anos de idade, para morrer nos confrontos com a Renamo. “Quero garantir a paz em Moçambique para todos, sentimos por aquelas crianças das FADM, de 18 anos idade, a carregar ferros e tudo para morrer de graça. Por isso, vocês jornalistas devem estar no lado certo, não se preocupem com o dinheiro (...) a paz e a democracia não são para a família Guebuza ou para a família Dhlakama são para nós todos”, afirmou o líder da Renamo.

Os problemas que se verificam nos últimos dias, segundo Afonso Dhlakama, não são novos, eles surgem do não cumprimento do Acordo Geral de Paz. “Se a Frelimo tivesse cumprido, certamente, o problema seria outro. É que hoje querem que a Renamo aceite a incompetência da Frelimo e assumam que está a perder as eleições porque não tem capacidade, enquanto o mecanismo para a democracia não existe”, comentou.

Uma vida tranquila em Sathunjira

Para chegar até Sathunjira, o quartel-general do líder da Renamo, no posto administrativo de Vunduzi, é preciso passar por quatro cancelas. A primeira pertence à Polícia moçambicana e o exército nacional, e as restantes três ao partido Renamo.



À entrada, a impressão é de que se está a chegar a uma região de grande risco, mas, após um percurso de, pelo menos, 10 quilómetros a realidade é outra. A população leva uma vida tranquila e pacata. A presença dos militares da FADM e os homens da Renamo não parece intimidar os moradores daquela região. Os habitantes, que vivem exclusivamente à base da agricultura de subsistência, continuam a dedicar-se às actividades agrícolas e ao comércio informal sem sobressaltos. A zona é um potencial produtor de mapira e milho.



Afonso Dhlakama não vive isolado como se pode imaginar e, em volta do seu “quartel-general”, existe um pequeno povoado que parece ignorar a sua presença. A zona é fortemente protegida pela segurança pessoal do líder da Renamo. Num primeiro contacto, a ideia é que a sua milícia não passa de uma centena, mas na hora da refeição o número de pessoas cresce subitamente. Diversas panelas enormes de comida e uma fila quase interminável de homens revelam que, na verdade, ele é protegido por um exército.

“Nunca pedimos comida à população, pelo contrário, às vezes, somos nós que vamos oferecer a eles. Temos machambas, eu pessoalmente tenho uma pequena empresa e vendo pedras semi-preciosas”, respondeu Dhlakama quando questionado sobre onde arranjava dinheiro para alimentar aquele numeroso grupo de pessoas.



Selo d'@Verdade

Ofensiva Generalizada contra Professores da cidade de Maputo

Em primeiro lugar, quero agradecer a publicação deste meu artigo de opinião respeitante à onda de processos disciplinares que a Direcção da Educação e Cultura da Cidade de Maputo, de forma impropriedade, desencadeia contra os professores que supostamente cometeram crime de falsificação de títulos de Provimento (só porque levantaram os seus títulos nos balcões do Tribunal Administrativo).

Este é um assunto muito delicado que merece uma análise minuciosa e séria por parte de todos os professores da cidade de Maputo e da sua estrutura sindical, a ONP/SNP.

A causa deste problema é basicamente a corrupção e a incompetência que reinam na Secção dos Recursos Humanos daquela direcção da cidade. Não há observância da lei em todos os processos de gestão dos recursos humanos naqueles serviços. Quero frisar que eu próprio estou nomeado provisoriamente na função pública desde Abril de 2009 e até aqui ainda não recebi o meu título de provimento.

Repare-se que eu sou um indivíduo que não se cansa de perseguir a verdade e, por essa razão, não me cansei de “incomodar” todos quanto achei que estão directamente envolvidos neste processo. Cansei-me de falar com o chefe da Secretaria e directora da escola onde trabalho (Comunitária Armando Emílio Guebuza), chefes dos Recursos Humanos da Direcção Distrital de Educação KaLhamankulo e a própria directora que se mostraram apenas capachos e incompetentes, a chefe dos Recursos Humanos da DECCM e o próprio responsável destes imbróglis, o Sr. Macamo. Este último que me pediu dinheiro para poder despachar o meu processo ao que me recusei e, por isso, até hoje não tenho o meu título de provimento.

A verdade é que esta situação é completamente incompreensível uma vez que o próprio Tribunal Administrativo advoga que

ao nível da função pública o ministério com mais doutores é o da Educação e é precisamente este ministério que regista mais problemas na gestão dos recursos humanos. Ora, os nossos chefes não percebem patavina da lei: não conseguem interpretar artigos tão simplificados do Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado; limitam-se a dizer que recebemos ordens e não se preocupam em analisar o que diz a lei sobre um determinado caso.

Eu não sei como é que um simples funcionário, depois de ter sido nomeado publicamente no Boletim da República, vai invalidar a nomeação alegando irregularidades e mais tarde vai-se verificar que foi dolosamente cometido um erro e este não é responsabilizado. O funcionário é nomeado e não é integrado, o BR vem a expirar os seus efeitos e não há nem uma acção disciplinar sobre o infractor. O director da Educação e Cultura da Cidade agiu infantilmente ao culpar os professores neste problema.

A verdade é que está claro que há uma rede montada entre os funcionários dos Recursos Humanos da DECCM e os que facilitam a entrega dos tais títulos aos professores em troca de luvas. No meu caso, se até aqui não tenho o meu título de provimento é porque quis perseguir e demonstrar que a DECCM é que é o principal culpado disto. O actual director da DECCM conhece bem o meu caso, prometeu entregar-me o título em menos de 15 dias e já passam cerca de três (3) meses, e nada! ATÉ QUANDO? (Talvez porque soube que eu sou membro do MDM e por isso me mandou passear).

Eu apresentei uma exposição ao Secretário Permanente do Governo da Cidade de Maputo que teve despacho favorável, no ano passado. Conversei muito bem com a assessora jurídica do Governo da Cidade e mostrou com clareza que houve má-fé no meu processo mas nada se fez contra os infractores.

Antes fizera uma petição para o Venerando Juiz Presidente do Tribunal Administrativo e logo na secretaria daquela instituição o indivíduo, que me pareceu ser o escrivão, leu o documento e fez um telefonema para o então director da Educação o Sr. Gideão Jamo e mandou-me ir ter com ele. Mas o director não conseguiu agir até à sua exoneração.

A verdade é que esses processos disciplinares devem cessar. O Sr. Director da DECCM sabe muito bem quem são os culpados, que os puna. Aliás, é tempo de tirar os incompetentes dos lugares-chave da Educação. Estamos num Estado de Direito, Democrático, não há lugar à sabujice nem adulações. Observem escrupulosamente as leis e assim se livrarão de dissabores. Isto um dia vai mudar e serei levado à barra do Tribunal: têm de pensar no amanhã. Por favor, não procurem mais greves! O Presidente da República já tem suficientes dores de cabeça com a greve dos médicos e as investidas de bandidos armados contra a população indefesa.

Eu tenho passado frequentemente pelo Tribunal Administrativo para saber do meu título, e a resposta que tenho é «o Sr. Mondlane deve pressionar a Direcção da Educação da Cidade. Aqueles são assim...» e é verdade. Desde 2009 que tenho estado frequentemente a incomodar a chefe dos Recursos Humanos, Sra. Florinda; o assessor jurídico, o Sr. Orlando; o chefe da Secção responsável pelos ingressos na Função Pública, o Sr. Macamo, e os próprios Directores, Gideão e Grachane: nada se fez, até hoje. Por cerca de seis vezes me mandaram renovar a certidão de registo criminal, certidão de nascimento narrativa completa e atestado médico, para nada – apenas para gozar comigo.

O que querem que os professores façam? Será que vão pagar-me pacificamente as diferenças desde Abril de 2009?

Justino Joaquim Mondlane

De Guebuza a Museveni: os perigos da Escola de Dar-es-Salam para a Democratização de África

De visita de trabalho a alguns municípios da África Oriental fui bafejado por quatro notícias que me preocupam! Aliás, que preocupam qualquer moçambicano. Estamos a falar do assalto ao chefe do Estado Maior General das Forças Armadas (e a consequente perda de um computador portátil e três pistolas), a perseguição dos médicos grevistas, mesmo depois de terem parado com a greve, o anúncio do quase retorno à guerra pela liderança de Renamo e a continuação das avarias propositadas no recenseamento eleitoral.

A somar a estas inquietações e para contrastar com a “Paz de Kigali”, recebo no meu celular a notícia do espancamento do meu colega e amigo Erias Lukwago, presidente do município de Kampala, à semelhança dos espancamentos que o actual primeiro-ministro do Zimbabwe, Morgan Tsvangirai, de foi vítima há alguns anos. Estas notícias, que parecem separadas, têm algo em comum – a escola política de Dar-es-Salam, onde tanto Guebuza, Mugabe como Museveni beberam a “arte da violência”!

Há dois meses reporte algo estranho: a realização de uma conferência de governos locais da Commonwealth em Kampala, sem que Erias Lukwago, o presidente do município de Kampala, a cidade anfitriã, fosse convidado! Como é que uma organização do calibre da Commonwealth pode cometer uma “gafe” destas?

Para perceber os contornos desta aberração, visitei o meu colega, que explicou em “primeira mão” o que estava a acontecer em Kampala e pelos vistos não foram necessários mais de dois meses para que a leitura do meu colega se consubstanciasse! Há

duas semanas, também em Kampala, Yoweri Museveni mandou o seu filho, que é o chefe das forças especiais, invadir dois jornais de Kampala (o Monitor e o Red Pepper), mantendo-os encerrados por mais de duas semanas, alegadamente por terem publicado uma carta do seu chefe de inteligência que se encontra foragido algures em Londres!

Em casa, noto que definitivamente Armando Emílio Guebuza, inspirado nas táticas de Museveni, que também não quer abdicar do poder (e tem a sua esposa como ministra) e de Mugabe, que também não quer abdicar do poder! Para isso vêm ensaiando varias estratégias: (1) lançou a esposa no terreno para testar a sua popularidade no intuito de emular o modelo (Argentino) Kisner (esqueceu-se de que o Kisner morreu logo depois de a esposa tomar posse), (2) projectou a filha milionária (Museveni tem o seu irmão bem como o filho bem posicionados na hierarquia militar) e o testa de ferro no Comité Central, (3) ensaiou um balão de oxigénio que pomposamente chamou de “Revisão da Constituição”, com o intuito de tentar forçar um terceiro mandato ou então ensaiar um “Modelo Putin”, e para tal colocou Mulémbwè como bode expiatório, (4) “provocou” a Renamo em Muxúnguê, (5) mandou prender e espancar o secretário geral da Renamo, com o intuito de arranjar um pretexto para uma possível reacção da Renamo que o possibilitaria declarar um “estado de emergência” e assim adiar, quer as autárquicas, quer as legislativas e presidenciais, (6) ensaiou negociações para testar a possibilidade de um acordo com a Renamo para instituir um governo de transição, adiando assim, *sine die*, as eleições, (7) infiltrou os seus sequeiros da ONP e outros da *securocracia* na CNE e no STAE, (8) nomeou governadores e ministros de

pé descalço e sem medula espinal, (9) acantonou no congresso de Pemba todos os que ousavam usar os seus cérebros... e (10) expurgou a liderança da ala juvenil do seu partido abrindo, assim, caminho para a sua consagração vitalícia no comando da Frelimo e, quiçá, do país!

O que nos preocupa nesta sequência de eventos não é o “barulho dos maus”, incluindo Guebuza, Paúnde, Pacheco e companhia, mas sim o silêncio “dos bons” de dentro (Mulémbwè, Comiche, Katupha, Gamito, Jorge Rebelo) e fora da Frelimo, da Sociedade Civil, os Bispos, os Sheiks, os jornalistas, a Comunidade Internacional, os académicos e outros que em qualquer sociedade sã deveriam, no mínimo, distanciar-se de tais práticas! Parece que nos esquecemos todos de que Hitler foi eleito democraticamente e pouco a pouco foi construindo um Estado monstruoso que acabou por destruir a Alemanha!

Não menosprezemos a capacidade destruidora da Escola de Dar-es-Salam, desde Guebuza, Museveni, Mugabe, Zuma e companhia limitada! Quando pessoas da “craveira” de Mazula fazem coro a estes atropelos é porque de facto o doente está em coma!... E como para bom entendedor meia palavra basta, ficamos por aqui lembrando o velho ditado: “Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”!

E mais não disse! Assante Sana!

Um abraço.

Manuel de Araújo



RECENSEAR



SMS: 90440
(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)

até 23 de Julho para poderes votar
Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?
Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?



Email: **averdademz@gmail.com**



WhatsApp: **84 399 8634**



BBM Pin: **2A8BBEFA**

Mandlakazi

Uma vila monótona e sem asfalto

Com setenta e oito quilómetros quadrados, Mandlakazi é, antes de tudo o mais, uma equação matemática impossível. Não. Mandlakazi são muitas equações impossíveis. Uma torneira de água corrente para 100 habitantes; 18 por cento da população com acesso a energia; cinco bairros; um banco e nenhum centímetro de asfalto. Quem é que iria habitar num lugar como este? Mesmo assim, vivem aqui 10243 pessoas.

Texto & Foto: Rui Lamarques

Os habitantes desta vila municipal, a menos povoada da província de Gaza, não se revêem no lugar deprimente e marginal de um espaço urbano sem estradas asfaltadas e espaços de lazer. Nas sextas-feiras, muitos dos seus habitantes abandonam as suas casas e vão beber um copo no 'Calçadão' enquanto dizem, para quem quer ouvir: "Mandlakazi é um paraíso". Desagrada-lhes que se diga que a ausência de vias de acesso asfaltadas devia condicionar a entrada da vila na equipa de municípios do país. Mas como é a vida no lugar que se orgulha de ter sido a casa de Ngungunhane?

O Município da Vila de Mandlakazi situa-se na sede do distrito do mesmo nome, na província de Gaza. No norte faz limite com o posto administrativo de Mozucane, a leste com Maguzene e a oeste com Malehice – um posto administrativo do distrito de Chibuto. Do ponto de vista sociocultural, a população pertence, na sua maioria, ao subgrupo Macambene do grupo Shangane, embora existam núcleos de população Chope na sua pureza.

Mandlakazi é tudo isso: um destino de sobreviventes. Retornados, viajantes, estudantes, funcionários públicos e todos os demais representantes de um município esquecido que escaparam à fome, à pobreza ou às cheias nas quais perderam tudo. O lugar foi, até finais do século XIX, a casa de Imperador de Gaza. Como testemunhas, ainda existem duas palhotas e a árvore onde Ngungunhane tomava as grandes decisões. Com a municipalização, já nos finais século XX, regressaram pessoas atraídas pelo sonho das grandes oportunidades que constitui definir os passos da urbanização. Há prostitutas, chulos, polícias corruptos que se passeiam com armas em riste, penhoristas sem coração, mecânicos de quase tudo e crianças esfarrapadas. Mas também homens engravatados que regressam a casa depois de mais um dia de trabalho ou da formação no ensino superior.

Aquele pequeno município, dizem os residentes, cresce hoje a um ritmo galopante, com construções e sonhos por todo o lado, notando-se ainda o regresso de almas que tinham embarcado no êxodo para terras longínquas. Aliás, este regresso será, com certeza, o jus que se faz – ou que se deve fazer – à história, porque, na verdade,



estamos agora perante uma nova vila: também com crime violento no lombo e música alta que não deixa uma parte daquela circunscrição dormir nos fins-de-semana.

Mas este lado assombroso não vai constituir novidade para ninguém – dirão muitos - porque onde há desenvolvimento, há também erosão social. Obviamente! Só que aquele sossego, aquela tranquilidade, a meditação, tudo isso, que constituía algo arrebatador desde que Mandlakazi existe, nunca se pensou que um dia poderia fazer parte do passado da história.

Valgy (um jovem empresário) é um grande adepto do desenvolvimento. Ele olha de forma atenta para todas as arestas do espaço onde nasceu e, depois da observação que fez, "sentiu" que a construção de duas estradas que ligassem Mandlakazia ao resto do país trariam um desenvolvimento ainda mais célere. Na verdade, uma estrada asfaltada de e para Mandlakazi – como todas as estradas do mundo – será um grande veículo de desenvolvimento, será um meio de transporte que também pode ajudar a movimentar facilmente os criminosos. Curiosamente, muitos nativos não querem uma estrada porque, se sem a estrada "a nossa vila já está assaltada por hábitos de Maputo, imagina quando vier essa infra-estrutura!" Mas o pensamento não pode ser direccionado apenas nessa perspectiva, pois a vila tem a possibilidade de continuar a crescer de forma ordeira, trazendo emprego, preservando-se, mesmo assim, a parte velha da urbe, que é um autêntico museu construído pelas mãos, como um hino à arquitectura.



Contudo, o desenvolvimento galopante que os residentes reivindicam não se reflecte nos números, nem na qualidade de vida. Com cerca de 10243 habitantes e 77 por cento de população economicamente activa, apenas 18 por cento dos municípios têm acesso a corrente eléctrica nas suas residências. A falta de água parece um problema sem solução, embora tenha sido atenuada nos últimos anos. A média é de um litro de água insalubre por cada 100 moradores. Ou seja, água canalizada só chega a apenas 9 por cento da população. Como Mandlakazi não tem rede de esgotos, as casas e empresas, supostamente, deveriam ter fossas sépticas, mas isso ocorre numa pequena percentagem de domicílios da urbe.



RECENSEAR

até 23 de Julho **para poderes votar**
Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?
Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?

Mandlakazi

Outro factor que desmente o discurso desenvolvimentista é o fraco crescimento agrícola. A folha de serviços da edilidade continua aquém do que a urbe precisa. A reabilitação das avenidas Ngungunhane e Eduardo Mondlane e a abertura de 13 fontanários em quatro bairros representam muito pouco para as necessidades de um município que precisa de água e vias de acesso como nunca.

As valas de drenagem que facilitam o escoamento das águas pluviais nos bairros de cimento, Eduardo Mondlane e Josina Machel, obra visível, deixa os habitantes daquele ponto do país a clamar por mais empenho por quem de direito.

Efectivamente, existem em funcionamento 156 barracas, 205 bancas, 33 estabelecimentos comerciais, dos quais apenas 26 estão em actividade,

duas agências funerárias privadas, uma clínica, um restaurante, uma fábrica de descasque de castanha de caju, 20 carpintarias de pequeno porte, uma olaria, duas padarias e 17 oficinas de pequeno porte. Estas actividades asseguram 2789 postos de trabalho. O Estado emprega apenas 719 munícipes. O total de pessoas assalariadas é de 3200 cidadãos. O sector privado emprega praticamente o dobro da actual capacidade do Estado em Mandlakazi: 1344 funcionários.

Na verdade, 7889 cidadãos estão em idade de trabalho. Portanto, excluindo os que procuram emprego pela primeira vez, a população economicamente activa é de 9383 pessoas o que, de acordo com dados municipais, reflecte uma taxa implícita de desemprego e subemprego estimada em 74,4 por cento.



Contexto histórico

Em 1908 a povoação de Mandlakazi era sede d 8a circunscrição civil dos Muchopes, designação por que era designado o distrito de Mandlakazi (Portaria no 421 do BO 40/1908). Foi elevada à categoria de vila a 09 de Novembro de 1957 (Portaria no 12179) e teve o estatuto de município aprovado a 12 de Março de 1960 (Decreto-lei no 1961). Mandlakazi não é uma expressão geográfica, mas sim uma denominação aplicada à casa do chefe administrativo, e significa Poder de Sangue em Xi-changana (Cabral, 1975: 90); outra versão diz que significa mão poderosa, traduzida à letra.

Município de Mandlakazi em números

Vereações 4
Consumidores de energia 3825
Agentes económicos 1151
Transportadores licenciados 36
Escolas secundárias 2
Funcionários do município 73
Fontes de abastecimento de água 15
Fontes de abastecimento de água criadas pelo Município 10
Habitantes 10243



Uma das grandes atracções que levarão Mandlakazi ao mundo é, sem sombra de dúvida, o lugar onde estão erguidas as palhotas de Ngungunhane. No espaço existe uma biblioteca e dois edifícios construídos com tijolos em homenagem ao líder que a história oficial consagrou como herói da resistência contra a ocupação colonial. Na verdade, no lugar existiam cinco palhotas. Porém, a edilidade optou por erguer apenas duas. A ideia, dizem, visa transformar o espaço num local de atracção turística. Contudo, as palhotas de Ngungunhane representam, na verdade, uma das muitas verrumas apontadas para o nosso colectivo cultural. Criando-nos mágoas agravadas por outros locais que, mesmo em funcionamento, são convertidos, perdendo a sua essência histórica. Da função de atrair turistas para este lugar o melhor que se poder afirmar é ser ela nula. Mais do que nula, aliás, é prejudicial, na medida em que encobre e investe as autoridades municipais de

toda a impunidade para agir em prejuízo da história e da cultura de Mandlakazi.

Calçadão

Calçadão é o único lugar de lazer para os jovens de Mandlakazi. Contudo, o espaço não tem nada a ver com o nome. Na verdade, o Calçadão de Mandlakazi é uma casa de pasto onde é possível encontrar os mesmos produtos disponíveis em Maputo. Portanto, não se trata de um passeio à beira de uma praia. É um bar onde existe um pouco de tudo. Valgy, o proprietário, é um entusiasta do lazer naquele pedaço do país e orgulha-se dos seus produtos. “Eu voltei para a vila para dar o meu contributo. Poderia perfeitamente ficar em Maputo como muitos, mas senti que o meu lugar é aqui”.

O nome é, diz-nos, interpretado de outra

forma pelos jovens de Mandlakazi. No entender dos mesmos, “Calçadão” nada mais é do que calçar. Uma metáfora para os preços altos que entendem ser praticados num único local de diversão nocturna que a vila exhibe.

Onde há álcool e música não faltam mulheres. No Calçadão de Mandlakazi há dois tipos distintos: o primeiro e mais fácil de encontrar é aquela espécie de raparigas que sai de casa à procura de um homem para lhes pagar as contas e sustentar os vícios. Portanto, duas garrafas de cerveja podem, com facilidade, despir uma mulher naquela pacata vila. Não é, portanto, uma prostituição que se exerça pela cobrança de dinheiro. A cama, digamos, é um gesto de gratidão para os homens que abrem os cordões à bolsa. Contudo, o alvo das mulheres que dão, com frequência, o corpo por uma noite regada de cerveja ou vinho, não é jovem local. Os viajantes que pernoitam no local e que dão indicações de que

Mandlakazi significa uma paragem e não um porto de abrigo estão no topo da escala de preferências das caçadoras da noite.

Também há estudantes do ensino superior que depois das aulas, nas sextas-feiras, vão ao Calçadão para desanuviar. Nesse grupo de jovens há outro tipo de mulheres que é possível encontrar no local. Raparigas que discutem política e que reivindicam mais lugares de diversão para a vila. Foi, aliás, nesse grupo, que descobrimos que o único meio de informação que chega ao local é o jornal “O País”. Contudo, os jovens dizem que é muito pouco e não responde à necessidade de informação que os funcionários públicos que sempre residiram em grandes cidades e tiveram de largar tudo de armas e bagagens por causa de emprego têm. “O normal, em Mandlakazi, é não ter informação e saber das coisas com muitos dias de atraso”, diz um funcionário bancário.



SMS: 90440
(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)



Email: **averdademz@gmail.com**



WhatsApp: **84 399 8634**



BBM Pin: **2A8BBEFA**



Lichinga

Um município que prospera informalmente

Apesar de, nos últimos anos, alguns espaços terem ganho uma nova imagem, transformando-se em locais de serviços, habitação e lazer, a cidade de Lichinga, capital provincial do Niassa, continua a crescer de forma tímida. Vias de acesso de terra vermelha, falta de água canalizada e de iluminação pública em alguns bairros da urbe, e o crescente nível de desemprego e de comércio informal são alguns dos aspectos que a caracterizam e fazem dela um centro urbano com características atípicas. Porém, as autoridades municipais garantem que o compromisso com os munícipes foi cumprido na ordem de 96 por cento.

Texto & Foto: **Hélder Xavier**

O primeiro problema da capital da província do Niassa verifica-se na sua “porta de entrada”. Devido ao estado precário em que se encontra a via que dá acesso ao município, Lichinga pode-se considerar uma cidade isolada e abandonada à sua própria sorte. Quem almeja visitar (ou sair) aquela urbe usando a via terrestre é obrigado a submeter-se a uma jornada desgastante que começa a partir da cidade de Nampula. Primeiro, tem de suportar 10 horas de comboio – de Nampula a Cuamba – e, segundo, percorrer sete horas de chapa, de Cuamba a Lichinga, num troço de terra batida e sem as mínimas condições de transitabilidade. Tem sido assim que centenas de pessoas se deslocam de um lado para o outro há bastante tempo.

Por essa razão, há mais 30 anos que a vida em Lichinga se mantém estática para os munícipes, pois o desenvolvimento económico e social permanece adiado, não se vislumbrando solução a curto ou médio prazo. Apesar de várias promessas de asfaltagem do troço Lichinga-Cuamba, até agora pouco ou quase nada foi feito. Porém, este é apenas um dos problemas num universo de tantos outros de que enferma a principal cidade da extensa província do Niassa.

Nos últimos anos, a população cresceu e, com efeito, o nível de problemas económicos e sociais subiu. Com uma área de 280 km², o número de habitantes passou de pouco mais 86 mil, em 1997, para 142.253. Devido ao crescimento demográfico, a cidade mostra-se, cada vez mais, saturada e bairros periféricos formam enormes cinturões de miséria, fruto de um crescimento desordenado.

Economia local

José Cabral, de 22 anos de idade, dedica-se à actividade comercial no mercado central de Lichinga há quatro anos. Duas vezes por mês desloca-se a Nampula para adquirir mercadoria para revender na sua cidade. Além do martírio a que se submete devido à precariedade da es-



trada, ele queixa-se da falta de oportunidades de emprego para os jovens. Com a 10ª classe concluída, o negócio informal de capulanas, chinelos e sapatos foi a única alternativa que encontrou face ao desemprego. É graças ao comércio que sustenta o seu agregado familiar constituído por seis pessoas.

O caso de José não é isolado. Na mesma situação estão outras dezenas de jovens que ganham o sustento diário através da actividade informal que predomina na economia local. Dados existentes dão conta de que, a nível do município, foram licenciados cerca de 2400 vendedores informais. Em 2011, a cidade beneficiou do fundo do Programa Estratégico para a Redução da Pobreza Urbana (PERPU), porém, a situação de desemprego prevalece. De acordo com as autoridades locais, no âmbito do PERPU, foram financiados 631 projectos em diversas áreas, nomeadamente agricultura, pecuária, comércio, pequenas indústrias, prestação de serviços e pesca, tendo resultado na criação de 1311 postos de trabalho.



A elevação de economia local, o melhoramento das infra-estruturas e serviços sociais, entre outros aspectos, são as linhas que norteiam a gestão municipal de Augusto Assique, o actual edil de Lichinga. No entanto, de 2009 até ao primeiro semestre do ano em curso, para as maiores preocupações da população naqueles pilares não foram dadas algumas soluções, apesar de as autoridades municipais garantirem o contrário. Segundo a edilidade, o compromisso com os munícipes foi cumprido na ordem de 96 por cento.

A agricultura e a pecuária têm sido a saída para grande parte dos munícipes de Lichinga. No âmbito de economia local, trabalhou-se uma área de 294 hectares tendo-se produzido 86 mil toneladas de diversos produtos, contra 36 mil de

2008. A nível da cidade, cresceu o efectivo pecuário, contando-se presentemente com 463 cabeças de gado bovino, 831 pequenos ruminantes e 1767 aves. Nos últimos anos, foram assistidos pouco mais de 2000 produtores em técnicas de produção. Na área da indústria, o município conta com 148 unidades de microdimensão, além de 23 estâncias turísticas, o que corresponde a 269 quartos. O número de instituições bancárias também registou um crescimento significativo. Em 2008, a cidade tinha apenas três bancos e, neste momento, dispõe de seis. No que toca à colecta de impostos, no ano passado o Conselho Municipal arrecadou 80.905 mil meticais, dos quais 18 milhões são provenientes de receita própria.

Acesso a água

O acesso ao precioso líquido ainda é um problema sério em Lichinga, apesar de a população já não percorrer longas distâncias. Embora a cada ano se assista a melhorias no seu fornecimento, grande parte dos munícipes ainda não dispõe de água canalizada. O abastecimento, segundo as autoridades municipais, ocorre apenas em sete bairros, dos 15 existentes. Ao longo dos anos, foram construídos 43 fontenários e, actualmente, 47457 munícipes (o correspondente a 24 por cento) são abastecidos com água canalizada.



ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Lichinga

Todos os bairros em volta da cidade não têm água canalizada, porém, as zonas mais críticas são Mitava, Nomba, Nzinje e Massengere. Para este ano, projecta-se a construção de 10 furos, orçados em 3 milhões de meticais.

Infra-estruturas e electricidade

A cidade de Lichinga tem vindo a crescer no que respeita a infra-estruturas de natureza diversa, dando uma nova imagem à urbe. Ao longo do mandato de Augusto Assique, foram construídas seis pequenas pontes, uma residência para o régulo, tendo-se procedido à distribuição de chapas de zinco a 48 líderes comunitários. Além disso, ergueram-se sedes dos postos administrativos urbanos, duas salas de reuniões – uma da Assembleia Municipal e outra para grandes eventos –, e construíram-se cinco alpendres para o mercado central, elevando para oito. Também foram repostas 120 barracas, após o incêndio de 2011 naquele espaço de comércio. Presentemente, está em construção uma terminal de transporte semicolectivo de passageiros e uma casa de cultura.

A corrente eléctrica é também um problema que preocupa os munícipes, apesar de o município contar com 14 bairros electrificados. A expansão de rede continua, embora de forma tímida. Apenas 33.285 pessoas têm iluminação da rede eléctrica nacional. Os bairros onde a situação ainda é preocupante são, nomeadamente, Sambula, Magata, Tibule e Namuacula.



Área social

Na área da Saúde, as doenças diarreicas, o VIH e A mordedura por cães são os casos mais frequentes a nível do município. Os problemas relacionados com a malária têm vindo a registar uma ligeira redução, devido ao trabalho de sensibilização levado a cabo pelas autoridades sanitárias e municipais.

Ao longo dos quatro anos, foram realizadas 148 palestras sobre doenças de notificação obrigatória, além de jornadas de limpeza em locais de grande concentração populacional.

Presentemente, o município de Lichinga dispõe de 10 unidades sanitárias, melhorando gradualmente o acesso aos serviços básicos de saúde, além de terem sido aumentadas as horas de funcionamento em quatro unidades.

No sector da Educação, foi possível elevar a capacidade de inscrição de 53 mil alunos em 2008 para pouco mais 57 mil alunos em 2013, tendo sido assistidos por 1457 professores. Foram construídas duas escolas secundárias e uma primária, e 48 salas de aulas, elevando o número para 407 salas actualmente.

Saneamento do meio

Em algumas artérias da cidade, o lixo tomou de assalto estes locais, revelando a ineficiência do Conselho Municipal da cidade de Lichinga, e dando à impressão de que nada foi feito para melhorar a urbe de modo a proporcionar bem-estar aos cidadãos. Porém, o município adquiriu dois camiões e quatro tractores para a remoção de lixo. Neste momento, a edilidade estuda a possibilidade de criação de um aterro sanitário para o tratamento dos resíduos sólidos.



Ordenamento territorial, transporte e vias de acesso

O crescimento desenfreado de construções desordenadas é também um dos problemas que preocupam a edilidade de Lichinga, que atribuiu o surgimento de assentamentos informais à chegada tardia da corrente eléctrica da rede nacional. Vá-



Contexto histórico

Elevada à categoria de cidade em 23 de Setembro de 1962, Lichinga está situada a cerca de 2800km da capital do país, a cidade de Maputo. Administrativamente, a urbe é um município e ocupa uma área de 280 km². Conta com uma população de 142 253 habitantes.

O nome Lichinga deriva de N'tchinga, denominação original da zona em que actualmente se encontra localizada a cidade. Tendo tido origem na região de Metónia, a povoação foi para aqui transferida no início dos anos 301. Em 21 de Maio de 1932, a povoação recebeu o nome de Vila Cabral, como homenagem ao Governador Geral de Moçambique, José Ricardo Pereira Cabral, e com a independência nacional a vila foi renomeada Lichinga.

Os problemas relacionados com as precárias vias de acesso, deficiente tratamento e remoção de resíduos sólidos e os desafios na melhoria e expansão de serviços básicos para os bairros periféricos continuam a criar uma dor de cabeça às autoridades municipais.

Município de Lichinga em números

População: 142 253 habitantes
Vereações: 8
Recursos humanos: 312
Bairros: 15
Novas zonas de expansão: 12
Água canalizada: 47457
Instituições bancárias: 6
Vendedores informais: 2400
Unidades sanitárias: 10
Salas de aula: 407
Táxis: 47
Alunos: 57 mil

rias habitações são erguidas em terrenos pantanosos, e as zonas residenciais como Nzinje e Sanjala precisam de ser requalificadas. Nos últimos anos, foram registadas 24960 parcelas e atribuídos 20804 licenças, designadas por Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT). O município abriu 12 zonas de expansão, atribuiu 1702 talhões para a construção de residências, 63 viradas para a indústria e 33 para o comércio.

Enquanto a periferia vai ficando superlotada e mais pobre, o centro do município revela a necessidade de introdução de novos conceitos de habitação, mas não esconde a deterioração da mesma. Um pouco por todo o lado, da urbe é possível ver obras de construção e de reabilitação de alguns espaços. A cidade cresce de forma horizontal e todos os dias emergem algumas moradias, apesar de as autoridades municipais não apresentarem um plano de urbanização viável para responder ao crescimento.

No que respeita ao transporte, o Conselho Municipal introduziu o transporte público urbano, além de licenciar 47 viaturas para o exercício de actividade de táxi. Já no que toca a vias de acesso, foram reabilitados de 34, 4 quilómetros de estrada.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

No meio de gás lacrimogéneo, Brasil volta os olhos para o “Mundial” de futebol

A Taça das Confederações deste ano será lembrada principalmente pelos gritos ouvidos fora dos estádios brasileiros, e não dentro deles, e essas vozes não se devem calar com a aproximação do “Mundial”.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Evento teste para o torneio do ano que vem, que será bem maior, a Taça das Confederações, com oito equipas, serviu como pano de fundo para uma onda de protestos inédita em mais de 20 anos no Brasil. As manifestações praticamente ofuscaram jogos memoráveis, levando muitos brasileiros a apelidarem o campeonato de “Taça das Manifestações”.

Após dois anos de futebol medíocre por parte da selecção, poucos esperavam que o Brasil brilhasse em campo. As autoridades estavam mais preocupadas em usar o torneio como uma vitrina para mostrar o Brasil como uma estável potência económica emergente. Quase nada aconteceu conforme o esperado.

Dentro do campo, o Brasil recuperou a sua reputação como superpotência futebolística, esmagando na final a Espanha, actual campeã mundial. Fora de campo, porém, o evento foi um desastre do ponto de vista das relações públicas, mostrando que o Brasil ainda tem vastas desigualdades sociais e desequilíbrios económicos. E os protestos também geraram sérias dúvidas a respeito da Copa-14.

Embora os protestos já tenham diminuído em termos de tamanho e frequência, alguns brasileiros já estão com seus olhos voltados para o “Mundial”, visto por muitos como símbolo de corrupção e desperdício governamental, em detrimento de melhorias na Saúde e Educação. “Eu viro-me sem o “Mundial” de futebol, o que eu quero é mais dinheiro para a Saúde e a Educação!”, e “Não haverá “Mundial”!” estavam entre as palavras de ordem entoadas por um grupo que participou num protesto pequeno, mas violento, no domingo (30) do lado de fora do mítico estádio do Maracanã, cenário da final da Taça das Confederações.

Os brasileiros haviam usado o torneio como palco para



manifestar as suas insatisfações – da corrupção a reivindicações pela redução do preço das passagens de autocarros. Houve diversos confrontos em frente aos estádios, e alguns adeptos passavam pelo meio de nuvens de gás lacrimogéneo para chegar aos locais dos jogos.

Uma adepta notavelmente ausente na final foi a Presidente Dilma Rousseff. Depois de ter sido vaiada na cerimónia de abertura, a Taça das Confederações transformou-se num ónus político para Dilma, que viu a sua popularidade decair depois dos protestos que, no auge, levaram mais de um milhão de pessoas às ruas de cem cidades.

O Governo federal apressou-se a atender às principais reivindicações dos manifestantes, posicionando-se para a campanha eleitoral do ano que vem, em que ela deve disputar um novo mandato. Entre as medidas anunciadas estão um plano de mobilidade urbana, com mais verbas para os transportes, e um plebiscito sobre a reforma política.

Opinião pública adversa

Mas isso dificilmente impedirá novos protestos no próximo ano. “Estamos a planejar muito mais protestos de agora até ao “Mundial” de futebol”, disse Talita Gonsales, activista do Comité Popular da Copa, de São Paulo, que visa chamar a atenção para diversas insatisfações que cercam o evento, inclusive os desvios de verbas públicas. “Não somos contra a Copa, gostamos de futebol, gostamos de torcer pelo Brasil, mas a forma como as coisas foram feitas é absurda. Não podemos fechar os nossos olhos ao que está a acontecer”.

Receber o “Mundial” é motivo de orgulho para a maioria dos brasileiros desde que o país foi indicado pela FIFA para isso, em 2007. Na época, o evento foi visto como mais um símbolo da chegada do Brasil ao cenário mundial durante uma fase de forte crescimento económico. Mas, a partir de 2010, a economia perdeu fôlego, e o apoio popular à Copa também diminuiu.

Uma pesquisa divulgada no domingo mostrou os brasileiros cada vez mais divididos sobre se o “Mundial” traz mais benefícios ou problemas ao país. O número de entrevistados favoráveis ao evento caiu de 79 por cento em 2008 para 65 por cento. “Vejo os prós e os contras”, disse a ambulante Marina Polonca, que vendia mercadorias numa acção de protesto contra o “Mundial” no domingo em São Paulo. “Seria bom gerar trabalho para os jovens, mas os custos são terríveis”, disse ela, apontando para os sem-tecto instalados numa escadaria atrás dela. “Quantas dessas pessoas não têm um lugar para viver? Quantos não receberam educação?”.

Muitos manifestantes saíram às ruas indignados com o custo de 14 biliões de dólares para realizar o evento de um mês – uma quantia que continua a crescer. Parte do apelo para a realização do torneio tinha a ver com as melhorias que ele traria, como a mobilidade urbana, as melhorias nos aeroportos e as novas estradas. Mas muitos desses projectos estão atrasados, ultrapassaram o orçamento ou nem saíram da prancheta.

Na semana passada, manifestantes chutaram 594 bolas – mesmo número de parlamentares federais – no espelho d’água na sede do Congresso do Brasil, como forma de protesto.

“A má notícia é que não há realmente muita coisa que o Governo possa fazer a respeito de todas essas reivindicações”, disse Christopher Garman, principal analista de Brasil da consultoria Eurasia Group, em Washington, citando “a burocracia enraizada e os obstáculos institucionais” para tirar os projectos de infra-estruturas do papel.

Embora as autoridades não tenham como oferecer soluções rápidas relacionadas com as insatisfações com o “Mundial” de futebol, a abrangência das manifestações do ano que vem dependerá da capacidade do Governo de desenvolver uma pauta que mostre que o Brasil está a caminhar na direcção certa, acrescentou Garman.

Crise política agrava-se em Portugal

Depois do Ministro das Finanças e do Ministro do Negócios Estrangeiros, e também líder do partido da coligação que suporta o Governo de direita em Portugal, mais dois ministros estavam prontos a renunciar nesta quarta-feira (03), disse a imprensa local, agravando uma crise que pode levar a eleições antecipadas e atrapalhar a retirada do país do programa de resgate da UE/FMI.

Texto: Redacção/Agências

Vários meios de comunicação noticiaram que os ministros da Agricultura, Assunção Cristas, e da Previdência Social, Pedro Mota Soares, acompanharão o líder do partido CDS-PP, Paulo Portas, que renunciou na terça-feira (02) ao cargo. A comissão executiva do partido estava reunida até a hora do fecho da nossa edição e, por isso, não se pôde pronunciar.

O primeiro-ministro português disse ao país na noite de terça-feira que não aceitou a renúncia de Portas e que continuará a comandar o governo para garantir a estabilidade política e o trabalho de superar o impasse. Muitos comentaristas descreveram

a situação como “absurda”.

Sem solução iminente, acções e rendimentos de títulos portugueses desmoronaram. O juro pago a investidores pelo título da dívida com vencimento em dez anos superou 8,1 por cento pela primeira vez desde Novembro, e o índice mercantil PSI 20 caiu 6 por cento, puxado pelas fortes baixas de mais de 10 por cento nos papéis dos bancos.

A decisão de Coelho de rejeitar a renúncia do seu ministro de Estado deixa sobre Portas a responsabilidade pela sobrevivência do Governo. Se Portas retirar o partido CDS-PP da coligação, o Governo ficará sem maioria.

“Uma coisa é certa: o primeiro-ministro fará de tudo para ficar, dando todas as concessões possíveis a Portas”, disse o cientista político António Costa Pinto. “Se isso fracassar, porém, dificilmente poderemos evitar uma eleição antecipada.”

Portugal está sob rigorosas condições orçamentais impostas por um resgate da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional. O país tinha a esperança de voltar aos mercados normais de títulos públicos, mas a continuidade das medidas de austeri-

dade agora coloca isso em dúvida.

“Vemos eleições antecipadas como o resultado mais provável a esta altura, embora não possamos descartar completamente o apoio de alguns parlamentares do CDS e a continuidade do Governo”, disse em comunicado o economista António Garcia Pascual, do Barclay’s, atribuindo a renúncia de Portas à crescente impopularidade da coligação governamental.

Na véspera da demissão de Portas, o ministro das Finanças, Vítor Gaspar, mentor dos cortes de gastos e aumentos tributários exigidos pelos credores, renunciou alegando perda de apoio ao resgate.

Existe a expectativa de que o Presidente Aníbal Cavaco Silva tentará montar uma grande coligação, mas analistas consideram que o Partido Socialista, o maior da oposição, não está disposto a participar.

O PS lidera as pesquisas, mas sem a perspectiva de formar maioria parlamentar. Por isso, após eventuais eleições, os socialistas precisariam de formar uma nova aliança para governar Portugal.

Mundo

África do Sul: aumento do preço do combustível e introdução dos “e-toll” afectarão drasticamente a vida dos consumidores

O aumento do preço do combustível em cerca de 84 cêntimos o litro, que entrou em vigor nesta quarta-feira (3 de Julho), bem como a introdução das portagens virtuais, denominadas “e-toll”, na província de Gauteng (cidades de Joanesburgo e Pretória), afectarão drasticamente a vida dos consumidores, com destaque para os de baixa renda.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

Neil Roets, presidente do conselho de administração da “Debt Rescue”, uma firma vocacionada para a monitoria do débito e da dívida, afirmou que a África do Sul observará brevemente um aumento do custo dos bens de consumo e de primeira necessidade devido ao aumento do preço do combustível.

Roets considera que esta situação irá incrementar consideravelmente o débito dos consumidores, que actualmente é avaliada em cerca de 1, 44 trilião de



randes, segundo o Instituto sul-africano de Estatísticas. “Com a SANRAL (a Agência gestora dos e-toll) a forçar a implementação dos “e-toll”, esta medida irá adicionar um custo de 450 randes por mês nas despesas dos consumidores. Acrescentando a isto, o aumento do preço do combustível trará consequências drásticas na vida da maioria dos consumidores”.

Roets afirmou ainda que, para muitos, a única opção será contrair dívidas junto aos sindicatos ilegais de empréstimos, que estão a crescer de uma forma assustadora, principalmente nas zonas rurais.

Tomando em consideração o facto de a economia sul-africana estar a registar uma queda acentuada e a previsão da baixa do preço do ouro (que poderá atingir mil dólares por onça), o futuro dos consumidores será, inevitavelmente, sombrio.

A outra consequência que advirá deste aumento do preço do combustível, segundo Roets, será o recurso, por parte dos consumidores, à banca, e deu

como exemplo o facto de o número de clientes que pediu ajuda à sua firma ter duplicado nos últimos seis meses.

“Existem várias pessoas que estão entre a espada e a parede. O aumento do preço do combustível e a implementação das portagens virtuais será um grande golpe nas suas economias. A situação tornou-se crítica e a Agência sul-africana de Regulação de Crédito tem conhecimento disso”, disse Roets, que para além de advogado é também solicitador acreditado no Reino Unido.

Para ele, é bem sabido que mais da metade de consumidores na África do Sul já atingiu o limite de empréstimos, ou seja, cerca de nove milhões estão com dívidas de cerca de três a quatro meses de atraso, sendo que alguns foram levados à barra do tribunal.

Os desfavorecidos, segundo Roets, que se encontram a viver com menos de um dólar por dia, serão os mais afectados, bem como os que não terão acesso a comida.

Saúde de Mandela e protestos ofuscam visita de Obama à África do Sul

O Presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, terminou no último domingo a sua visita de três dias à África do Sul no meio de protestos contra as políticas da sua administração.



Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

Perto de 200 sindicalistas e membros da sociedade civil manifestaram-se na sexta-feira à tarde, em frente à embaixada americana, em Pretória, contra (a chegada de) Obama e a política do seu país. “Basta o imperialismo americano! Basta o capitalismo!” gritavam os manifestantes.

Participaram nas manifestações a Federação dos Sindicatos Sul-Africanos (Cosatu), a Liga da Juventude Comunista da África do Sul e a Associação de Estudantes Muçulmanos, que também organizou uma oração em frente à representação diplomática dos Estados Unidos. Os cartazes dos manifestantes denunciavam os ataques aéreos dos EUA, o embargo à Cuba, bem como a prisão de Guantánamo e “o assassinato de palestinianos”.

Vista ofuscada pela saúde de Mandela

A visita de Obama a África do Sul foi ofuscada pelo estado de saúde de Nelson Mandela, que se encontra crítico, “mas estável”,

segundo fontes governamentais.

Segundo a Casa Branca, apesar de ter aterrado na sexta-feira na Base Militar de Pretória, o Presidente Barack Obama só se reuniu sábado com membros da família de Nelson Mandela, na sede da fundação do ex-Presidente sul-africano, em Johannesburg.

O Governo americano já tinha dado a informação de que Obama não visitaria Mandela no hospital, mas que se reuniria, na companhia da sua esposa, Michelle Obama, com a família em privado para dar o “apoio e orar neste momento difícil”.

Barack Obama teria também contactado telefonicamente Graça Machel, a esposa de Nelson Mandela, que se encontra no hospital ao lado do marido. “Sinto-me honrada por ter sido contactada por Barack Obama. Já transmiti a mensagem a Madiba”.

Obama reúne-se com jovens

Ainda no sábado, Obama pediu à juventude

africana para que se inspirar na vida de Nelson Mandela para superar as dificuldades da vida. “Pensem em 27 anos de prisão. Pensem no sofrimento, nos conflitos e na distância da família e dos amigos”, afirmou Obama, referindo-se aos anos que Mandela passou na cadeia devido à luta que travou para pôr fim ao Apartheid.

“Houve alguns momentos sombrios que testaram a sua fé na humanidade, mas ele jamais desistiu”, prosseguiu o Presidente, diante de uma multidão de jovens africanos reunidos na Universidade de Soweto, sudeste de Johannesburg.

Obama foi calorosamente aplaudido quando anunciou o lançamento de um novo programa que dará a oportunidade a 500 “jovens líderes africanos” de estudar nos Estados Unidos. Enquanto isso, do lado de fora manifestantes protestavam contra a política americana, e queimaram bandeiras dos Estados Unidos e fotos de Obama.

Apoio de cerca de sete mil milhões de dólares

Já no domingo, na Universidade da Cidade do Cabo, Barack Obama anunciou um projecto de estímulo ao acesso à energia eléctrica na África Subsariana. A parceria “Power Africa” contará com um financiamento norte-americano na ordem dos sete mil milhões.

O projecto de ajuda pública ao desenvolvimento dos Estados Unidos, a ser complementado por um financiamento privado orçado em cerca de 9 milhões de dólares, permitirá a duplicação do acesso à energia eléctrica na África Subsariana, onde se estima que mais de dois terços da população não têm corrente eléctrica, segundo a Casa Branca, citando a da Bloomberg.

Ao longo da primeira fase, que irá durar cinco anos, o projecto deverá traduzir-se em mais de 10 mil megawatts de energia limpa e mais eficiente, que, segundo a Casa Branca, será canalizada a pelo menos

perto de 20 milhões de casas e empresas.

Visita à Ilha Robben

Ainda no domingo, Obama visitou a ilha Robben, na cidade do Cabo, na qual Nelson Mandela, líder da luta contra a segregação racial, Apartheid, ficou encarcerado por cerca de 18 anos.

Na emotiva visita à ilha-prisão, Obama expressou a sua profunda humildade por conhecer um local de importância tão histórica. “Em nome da minha família, quero expressar um sentimento de profunda humildade por estar num lugar onde as pessoas de semelhante coragem enfrentaram a injustiça e negaram a render-se”, escreveu o Presidente americano no livro de visita, e acrescentou que “o mundo agradece aos heróis da Ilha Robben, que nos recordam que não existem grilhões ou celas que se possam equiparar à força do espírito humano”.

Obama estava acompanhado pela sua esposa Michelle e pelas suas duas filhas, Sasha e Malia. A família presidencial teve como guia Ahmed Kathrada, de 84 anos de idade e ex-companheiro de prisão de Mandela, que em 1964 foi condenado à prisão perpétua.

O grupo percorreu diversas partes do complexo, onde 34 dirigentes da luta contra o Apartheid, incluindo Mandela, passaram anos a trabalhar nas pedreiras.

Obama também passou alguns momentos junto à janela com barras de ferro da cela onde Mandela passou a maior parte dos seus 27 anos de prisão.

Refira-se que o primeiro Presidente negro da África do Sul passou seis semanas detido na Ilha Robben em 1963 e depois quase 18 anos entre Julho de 1964 e Março de 1982, onde foi submetido a trabalhos forçados com mais de 34 dirigentes da luta contra o Apartheid. Depois foi transferido para outras penitenciárias perto da Cidade do Cabo, e em Fevereiro de 1990 foi libertado.

Desporto

Hóquei em patins: Moçambique a caminho do “Mundial”

De acordo com o sorteio realizado na semana passada, a selecção nacional de hóquei em patins vai ter pela frente a Itália, os Estados Unidos da América e a Colômbia, no Grupo D do campeonato mundial da modalidade. A prova vai decorrer nas cidades angolanas de Luanda e Namibe, de 20 a 28 de Setembro próximo. Pedro Tivane, seleccionador nacional adjunto, contou ao @Verdade como está a decorrer a preparação com vista à participação de Moçambique nesta competição, analisando, também, os adversários que cruzarão o seu caminho.

Texto & Foto: David Nhassengo

@Verdade – Como é que está a decorrer a preparação da selecção nacional para o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins que se avizinha?

Pedro Tivane – A preparação está a decorrer normalmente. Recentemente, fizemos três jogos de observação na África do Sul contra a selecção daquele país vizinho, em que ganhámos dois e empatámos um. Neste momento, estamos a trabalhar na correcção dos erros que detectámos nestas partidas, dentro do nosso programa de preparação no solo pátrio.

@V – E quais são esses erros?

PT – Não são erros genéricos. São, sim, básicos, relacionados com os esquemas defensivo e de finalização.

@V – Atendendo que esses dois pilares (defensivo e ofensivo) são cruciais para o sucesso de uma equipa de hóquei, pode-se afirmar que a equipa ainda não está preparada?

PT – Absolutamente que não. Mas temos de ser francos para afirmar que a equipa ainda não está bem e que urge colmatar estes erros. Mas são detalhes que serão acertados, até porque teremos um estágio de cerca de um mês em Portugal, onde nos vamos concentrar em todos os aspectos negativos, bem como melhorar os positivos da nossa selecção nacional.

Enquanto cá, só nos preparamos uma vez por semana, lá teremos treinos diários e com a equipa toda reunida. Sinto que chegaremos ao ponto que desejamos.

@V – Quais são os dias de treinos no país?

PT – Nas terças e quintas-feiras, das 19 às 21 horas. As quartas e as sextas-feiras estão reservadas para os jogos de observação e controlo, de modo a permitir que os jogadores descansem durante o fim-de-semana, incluindo a segunda-feira. Mas para o momento, em que estamos próximos ao “Mundial”, havendo necessidade de redobrar o esforços, acho que isso é pouco. Já entrei em conversações com a direcção da Federação Moçambicana de Patinagem no sentido de convencer os jogadores a treinarem também nas segundas-feiras durante este mês de Julho.

@V – Mas qual é o “ponto” a que pretendemos chegar?

PT – A equipa precisa de ganhar mais confiança, sobretudo no arranque dos jogos. O que se percebe é que os jogadores entram muito ansiosos e isso acaba por afectar o moral. Olhando para os jogos que realizámos, entrámos sempre a perder por 3 a 0, 4 a 0, mas no fim acabámos por recuperar, dando a volta no marcador e/ou empatando.

Notei, por exemplo, que tivemos erros de marcação, sobretudo no detalhe colectivo, visto que o desacerto de um atleta prejudicava toda a equipa e sofríamos golos. No jogo ofensivo perdemos muitas bolas, o que pode ser prejudicial para as nossas aspirações durante o campeonato.

Na componente física estamos muito bem e não há razões de queixa.



@V – Se nesses jogos, diante da África do Sul, a equipa entrou a perder, recuperando na segunda parte, significa que os jogadores entram sempre sem confiança. Que trabalho específico está a ser feito para colmatar esta situação?

PT – Temos de tomar em conta as baixas temperaturas que se fazem sentir na África do Sul, isto por um lado. Por outro, antes destes jogos, nós tivemos duas semanas sem treinar.

Mas a culpa deve ser imputada a mim pois, antes do arranque dos jogos, orientava sempre um período de aquecimento com patins, no lugar de sapatilhas. Aliás, mesmo no próprio treino com patins, devia ter instigado um pequeno jogo de aquecimento, o que não sucedeu.

Mas nós não podemos depender das condições climatéricas, embora seja um detalhe a ser tido em consideração. Dentro de dias teremos mais jogos contra a África do Sul cá em Maputo, onde poderemos tirar todas as nossas dúvidas e ir a Portugal com uma ideia clara dos defeitos da selecção.

@V – Como está o “balneário” da selecção nacional?

PT – O “balneário” está muito bem. Os jogadores têm-se comportado muito bem e estão animados por saberem que estarão na maior prova mundial de hóquei em patins. Há muita dedicação e empenho durante os treinos. Agradeço-me saber que a equipa está ciente de que é preciso muito trabalho para se ter uma boa prestação num grupo muito complicado como este em que estamos inseridos.

@V – É do conhecimento do @Verdade que esta equipa não está completa, que os jogadores fundamentais estão em Portugal. Como é o processo de preparação tendo em conta este aspecto?

PT – São apenas quatro jogadores que estão em Portugal. Nós vamos encontrá-los no próximo mês lá, durante o estágio. Temos vindo a trabalhar na renovação da selecção nacional, mas os que estão no estrangeiro não deixam de ser fundamentais.

E isso não deve alarmar a ninguém. Os que estão em Moçambique têm vindo a trabalhar comigo, na qualidade de seleccionador nacional adjunto. Os que estão em Portugal estão a trabalhar com o técnico principal, o Pedro Nunes. A filosofia de trabalho é a mesma, quer cá, quer lá, até porque tudo é esboçado por ele.

É preciso deixar claro que estes jogadores se conhecem e trabalham praticamente juntos já há muito tempo, ainda que haja uma e outra nova cara que levaremos ao campeonato. Mas em Portugal nós vamos coordenar e acertar tudo.

@V – O hóquei teve sempre falta de infra-estruturas. Até que ponto isso afecta o trabalho da equipa?

PT – Neste ano não tivemos falta de pavilhão. Tivemos esse problema quando regressámos da Argentina, no último campeonato mundial, em que terminámos na quarta posição. Hoje não temos razões de queixa visto que, depois da reabilitação, passámos a usar o pavilhão do Estrela Vermelha.

@V – E como se tem comportado a federação neste período de preparação?

PT – Lindamente. Não temos razões de queixa. A federação tem disponibilizado condições que estão de acordo com as exigências dos atletas.

O sorteio do Campeonato Mundial de Hóquei em Patins

@V – Moçambique encontra-se no mesmo grupo da Itália, dos Estados Unidos de América da Colômbia. Que análise faz deste sorteio?

PT – Acolhemos o resultado do sorteio com muito agrado. Calhámos num grupo bastante acessível pois teremos a Itália, a selecção mais forte do grupo, logo na primeira jornada. Este jogo, para nós, será de vida ou de morte até porque não conhecemos esta equipa, no tocante ao historial de jogos.

Mas isto não pode significar que os outros dois embates serão fáceis para nós. Vamos tentar dar o nosso máximo, de igual modo, diante das três selecções. Nós não podemos entrar a desprezar o adversário, sob pena de sermos surpreendidos. As três partidas serão autênticas finais, pois dependemos delas para o alcance dos nossos objectivos.

@V – Olhando mais para a selecção italiana, que é aparentemente a mais forte do grupo, que informações adicionais têm e o que pode ser feito para jogarem de igual para igual ou, se calhar, arrancarem uma vitória?

PT – A Itália é uma selecção muito forte. Tem um campeonato interno bastante competitivo com cerca de 250 equipas, enquanto nós só temos quatro ao nível do país. Mas, o que nos safa é o facto de termos jogadores que militam no campeonato português, tecnicamente evoluídos e com um outro tipo de rodagem.

Os jogos de preparação que teremos durante o estágio em Portugal, contra algumas selecções europeias similares à Itália, poderão colocar-nos à altura de jogar de igual para igual.

@V – E o que nos diz sobre os Estados Unidos?

PT – Nós temos de estar fortes e comportarmo-nos da mesma maneira, seja contra a Itália, seja contra os Estados Unidos, seja contra a Colômbia. Como disse anteriormente, todos os jogos serão autênticas finais para nós, de modo a alcançarmos os nossos objectivos.

Aprendemos uma grande lição no último campeonato mundial e neste não podemos falhar. Não queremos preparar-nos somente para defrontar a Itália, pois o risco de perdermos contra as duas restantes equipas é ainda maior.

@V – Qual é o objectivo neste Campeonato Mundial de Hóquei em Patins?

PT – Estamos a trabalhar para melhorar a classificação passada, obviamente ganhando uma medalha. Mas se não der, teremos de manter a quarta posição conquistada no “Mundial” de 2011, em San Juan. Estamos

Karate: Moçambique conquista medalhas na Namíbia

Moçambique voltou a triunfar nas competições internacionais de karate. Desta vez, entre os dias 28 e 29 de Junho últimos, a selecção nacional da modalidade conquistou quatro medalhas de ouro, igual número de prata e três de bronze, no Campeonato Regional de Karate da zona VI, prova que decorreu em Windhoek, capital da Namíbia.



Texto: Redacção • Foto: Cedida

Numa competição que contou com a presença de cerca de 320 atletas, em representação de países da zona Austral de África, nomeadamente da África do Sul, de Angola, do Botswana, da Namíbia, do Zimbabwe e de Moçambique, a nossa selecção nacional, composta por apenas oito karatecas, foi a que mais se destacou ao conquistar um total de onze medalhas.

Moçambique dominou as provas de katá, uma especialidade de simulação de uma luta, no escalão sénior em ambos os sexos, através de Luís Sousa, Irene Bechane com medalhas de ouro, e Eric Santos com a de prata. Aliás, Irene foi a karateca moçambicana que mais se destacou nesta competição ao conquistar duas medalhas de ouro nas provas individuais de katá, kumite e uma de bronze na disciplina de kumite por equipas.

Suellen Santos, em katá, na categoria de juniores femininos, também obteve uma medalha de ouro tendo, em kumite, ou seja, em combate individual do mesmo escalão, terminando na terceira posição e com direito a uma medalha de bronze.

Eis a lista dos vencedores:	
(MEDALHAS DE OURO)	
Irene Bechane	katá em seniores em femininos
Irene Bechane	kumite sub-21 - 60kg
Suellen Santos	katá juniores em femininos
Luís Sousa	katá seniores em masculinos
(MEDALHAS DE PRATA)	
Eddie Santos, Eric Santos e Luís Sousa	Equipa de katá em masculinos
Ácia Amade, Cármen Timane e Lu Ping	Equipa de katá em femininos
Eric Santos	katá seniores em masculinos
Luís Sousa kumite	84 kg seniores em masculinos
(MEDALHAS DE BRONZE)	
Suellen Santos	kumite juniores em femininos -59kg
Ácia Amade	kumite seniores em femininos -55kg
Irene Bechane, Ácia Amade e Cármen Timane	Equipa de kumite em femininos

Moçambola 2013: Liga Muçulmana goleia Vilankulo FC

Em jogo de acerto de calendário, referente à 7.ª jornada do Campeonato Nacional de futebol da 1ª divisão, o Moçambola, a Liga Muçulmana recebeu e goleou, na quarta-feira (03) o Vilankulo FC, por 3-1.

A equipa de Litos desde cedo mandou no jogo e teve em Sonito um finalizador nato, tendo marcado os dois golos (o primeiro de grande penalidade) da vantagem registada ao intervalo.

Na segunda metade, a formação da casa voltou a mandar no jogo, diante de um Vilankulo FC desorganizado, principalmente a nível defensivo, e Josephy acabou por arrumar o jogo ao marcar o terceiro golo.

Cumbula ainda obteve o tento de honra, mas a equipa de Chiquinho Conde já não tinha

tempo para mais.

Com este resultado, a Liga Muçulmana soma 24 pontos e cola-se ao Ferroviário da Beira e ao Clube de Chibuto na liderança do Moçambola 2013, sendo que a equipa de Litos ainda tem um jogo em atraso, com o Matchedje, re-agendado para o próximo dia 23 de Julho.

Entretanto, a Liga de Clubes marcou o início da 2ª volta do campeonato nacional de futebol para o dia 10 de Agosto de 2013.

Por Redacção



Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
E-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Publicidade

Desporto

cientes de que teremos adversários fortes pela frente, como, por exemplo, a Espanha, a Argentina, Portugal e a própria Itália.

@V – Existe capacidade para alcançar esses objetivos?

PT – Se alcançamos a quarta posição no último campeonato, porque é que não podemos fazer melhor neste ano?

@V – Reina a convicção de que Moçambique é uma potência de hóquei a nível mundial. Porquê?

PT – Felizmente temos uma selecção humilde, forte e unida. Os jogadores são muito amigos e com um espírito de trabalho em grupo excelente. Temos atletas ambiciosos, que conhecem o valor da nossa bandeira. Estes são os grandes segredos da selecção nacional.

O rejuvenescimento da selecção nacional

@V – Olhando para a média de idades da nossa selecção, nota-se que ela é bastante adulta. Qual é o projecto de rejuvenescimento que se tem em vista?

PT – Estamos a pensar nisso desde que regressámos do último Campeonato Mundial de Hóquei em Patins. Neste momento temos dois jogadores novos na selecção. Não é o que pretendíamos, mas é sabido que em Moçambique temos falta de equipas das camadas mais novas, ou seja, de juniores, de juvenis e de iniciação.

Isso obriga-nos a tornar o rejuvenescimento da nossa selecção em algo gradual, como estamos a fazer agora.

@V – Mas teremos uma geração como esta, futuramente?

PT – Precisamos de investir mais na formação. Talento, nós temos. É preciso que os clubes trabalhem mais no hóquei cientes de que só se pode ter uma equipa sénior depois de se ter uma equipa júnior.

@V – E como alguém que conhece o hóquei em patins moçambicano, quais são os defeitos que tem notado do mesmo?

PT – Nós temos de trabalhar muito mais. E como disse anteriormente, por um lado, é preciso que os clubes trabalhem mais na componente da formação. Por outro, temos de expandir a modalidade para as outras regiões do país, de modo a tornar a patinagem um desporto nacional.

Neste momento o hóquei é praticado apenas nas cidades de Maputo, de Nampula e de Quelimane. Mas, deixando de fora a capital do país, quais são os benefícios que tiramos dos outros pontos do país? Nenhuns, senão uma patinagem deficiente.

Eu acho que é preciso enviar para essas duas cidades monitores que possam transmitir os seus conhecimentos acerca da modalidade. Precisamos, um dia, de ter uma competição nacional e competitiva, com cerca de dez equipas no mínimo.

@V – Que mensagem tem a transmitir ao povo moçambicano?

PT – Queria pedir aos moçambicanos para depositarem toda a confiança em nós, acreditando sobremaneira nesta selecção. Nós faremos todos os possíveis para orgulhar este país que anda, há muito, sem conviver com glórias a nível das competições internacionais. Vamos neste certame tentar elevar a nossa moçambicanidade, erguendo mais alto a nossa bandeira.

Taça “Zedú”

@V – Em Agosto de 2012, Moçambique participou na Taça Zedú, em Angola, tendo perdido na final diante da equipa da casa. O que falhou, sabendo que a nossa selecção era, aparentemente, a mais forte do torneio?

PT – Para nós foi uma boa prova. Não perdemos essa qualidade de potência mundial. As pessoas precisam de perceber que nós não tínhamos, no período de preparação, um campo para treinar. A equipa só efectuou quatro sessões e, ainda assim, chegou à final, onde perdeu de forma estranha, pela má actuação da arbitragem e mais coisas que aconteceram naquele jogo.

Mas o que fizemos e deixámos de fazer naquela competição pouco nos preocupa. Agora estamos focalizados no “Mundial”.

Pedro Nunes abandona o comando da selecção nacional



Momentos depois da entrevista com Pedro Tivane, o @Verdade teve conhecimento de que Pedro Nunes já não é seleccionador nacional de hóquei em patins, numa altura em que era esperado, neste mês de Julho, na capital do país, Maputo, para orientar a primeira fase de preparação para o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins, prova que vai decorrer em Angola no próximo mês de Setembro.

Pedro Nunes, segundo revela a imprensa portuguesa, assumiu oficialmente, na última terça-feira (02 de Junho), o comando da equipa principal de hóquei em patins do Sport Lisboa e Benfica tendo dito, na ocasião, que “tinha de facto um compromisso moral com o presidente da Federação de Patinagem de Moçambique. Houve intenção de continuar a dirigir a selecção no próximo campeonato do mundo mas, desde a primeira hora que os responsáveis sabiam desta situação, inclusivamente ainda há três dias, houve uma troca de e-mails para esclarecer tudo”. Nunes foi ainda mais longe na sua explanação: “não quero parecer ingrato. Ganhei muitas raízes à frente da selecção moçambicana, mas não podia e não queria recusar este desafio de orientar o Benfica. Portanto, sou treinador do Benfica e é com este clube que tenho compromisso. Vou-me reunir com o presidente da federação moçambicana na próxima segunda-feira (08), na tentativa de o ajudar a encontrar uma solução que salvasse os interesses daquele país. Não existe qualquer tipo de guerra, nem institucional, nem pessoal.”

Entretanto, segundo uma fonte da federação que exigiu anonimato, por não estar autorizada a falar em nome daquele organismo à imprensa, dada a indisponibilidade do contacto do respectivo presidente, Nicolau Manjante, a direcção já estava preparada para este cenário. Segundo o entrevistado, Pedro Tivane vai assumir o comando da selecção durante o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins, Angola-2013, até porque “é um técnico experiente, conhecedor da selecção nacional e foi preponderante na última competição em que terminámos na surpreendente quarta posição. Pensamos que nada vai mudar e a nossa capacidade, como equipa, vai continuar a mesma, apesar de tudo”.

Contudo, o nosso interlocutor não confirmou a chamada do antigo capitão da selecção nacional, Bruno Pimentel, para ocupar o lugar que será deixado por Pedro Tivane, ou seja, de seleccionador nacional adjunto. “Ainda é cedo. Temos de ouvir primeiro o Pedro Nunes e só depois poderemos dar essa confirmação. Tudo está nas mãos do presidente” disse.

Pedro Tivane teve informação através do @Verdade

Contactado na manhã da última quarta-feira (03), Pedro Tivane disse desconhecer o assunto da saída de Pedro Nunes e que teve essa informação em primeira mão através do @Verdade. Aliás, naquela altura, aquele treinador não podia responder a nenhuma questão nossa precisando, primeiro, de se inteirar da situação junto da direcção da federação, “ainda que seja um enorme desafio orientar a selecção nacional no campeonato do mundo, na qualidade de técnico principal”.

De referir que a selecção nacional efectuará, no próximo mês de Agosto, em Portugal, um estágio pré-competitivo onde poderá defrontar equipas e selecções, quer daquele país, quer do continente europeu. Moçambique terá outro estágio de cerca de 15 dias em solo angolano, como forma de os atletas se ambientarem às temperaturas e aos campos daquele país lusófono.

Comité Olímpico: Secretismo marca reeleição de Marcelino Macome

Marcelino Macome foi reconduzido, na semana passada, ao cargo de presidente do Comité Olímpico de Moçambique (COM). No pleito eleitoral, que decorreu num meio de puro secretismo, o líder da única lista candidata foi reeleito para um terceiro mandato por unanimidade, com 16 votos.

Texto: Redacção

Num ambiente reservado, com uma imprensa escolhida “a dedo” e, diga-se, de acordo com a afinidade dos organizadores do pleito eleitoral, sem o devido anúncio nos órgãos de comunicação social como é apanágio daquela instituição quando realiza os seus eventos, as actividades arrancaram com a reprovação da lista “B”, liderada pelo economista Armando Jeque. A mesma tinha como membros algumas personalidades ligadas ao desporto moçambicano, como é o caso de Ilídio Caifaz, antigo atleta de basquetebol e ex-dirigente da federação daquela modalidade e Omar Omar, antigo judoca e secretário-geral da Federação Moçambicana de Judo, recentemente suspenso das suas funções por alegado desvio de fundos.

Segundo a explicação de Eugénio Chongo, presidente do Conselho Nacional do Desporto, entidade que conduziu as eleições, a lista rejeitada estava abarrotada de irregularidades, que partem da falta de suporte de uma federação desportiva até à integração de indivíduos que não podem, até o momento, exercer qualquer actividade administrativa no ramo desportivo, como é o caso de Omar Omar. Este cenário, segundo contam alguns presentes, indignou os visados que optaram por abandonar imediatamente a sala.

Havendo uma única lista concorrente, encabeçada por Marcelino

Macome e com rostos já conhecidos da “casa” ou seja, da continuidade, coube às onze federações olímpicas presentes, tendo faltado a de vela e canoagem, formalizar a reeleição por concordância. Aliás, algo estranho na votação, ainda que tenha o suporte no próprio regulamento interno, foi o facto de os cinco membros da direcção, únicos candidatos pela lista “A”, terem direito a voto.

Como projectos de governação para o próximo ciclo olímpico (2013/2016), Marcelino Macome sonha, em tempo recorde, erguer o maior centro olímpico do continente africano, bem como garantir uma preparação específica aos atletas moçambicanos para os Jogos Olímpicos de 2016, agendados para a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

Comité Olímpico investe no sector imobiliário

Arrancaram, no passado mês de Março, na cidade de Maputo, as obras de construção do novo edifício-sede do Comité Olímpico de Moçambique. Segundo o presidente reeleito do COM, o mesmo visa melhorar as condições de trabalho e de preparação dos atletas nacionais, de diferentes modalidades, para as competições olímpicas e não só.

O invejável edifício de 15 andares irá comportar escritórios para o funcionamento daquela instituição, centros de estágios e de treino para os atletas, como também uma zona comercial para a sustentabilidade do COM. Não foram revelados os valores envolvidos na construção.

O elenco directivo eleito	
Presidente	Marcelino Macome
Vice-presidente	João Carlos da Conceição
2º Vice-presidente	Ludovina de Oliveira
3º Vice-presidente	Por indicar pelo Ministério da Juventude e Desportos
Secretário-geral	Aníbal Manave
Tesoureiro	António Maria da Conceição
Vogais	Palmira Pedro Francisco, Luís Santos, Camilo Antão, Valige Tauabo, Odete Simião e Francisco Mabjaia
Academia Olímpica	Carla Massunda
Membro honorário	Maria de Lurdes Mutola

Desporto

Brasil atropela Espanha na final da Taça das Confederações

A claque que lotou o estádio do Maracanã definiu em coro o significado da vitória brasileira por 3 x 0 sobre a Espanha na final da Taça das Confederações em futebol, no domingo (30), que garantiu ao Brasil a conquista do título da competição: “O gigante voltou”.

Texto: Redação/Agências • Foto: Lusa

Antes da competição, vista com desconfiança e considerada longe de estar à altura dos espanhóis actuais campeões do mundo e da Europa, a equipa brasileira venceu de forma arrasadora, completando uma campanha com 100 por cento de aproveitamento e apresentando as suas credenciais para o Campeonato do Mundo de 2014.

“Quer jogar, quer jogar, o Brasil vai-lhe ensinar”, também gritaram os adeptos no estádio, reflectindo na arquibancada a aula de futebol objectivo que os brasileiros deram em campo contra o tão badalado “tik taka” da Espanha, que estava sem perder há 29 jogos em competições oficiais.

“Cria-se uma situação favorável, de um ambiente melhor. O que o povo tem feito por nós é algo fantástico, maravilhoso. Temos que ter isso como princípio no nosso país, a amizade, a união, fazer com que as coisas possam evoluir, através de um bom trabalho”, disse o técnico Luiz Felipe Scolari após a partida.

Fred marcou dois golos, completando cinco em cinco jogos, e Neymar fez o outro, o seu quarto no torneio. A Espanha ainda perdeu um penálti, com Sergio Ramos, quando o jogo já estava em 3 x 0, e com o defesa Piqué expulso por falta violenta sobre Neymar, aos 23 minutos da etapa final.

A exemplo do que aconteceu nas outras partidas da equipa na competição, a selecção brasileira começou o jogo levando para dentro de campo a empolgação da claque com a execução do hino nacional. E o incentivo dos 73 mil adeptos no Maracanã, completamente lotado, rapidamente se transformou em golo.



Logo aos dois minutos de jogo, Hulk fez um cruzamento da direita para dentro da área. A bola bateu em Neymar e sobrou para Fred que, mesmo deitado, empurrou para o fundo das redes. O atacante correu em direcção à claque na comemoração, sendo seguido pelos companheiros num momento de êxtase entre os adeptos e a equipa.

A Espanha, que normalmente domina os jogos com muitos passes trocados no meio-campo, viu-se numa situação com a qual não está acostumada, sendo pressionada pelo Brasil e sem conseguir ameaçar a baliza brasileira.

Passado o abafa inicial, os espanhóis até conseguiram repetir o “tik taka” com a bola de pé em pé, mas sem efectividade. O Brasil, por outro lado, continuava criando as melhores oportunidades da partida, principalmente nas jogadas de contra-ataque.

Fred desperdiçou uma oportunidade incrível de marcar o segundo, aos 33 minutos. Neymar conduziu a bola pela esquerda e fez um passe perfeito para o atacante, que ficou frente a frente com o guarda-redes dentro da área. A bola, no entanto, tabelou em Casillas, indo para canto. Se o número 9 desperdiçou uma oportunidade clara, o Brasil foi recompensado com o esforço do defesa David Luiz, que impediu o que seria o golo do empate da Espanha, aos 41 minutos.

Dessa vez, num contra-ataque da Espanha, Pedro recebeu a bola pela direita, invadiu a área e bateu colocado, tirando o guarda-redes Júlio César da jogada. David Luiz arrancou em direcção à baliza brasileira e conseguiu tirar a bola quase na linha do golo com um carrinho. A claque entoou o nome do defesa como se tivesse marcado um golo.

Logo depois, foi a vez de Neymar ser homenageado pelos adeptos, mas desta vez

por ter violado as redes de facto. O atacante trocou passes com Oscar na entrada da área e rematou fortemente com pé esquerdo, sem hipótese de defesa, aos 44 minutos. Foi o quarto golo no torneio do atacante, eleito, mais uma vez, o melhor da partida.

O golo relâmpago do primeiro tempo repetiu-se no segundo, e novamente com Fred. O atacante recebeu a bola na entrada da área após jogada de Oscar e Neymar e tocou de primeira, à saída do guarda-redes.

A Espanha teve a sua melhor oportunidade de reduzir na corbante de um penálti, cometido por Marcelo em Jesus Navas. No entanto, Sergio Ramos atirou para fora, aos 10 minutos da segunda etapa. Mesmo com 10 jogadores em campo após o cartão vermelho para Piqué, a Espanha continuou em busca do golo de honra, o que deixou muito espaço para o Brasil contra-atacar.

Ainda que o quarto golo não tenha acontecido, os adeptos tiveram o bastante para comemorar nos minutos finais – em especial duas óptimas defesas de Júlio César. Após o apito final, os jogadores comemoram a conquista do título com a claque em todos os sectores do estádio. Alguns saltaram até a arquibancada para saudar familiares.

A vitória garantiu ao Brasil o tetracampeonato da Taça das Confederações, após as conquistas em 1997, 2005 e 2009. O jogo foi o último da selecção brasileira numa competição oficial antes do Campeonato do Mundo do ano que vem em casa.

Fórmula 1: Rosberg triunfa na Inglaterra

O alemão Nico Rosberg venceu para a Mercedes um Grande Prémio da Inglaterra dramático no passado domingo (30), no qual vários estouros de pneu privaram o seu colega de equipa, o britânico Lewis Hamilton, da esperança de vencer em casa.



Texto: Redação/Agências • Foto: Lusa

O Red Bull do tricampeão Sebastian Vettel quebrou quando ele liderava a prova, e Fernando Alonso reforçou as suas hipóteses de conquistar um título com a Ferrari com um inesperado terceiro lugar. Vettel tem 132 pontos diante dos 111 do es-

panhol após oito de 19 corridas, e na semana que vem é o alemão quem espera triunfar na terra natal no GP de Nürburgring.

O australiano Mark Webber, que largou na segunda fileira mas caiu

para 14º no final da primeira volta depois de uma largada infernal, chegou em segundo e manteve a sequência de pódios em Silverstone que remonta a 2009.

“É um dia muito, muito especial”, disse Rosberg sobre a sua segunda vitória na temporada. “Com Lewis, lamento por todos os adeptos britânicos. Teria sido uma grande corrida com Lewis diante da plateia local. Mas faz parte da corrida”, declarou Rosberg em entrevista no pódio com Damon Hill, campeão de 1996. “Quando Sebastian parou, não vou mentir, não fiquei decepcionado. E foi uma óptima corrida dali em diante”, acrescentou o alemão, que superou Webber em 0.7 segundos após as sete electrizantes últimas voltas depois do segundo safety car.

Hamilton largou na pole, em busca da sua primeira vitória com a Mercedes desde que saiu da McLaren, e liderou nas primeiras oito voltas, até o seu pneu traseiro esquerdo estourar. Ele conduziu o seu carro só com três pneus pelo circuito, entrou nos boxes na 18ª posição e voltou em 21º, já sem esperança de vitória.

Foi o início de uma corrida feroz para o britânico, que terminou na quarta posição. “Corrida maravi-

lhosa, Lewis”, disse o chefe de equipa, Ross Brawn, pelo rádio no final. “Pena que não tenha dado certo, mas bom trabalho”.

O estouro de Hamilton foi o primeiro de cinco pneus traseiros esquerdos na corrida, que teve duas entradas do safety car – uma causada por Vettel, cujo carro parou de repente na recta enquanto ele liderava. “Perdi a potência, perdi a caixa de câmbio”, gritou o alemão pelo rádio.

O brasileiro Felipe Massa, o francês Jean-Eric Vergne na Toro Rosso e os mexicanos Esteban Gutiérrez e Sergio Pérez, para Sauber e McLaren, respectivamente, também tiveram pneus estourados. Massa voltou para o final da fila depois de ir aos boxes com três pneus e um aro, mas também batalhou e terminou em sexto, atrás da Lotus de Kimi Raikkonen.

Raikkonen estabeleceu um recorde na Fórmula 1 com a sua 25ª corrida consecutiva pontuando. O alemão Adrian Sutil foi o sétimo com a sua Force India, e o australiano Daniel Ricciardo oitavo para a Toro Rosso.

O britânico Paul Di Resta chegou em nono com o seu Force India e o alemão Nico Hulkenberg levou o último ponto para a Sauber.

Porque a violência (doméstica) prevalece?

No seu livro sobre “A Violência Doméstica em Moçambique”, a jornalista Rosa Langa expõe as angústias e mágoas experimentadas pelas vítimas. Na cerimónia de lançamento, os moçambicanos ficaram repugnados com o fenómeno. O que não se percebe é porque ele prevalece.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

No dia 28 de Junho, quando se publicou o terceiro livro da jornalista moçambicana, Rosa Langa, e a primeira para a conselheira social, Leonor Domingos (o que aconteceu nos Estúdios 222, na cidade de Maputo) todos os intervenientes narraram experiências pessoais em relação à violência doméstica. Classificaram-na por repugnante. Outros afirmaram que a praticam com naturalidade.

Em “A Violência Doméstica em Moçambique”, a obra cuja publicação foi patrocinada pelo FUNDAC, as autoras colecionam depoimentos de mulheres vítimas do mal. A delicadeza do assunto, e a forma emocionante como foi discutido, quase tornou a cerimónia do lançamento da obra uma espécie de catarse social. Acompanhemos, a seguir, como algumas pessoas reagiram sobre o assunto.

“São violentadas por serem mulheres”, Benvinda Levy, ministra da Justiça

“Temos mulheres e homens que assumiram ser vítimas da violência doméstica, mas, certamente, nesta sala, haverá muitas pessoas que nunca irão assumir, publicamente, que sofrem do mal. De uma ou de outra forma, vivemos a violência, ou porque somos parte dela? ou porque ela acontece ao nosso lado.

Há vezes que intervimos para estancá-la, noutras não fazemos nada. Ela pára-nos e sentimo-nos impotentes para inibi-la. A obra que nos é apresentada hoje fala sobre a experiência de pessoas que tiveram a coragem não só de partilhar este pesadelo – que trespassa por muitas vidas – mas que também tiveram a ousadia de dizer basta. A violência não é aceitável.

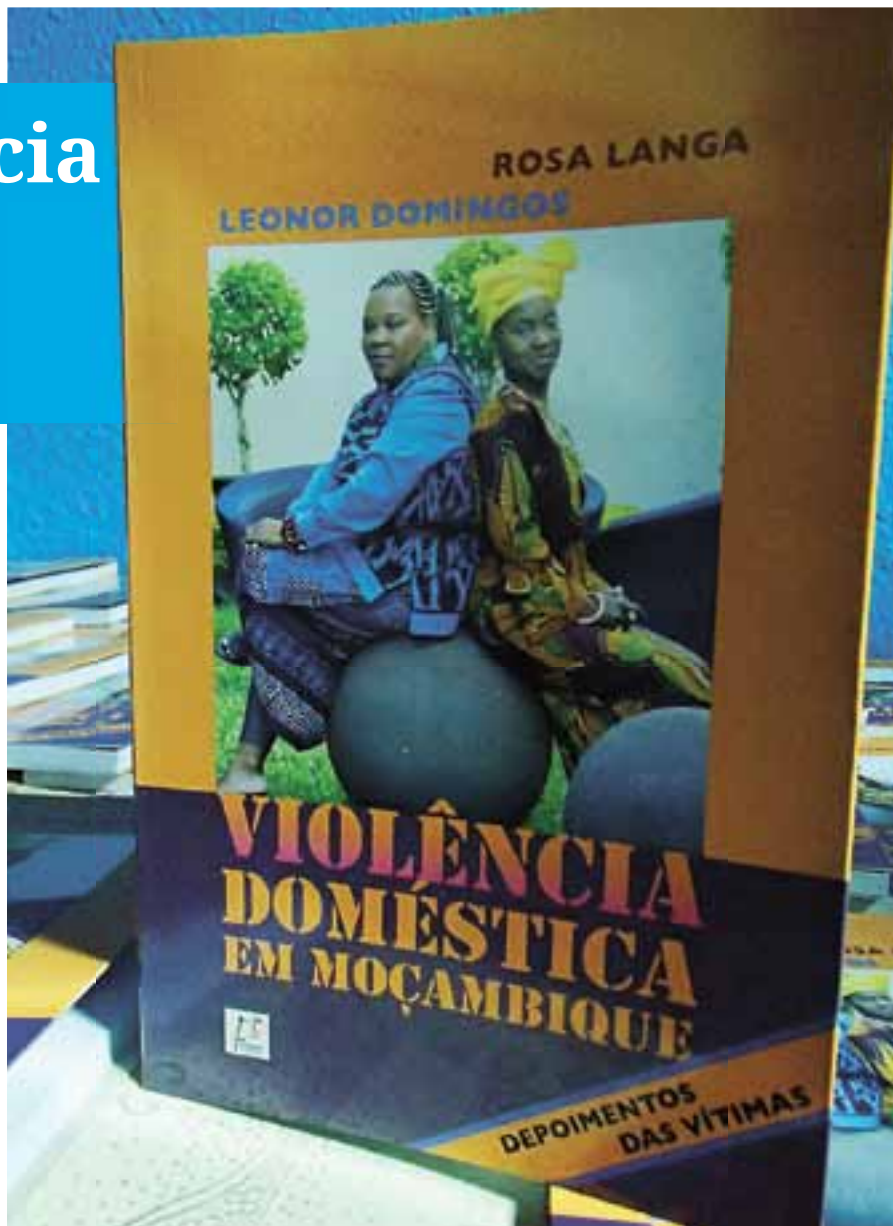


Homens e mulheres querem-se parceiros e amigos e não uns mais fortes que os outros. Uns exercendo o poder e, para tal, recorrendo à violência.

O quotidiano oferece-nos exemplos de que a nossa sociedade trata homens e mulheres de forma diferente. Muitas vezes, a discriminação de que são vítimas resulta única e exclusivamente do facto de serem mulheres.

A luta contra a violência depende da forma como educamos as meninas e os meninos. Porque disso e da maneira como os casais se relacionam determina-se como as futuros mulheres irão construir a sua vida. É sobre isto que devemos reflectir.

A maior parte das pessoas que está aqui é pai e mãe e, certamente, no dia em que recebe os seus filhos planeia o melhor para os mesmos. Ninguém quer que a sua filha seja maltratada, desprezada, usada e abusada por alguém”.



“O sistema violenta duplamente as vítimas”, Sara da Almeida, estilista

“Falar, publicamente, sobre a minha experiência em relação à violência doméstica é uma expressão de superação a este mal, ao mesmo tempo que é uma maneira de ajudar outras mulheres a não passarem pelas mesmas situações.

Normalmente, o violador dos nossos direitos é uma pessoa muito próxima. Que tem a capacidade de influenciar o nosso pensamento, culpando-nos pelo seu comportamento. No meu caso era o meu ex-marido.

Quando somos agredidas, por qualquer motivo, as pessoas questionam-nos as razões. Nunca se interroga ao agressor. A culpa da violência, normalmente, é atribuída à mulher.

O Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítimas da Violência Doméstica foi concebido, existe e está a funcionar, mas falta muita coisa para que ele resolva os problemas da mulher.



Por exemplo, depois de agredida, eu fui meter queixa no Gabinete. Algum tempo depois, o processo foi conduzido ao tribunal que me chamou, orientando-me para, num intervalo de três dias, encontrar um advogado a fim de me prestar assistência. O problema é que, na altura, eu não tinha dinheiro para contratar um jurista. Acredito que muitas vítimas da violência doméstica não têm.

Por isso, na minha opinião, o Gabinete devia ter, pelo menos, por algumas horas, um advogado para assistir as vítimas.

Da outra vez, fui agredida e retornei à mesma instituição de onde fui orientado a ir para o Hospital Central (HCM) a fim de obter

o laudo. No HCM mandaram-me voltar 45 dias depois. Insistindo para que me atendessem, expliquei as razões da minha urgência em relação aos exames, mas, mesmo assim, eles não mudaram de postura.

Depois de retornar ao Gabinete, sem resultado favorável, os técnicos disseram que não podiam fazer nada – o que podia ter sido diferente se existisse lá um médico responsável.

No entanto, mesmo assim, 45 dias depois – desta vez, sem cicatriz nenhuma – voltei ao HCM para dar rumo ao processo. Nesse dia, não fui atendida porque o médico chegou tarde. Deixei a minha reclamação, incluindo os meus contactos. Já passam quatro anos e ainda não fui contactada.

Então esse procedimento violenta duplamente as vítimas”.

“Não se acanhem, a violência mata” – as autoras

Rosa Langa considera que – em resultado de tudo isso – “é preciso que cada um de nós faça o seu papel para evitar que a violência doméstica se torne um cartão-de-visita nas nossas famílias”. Leonor Domingos afirma que “além de ser a co-autora do livro, também sou uma das vítimas de vários tipos de violência. Quando a jornalista me convidou a participar no projecto – cuja batalha era a recolha de depoimento de mulheres agredidas – senti-me acarinhada pelo facto de que isso constituía um desabafo”.



Além do mais “pude perceber, afinal, que não estava sozinha nesta crise. Foram mais de 12 anos passando por situações de violência. E hoje, felizmente, estou mais tranquila. Quero alertar a todas as vítimas para que não se acanhem porque a violência mata”.

“A violência é assumida com naturalidade”, Mateus Kathupa, político

“No dia 14 de Junho de 2013, na qualidade de membro da brigada central do Partido Frelimo, fui dirigir uma reunião na cidade de Maputo. No local havia poucas cadeiras. Dirigentes da Educação e Cultura – incluindo eu – estavam sentados nas cadeiras. No entanto, todas as mulheres que chegavam, sentavam-se no chão. Senti um arrepio.



É que naquela situação, para todos os homens, era natural que as mulheres se sentassem no chão e nós nas cadeiras. Ninguém dentre nós cedeu o seu assento. Findo o encontro, pedi para que no seguinte todos, todos sentássemos no chão.

Essa experiência ilustra uma forma de violência assumida com naturalidade. Não me quero referir às situações horríveis que são desenvolvidas nessa obra”.

Uma família (simplesmente) Gran'Mah



Além da inédita paixão musical que possuem, no princípio não sabiam o seu nome. No entanto, como a ideia de serem os filhos da avó não lhes pareceu pejorativa, assumiram que são os Gran'Mah. Por vezes, no País do Pandza, não são honrados, o que os aborrece. Cantam "Raggae Fusion", um dos estilos musicais da "World Music" e, como tal, é no mundo que querem impor Moçambique.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Quando em, em 2009, Moçambique celebrou 17 anos de Paz, um grupo de amigos (dentre os quais Luís Silva, Leopoldo Fernandes ou, simplesmente, Leo e Miguel Wilson), com uma paixão intensa pela música, uniu-se. Todos tinham experiências peculiares na área, mas aquele encontro era mesmo para brincar de musicar.

Como em Maputo os espaços para ensaiar são praticamente escassos – o que é pior para quem está a começar na música – a colectividade não teve outra alternativa a não ser ocupar a garagem da avó do baixista Leo, algures em Maputo.

"A nossa garagem sofreu transformações. Ela tinha um tecto de zinco, o que provocava ruídos, vertendo água sempre que chovesse. Não tínhamos instrumentos musicais próprios. Na verdade, no princípio, nem as nossas músicas soavam bem. Produzíamos mais barulho do que outra coisa e não tínhamos vocalista", esclarece o guitarrista Luís Silva.

Vários artistas – com destaque para vocalistas, já que nenhum dos instrumentista tem dom para cantar – concorreram para fazer parte da colectividade que teimava em nascer. O drama é que, segundo os membros se recordam, por motivos comportamentais e de antipatia, pelo menos 10 músicos – apesar de serem talentosos – foram reprovados e excluídos do conjunto Gran'Mah.

No seu laboratório musical, os artistas permaneciam muito tempo e ninguém os encontrava: – Onde é que estão os meninos? – Eles estão a ensaiar na garagem da avó do Leo. – Ok! Eles são os Gran'Mah Kids. É na base de um diálogo similar a este que – com a exclusão da palavra Kids – nasceram os Gran'Mah como uma banda, ou, pelo menos, é assim que o viola-baixo, Leopoldo Fernandes, narra.

“Vou crescer, conseguir um novo emprego, casar-me e ter filhos. E, à medida que esses acontecimentos se sucederem, vou escrever sobre os mesmos a fim de gerar a nossa música”

Com o passar do tempo – mesmo sem vocalista – a banda passou a realizar concertos ao vivo. “No entanto, as pessoas não compreenderam que se tratava de um projecto novo. Estranharam-nos”, recorda-se Luís.

A formação dos Gran'Mah compreende três fases em que, na primeira, os instrumentistas tocavam por puro prazer, na segunda, procuram um vocalista, tendo-se encontrado uma jovem que depois – por incompatibilidade de agenda e circunstâncias – os abandonou, e, por fim – e assim espera-se – a marcada pelo ingresso da vocalista Regina Santos e do teclista Miguel Marques.



“Nós somos o verdadeiro sonho de Mandela, não obstante não estarmos a viver na África do Sul. Aceitamo-nos como um colectivo, respeitando as nossas diferenças”

No reino da diversidade

Por qualquer razão, no início esta banda decidiu explorar, nas suas composições musicais, o “Raggae” e o “Dub”, com alguma exclusividade. Rapidamente, a opinião foi rejeitada pelo baterista, Miguel Wilson, que entendeu que os Gran'Mah – ainda que se definam como os autores do “Raggae Fusion” que resulta da fusão da Bossa Nova, do Rock e do Blues, aos dois primeiros géneros – deviam ampliar a sua esfera de acção e intervenção na música.

“Essa experiência é muito importante porque nos enriquece, traduzindo a ideia da diversidade que a nossa banda possui”, refere Luís Silva que é complementado por Leo para quem “isso não somente decorre no momento da criação como também no do seu consumo, porque nós ouvimos todos os estilos de música”.

No entanto, Miguel Wilson – o “Crazy man”, como também se identifica e, em palco com a sua bateria, se comporta – leva a discussão para um porto sublime. “Nós somos o verdadeiro sonho de Mandela, não obstante não estarmos a viver na África do Sul. Aceitamo-nos como um colectivo, respeitando as nossas diferenças”.

A vocalista Regina Santos explica que “é difícil criar a miniatura comportamental dos Gran'Mah porque temos várias personalidades e acho que ninguém, de nós, deve perdê-las”.

Fazer música para o mundo

Perante a vibração do público que – em cada música exposta – interagia com os artistas, no Festival Azgo de 2013, é irrecusável a (boa) receptividade que os Gran'Mah têm perante os consumidores das suas obras. Eles são uma banda jovial que produz músicas para esse público, sem, no entanto, excluir outros grupos. Perante as suas obras, fica claro que a música é uma linguagem universal. Por isso, ainda que a chamem “Raggae Fusion”, nós preferimos dizer que eles se enquadram muito bem na rede “World Music”.

Até que ponto, no entanto, esta amplitude abrangente – em termos de mercado musical – se reverte/está a reverter-se em vantagem para a colectividade? O comentário de Kiuri Negrão, um velho amigo que se associou à banda que gere, é muito formal. “A nossa paixão pela música vem de diversas partes do mundo e é isso o que nos move a gerar obras com um impacto proporcional a todas as influências”.

Kiuri capitaliza os desdobramentos que a música percorre no mundo contemporâneo, explorando as vantagens desse mercado globalizado “em que as pessoas não estão fechadas num só

alinhamento, tendo muitas fontes de acesso à música”.

Desvalorizada na (nossa) terra

Questionados sobre as facilidades de produzir obras de arte, tomando o exemplo de trabalhos discográficos, em Moçambique, Kiuri Negrão afirma que, tratando-se de um mercado pequeno, mais fechado, em que as pessoas devem batalhar arduamente para terem acesso a um estúdio musical – recorde-se de que aqui os artistas não ganham muito como no resto do mundo – é muito mais complicado conseguir muitos feitos na música.

Em relação ao assunto, Luís Silva é objectivo. Diz ele que, “infelizmente, aqui, em Moçambique, a música não é muito valorizada”. E não lhe faltam exemplos. “Qual é o estilo de música que as empresas de telefonia móvel financiam mais? Nem sequer arriscam em apoiar outros géneros”.

Luís Silva afirma que “não sei se o Moreira e o Jimmy Dlodlu tivessem permanecido aqui estariam a ser reconhecidos como são agora. Eles são bons artistas, mas o problema é que, internamente, também temos artistas da mesma estirpe que não são devidamente honrados”.

O outro aspecto é que, em jeito de exemplo, no ano passado “nós corremos na Vodacom Moçambique com um afro-house tocado por uma banda. A música foi preterida a favor de Pandza. Isso significa que nós, aqui, não temos muito espaço para fazer o estilo musical que queremos. Ora, não podemos tocar Pandza, simplesmente, condicionados. O resultado disso é que acabamos por ganhar maior visibilidade no estrangeiro do que em Moçambique”.

Música para a eternidade

Refira-se que as letras das músicas dos Gran'Mah são escritas por Regina Santos, a vocalista, no entanto, na composição todo o grupo participa. Grosso modo, nas suas obras, a colectividade fala sobre o Amor – as relações amorosas bem ou malsucedidas –, as alegrias e tristezas nos vários campos da vida humana, o percurso da vida em estágios diferentes, mantendo uma neutralidade em relação a assuntos políticos.

“Vou crescer, conseguir um novo emprego, casar-me e ter filhos. E à medida que esses acontecimentos se sucederem vou escrever sobre os mesmos a fim de gerar a nossa música”, comenta Regina que procura conferir intemporalidade às criações do colectivo.

Os Gran'Mah que preparam um disco promocional para as suas músicas, a ser publicado em Setembro, anseiam que a sua música ganhe uma aura no espaço nacional – e é para isso que estão a trabalhar – como aconteceu com algumas bandas conceituadas.

Por exemplo, ainda que assumam que isso é uma utopia, na música, a sua meta é transmitir sentimentos de paz, o que implica “falar sobre a inspiração pessoal, as experiências de auto-superação – de nós para nós mesmos – disseminando mensagens positivas”.

Monstros que discutem a paz!

Quando Arcanjo Gabriel, que é artista plástico moçambicano e nenhum anjo, começa a esculpir a madeira para gerar arte, inaugura-se um trabalho através do qual, uma vez concluído, se instaura a paz. Dessa experiência, o curso da sua vida é uma metáfora; afinal, durante os anos da guerra dos 16 anos, em Moçambique, o criador escapuliu-se do conflito, refugiando-se na Swazilândia. Que importância tem a guerra? Aprecie os seus “monstros” a travarem a sábia discussão. Quem sabe restauremos o sossego.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Quando entre 1985 e 1986, o escultor moçambicano, Arcanjo Gabriel Mazive, começou a relaciona-se com a arte, Moçambique – que já era independente desde 1975 – vivia um novo conflito militar, desta vez, entre a Renamo e o Governo moçambicano. Em resultado disso, enquanto decorria o fenómeno, estando em qualquer lugar sem se ter em consideração a actividade que estivessem a realizar, os jovens eram recrutados para a guerra.

“É que naqueles anos, quando se fosse jovem, devia-se ir ao conflito armado. Por isso, em certo sentido, a minha estada na Swazilândia representava uma fuga à situação”, recorda-se o artista que descobriu a sua afeição pela escultura na terra do Rei Mswati.

Segundo o seu relato, na Swazilândia dos anos de 1980, havia muitos moçambicanos. Basta que se tenha em mente que a maior parte das galerias, em que se expunham as esculturas em espaço público, pertenciam aos moçambicanos.

“Quando questionei a algumas pessoas sobre os produtores das obras, disseram-me que eram os machangana de Moçambique. Fiquei intrigado, mas, ao mesmo tempo, também estimulado a visitar com maior frequência as galerias até que comecei a ganhar uma paixão por essa expressão artística”, recorda-se.



Sucedo, porém, que nos finais de 1986 (quando desiludido com as más condições laborais na Swazilândia) Arcanjo Gabriel retorna a Moçambique, onde se reencontra com o seu amigo André Filipe Massango que, na altura – em resultado do seu contacto com o músico Gabar Mabote – já se dedicava à escultura. “O cantor é que desenhava as nossas esculturas”.

O autor da escultura “Os Cinco Globalizados Pelo Ozono”, que argumenta que não se pode ensinar alguém a apreciar arte sem manter contacto com ela, explica que – por causa do amor que nutre por ela – a sua aprendizagem artística não foi difícil. Estudou Serralharia Civil na Escola Industrial da Matola, onde vive, mas não se dedica ao ofício.

Uma eterna busca pela paz

Arcanjo Gabriel Mazive, de 48 anos, refere que, muitas vezes, a sua inspiração advém dos valores da africanidade com particular destaque para o movimento da negritude. “Quando viajo para



as zonas rurais, sobretudo, para a terra do meu pai, em Inhazilo, no distrito de Manjacaze, fico muito inspirado”.

Desde sempre, como relata, a sua criação se focalizou na preservação da tranquilidade. Por exemplo, a escultura “Anjo da Paz” foi exposta numa mostra colectiva, em 2003, no entanto, com a instabilidade política em Muxúnguê, esta criação – que está exposta na Mediateca do BCI – Espaço Joaquim Chissano – acaba por ganhar enquadramento na discussão.

Mazive explora o tema paz – ou a sua ausência – com base em fragmentos e signos do quotidiano.

“Na Escola Primária de Inhazilo, onde o meu pai estudou, existe o ‘Ndhindhassi’ que – nos recorda a máquina de terraplanagem – é um instrumento muito pesado. O meu pai explicou-me que, no tempo colonial, a ferramenta era arrastada por homens que construíam as estradas. As pessoas trabalhavam forçadas – o que significa que nessa época clamavam pela paz”.



“Sem o pão de cada dia, é possível vendermos uma obra avaliada em 20 mil meticais por apenas dois. Isso acontece e deve acontecer porque, para sobreviver, o artista depende da sua criação”

Nas palavras que se seguem, a exposição do artista não difere de um clamor colectivo do povo pelo calar das armas.

“No nosso país, logo depois da independência, tivemos a guerra dos 16 anos. Durante esse tempo, ao longo da minha juventude, sofri muito. Infelizmente, estou a perceber que se o conflito eclodir, novamente, o meu filho – que está em idade militar – também irá prantejar. Quando é que iremos descansar? Quando é que teremos paz? Como é que eu posso transmitir esse sentido sem estar em tranquilidade comigo? No nosso país, é quase impossível ter o sossego do ego”.

Em 2012, Mazive encontrou outro ‘Ndhindhassi’ muito maior que, na sua opinião, devia ser conservado num espaço museológico. “Há muitos anos que está ao relento e devia ser conservada porque esta ferramenta explica partes da nossa história”.

Lutar pela arte

Nos anos da sua iniciação artística, na cidade de Maputo era muito fácil encontrar emprego. E os seus pais não queriam que ele se dedicasse à arte porque não é comprada. “Diziam que eu estava a perder tempo, fazendo-me passar por um velhote a esculpir a madeira. Para eles a escultura era uma actividade reservada aos idosos. A minha família colocou

muitos impasses na minha relação com a arte”.

No entanto, porque quando uma pessoa gosta de algo que lhe dá satisfação e felicidade (até porque não basta ter dinheiro) deve persistir. “Eu fui renitente e travei uma batalha muito grande pela arte”.

O resultado da sua luta tardou, mas – finalmente, em 2008, quando ganhou o Prémio FUNDAC Alberto Chissano na secção de Escultura – chegou. “Fiquei muito feliz”.

De uma ou de outra forma, de acordo com Mazive – cuja maior parte das suas mais de 50 obras que constituem a sua colecção artística é inédita – não tem sido fácil viver de arte no país.

“Felizmente, eu tenho algum suporte que me garante a sobrevivência. Muitas vezes, nós, os artistas, ficamos frustrados. É que quando não se tem o pão de cada dia, é possível vendermos uma obra avaliada em 20 mil meticais por apenas dois”, revela reiterando que “isso acontece e deve acontecer porque, para sobreviver, o artista depende da sua criação”.

Ainda na temática da paz, o escultor Mazive possui a obra “Dois Pólos” que, além da ideia do choque ou conflito, explica que os opostos podem conviver, pacificamente, e contribuir para o equilíbrio, desde que respeitem os limites da liberdade de cada um.

No entanto, em “Os Cinco Globalizados Pelo Ozono”, o artista desenvolve uma discussão ambientalista em que apesar de a região do Pólo Norte dominar o resto do mundo – em quase todos os aspectos, in-



cluindo a emissão do gás carbónico – a verdade é que os impactos que daí resultam, mormente, o desequilíbrio ecológico, prejudicam a humanidade. “Enquanto os Homens não reajustarem a sua actuação, o nosso planeta continuará a degradar-se”.

Porque é que as pessoas devem visitar a mostra PAZ (do escultor Arcanjo Gabriel Mazive) patente na Mediateca do BCI – Fomento, Espaço Joaquim Chissano, em Maputo? O facto é que “quando começo a produzir uma obra de arte, enfrento um desafio grande. No entanto, no fim, fico em paz. Creio que os apreciadores das minhas criações devem viver esta experiência”. Foi também por isso que nós visitámos a mostra que encerra no dia 07 de Julho.

Como será o amor no futuro?

Em *La Luna Blanca*, a obra teatral do Grupo Gumula, Flávio Mabote e Elso Xirinda, que representam um casal, travam um debate em torno de uma relação conjugal que experimenta uma crise ao longo do tempo. Partindo da migração das relações humanas para a Internet – como resultado do desenvolvimento tecnológico – os actores formulam uma questão séria. Como será amar no futuro? No entanto, ainda que se desenvolvam, as nossas sociedades mantêm-se tradicionais e machistas. Como o novo olha para o velho? Na intriga, este é um ponto de partida.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

A questão sobre como os jovens encaram os idosos, mesmo quando se trata dos seus pais, na nossa sociedade é premente. Aqueles são entidades que, dada a sua idade, muitas vezes são ignorados e acusados de práticas que lhes valem o abandono dos seus próximos, o que, em nenhum momento, lhes retira valor como pessoas.

“Já dizia o meu velho pai – ‘o que o homem trança, o rio destrança’. Na verdade, eu nunca percebi o significado daquela frase. A única coisa que sei é que ele sempre insistia que ‘meus filhos, o que vocês fazem hoje irá reflectir-se na vossa vida amanhã’.

Como a peça mostra, há incompreensões na comunicação entre pessoas de gerações diferentes. Porque é que os idosos não são compreendidos pelos jovens? Quais são os impactos disso?

“Ele era um velho de merda e inconsequente. Metido a conselheiro. Vivía a bisbilhotar a vida alheia. Tinha cinco esposas. A nossa casa mais parecia uma aldeia. As crianças geometrizaravam o pátio da residência em diversões infantis”.

Tradicionalista, machista ou polígamo – se é que existem outros adjectivos que se podem atribuir ao idoso de que se fala – a verdade é que ele era rigoroso. É como diz Flávio Mabote, que interpreta a personagem Chiconela, se recorda do pai. “Dizia ele que as regras – sejam elas quais forem – foram feitas para serem cumpridas”.

É importante notar, aqui, que os conceitos da vida sexual do seu pai acabam por ser, como Chiconela refere, uma das suas inspirações.

“O homem que se quer macho não pode dar nem receber carinhos em público. Os namoros são assuntos privados. Por isso, jamais dediquei flores a alguém. (...) Meu filho, faz amor sempre, mas nunca deves dormir com mulheres. Isso é uma intimidade maior e não é fazer amor. (...) É por isso que, à noite, eu puxo a minha esteira e deito-me na sala. Eu nunca dormi com mulheres, mas sim dormia em mulheres”.

Tal pai, tal filho

Em cena, Chiconela, que segue o exemplo do pai, explica que “não quero morrer antes de possuir a centésima mulher. É por isso que, com todas as minhas amantes, faço amor na mesma cama e sobre o mesmo lençol para não perder o número”.

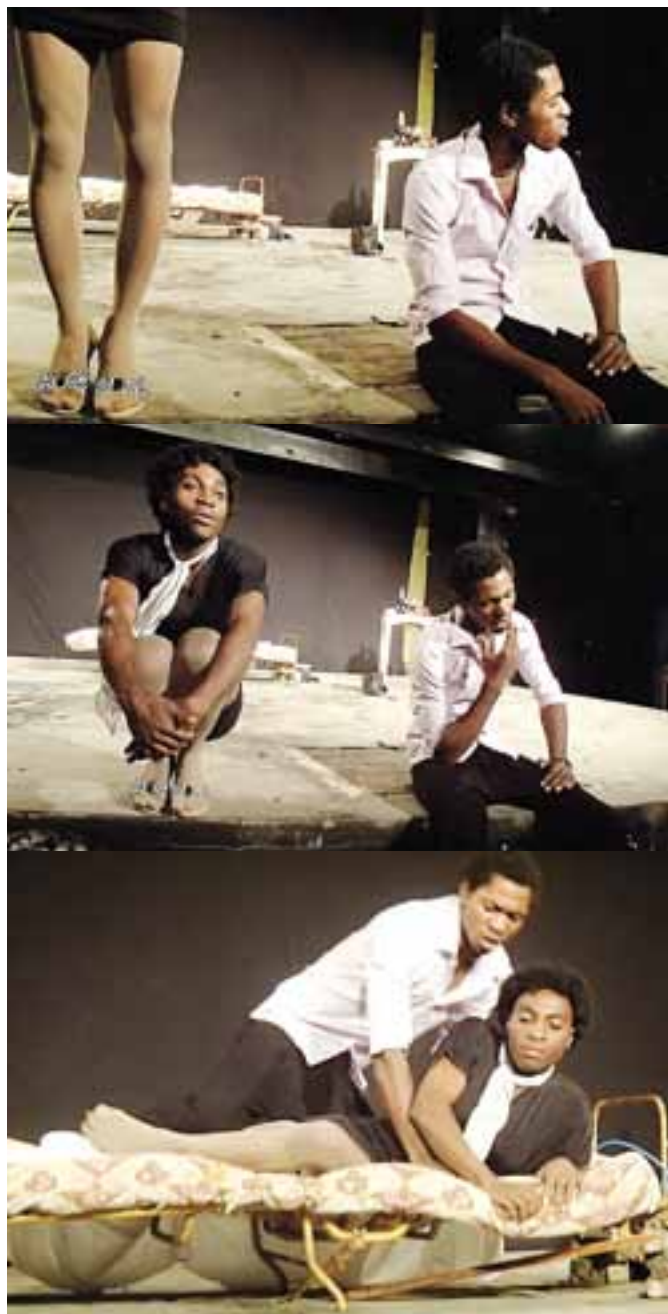
De qualquer modo, apesar da morte do seu pai, em certo sentido, Chiconela acaba por ser um instrumento de manutenção da poligamia, num outro espaço social e em moldes sofisticados. Ou seja, como “o tempo e a vida não param, cá estou eu a seguir os caminhos do meu pai, descobrindo as mulheres com todo o seu carisma”.

Entretanto, se o modo como os namorados – por um lado, em sociedades tradicionais, se conheciam através de fotografias enviadas por intermédio dos familiares e, por outro, por meio de contactos presenciais, ou de conversas em plataformas online, por exemplo – instauravam as relações diferem de época para época e de tempos para tempos, que dizer do conceito de amor? O tópico alimenta a intriga entre ambos, um dizendo que se trata de sexo enquanto outro afirma o contrário.

Amor em (mutações e) crises

Num mundo materialista e materializante, como o nosso, até que ponto o amor continuará a sustentar as relações humanas?

Ou seja, “olhando para as transformações tecnológicas – que o mundo experimenta – o que será do amor daqui a 10 mil anos?



Como será amar no futuro? Eles pensam que no tempo vindouro, “o amor será uma experiência de interacção audiovisual na Internet, em que as pessoas vão enviar beijos e carinhos uns aos outros virtualmente”.

Num diálogo similar ao que se segue – em jeito de profecia – os actores esculpem a miniatura das relações humanas, nesse futuro.

– Sabes, durante as minhas visualizações, tu foste a melhor conexão.

– Eu também, na primeira vez que te vi, percebi que tu eras um homem 3D. Por isso, não precisei de óculos. E quando não te encontro, sinto muitas saudades, por isso, imediatamente, faço um ‘search’ de ti para juntos interagirmos na minha sala de bate-papo.

Um aspecto a ter em conta é que, em resultado dessa dinâmica, os actores concordam com o facto de que, constantemente, “nesse tempo, as pessoas vão andar com cabos ‘USB’ para se conectarem aos seus amados sempre que os encontrarem”.

No entanto, ainda que, na explicação da peça, isso seja o desejado pelas pessoas, elas sentem-se sufocadas nessas relações.

– Olha, se estamos aqui, é porque tu quiseste. Eu, apenas, tentei satisfazer as tuas vontades.

– Sabe, esse é o teu problema. Tu sempre fazes o que eu peço. É isso o que eu não quero. Estou farta. Até parece que eu sou a única pessoa que está a lutar para manter este casamento.

– Como assim? Eu também faço o mesmo para manter os nossos laços matrimoniais, submetendo-me às tuas loucuras.

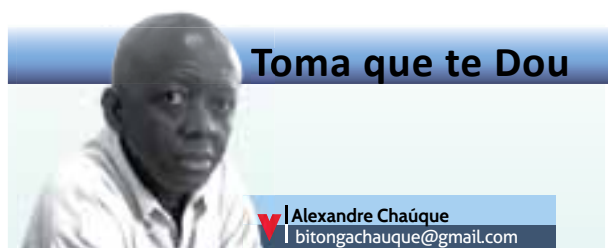
– Que loucuras?

– Então, tu achas normal fazer sexo no cemitério, nas campas e nos bancos de socorro do hospital? Mas eu fiz tudo isso em nome do amor e da magnífica família.

É assim que, em certo sentido, os actores criticam a constante perda de valores morais – associada ao desenvolvimento da tecnologia, bem como a sua má utilização – na sociedade.

Entretanto, se por um lado, provavelmente, por insuficiência de tempo, em certas passagens da peça, percebeu-se que os actores estavam a ler o texto – o que retirou a fluidez e a naturalidade da situação narrada –, dada a relevância da obra, o Grupo Teatral Gumula devia rodar a sua *La Luna Blanca*, a fim de maturarem a sua experiência teatral.

Refira-se que esta obra foi encenada pelo dramaturgo moçambicano Adriano Cossa. O grupo, que existe há 16 anos, é constituído por Fabiola Maposse, Nancy Dausse, Elso Xirinda e Flávio Mabote.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Será este o princípio do princípio das dores?

Está escrito no Apocalipse, este é o princípio do princípio das dores. E Deus disse mais: “Estou arrependido de ter feito o Homem”. E voltou a bramar: “Quem sois vós que vos ergueis contra o meu Reino? Acaso sabeis de onde vem o vento? Só ouvís o seu ruído e não sabeis de onde Eu ordeno o seu desencadeamento. Seus pobres de espírito!”.

Jeová continua a falar e ninguém O quer ouvir. Chamano-nos para voltarmos aos ventres das nossas mães e nascermos de novo, e a resposta que se ouve é: “Quem é Deus?”. O Senhor já colocou diante de nós várias redes de emalhar para tentar parar as ambições do Diabo que nos habitam, e a resposta que sai das nossas bocas putrefactas é cuspidas pela língua imunda do próprio Lucifer. E mesmo assim Ele ainda nos espera.

Deus de Jacob e de David e de Abrahama já tinha feito isso com Saul, antes de o transformar em Apóstolo Paulo. Este esperava os filhos de Israel à porta dos templos e lançava sobre eles as pedras com espigas. Pejorava os filhos do Criador do Céu e da Terra. Blasfemava directamente contra o próprio Deus; mesmo assim, Jeová continuava a amá-lo. Mas, cansado de falar mansamente, o Senhor lançou um raio muito forte sobre a vista de Saul e este tombou como um lagarto e perguntava: “quem és tu que ousas barrar o meu caminho?”. E Deus respondeu: “quem és tu que ousas erguer-te contra Mim? Eu sou o Deus de Jacob e de Davi e de Abrahama. Agora levanta-te; a partir de hoje nunca mais te chamarás Saul, mas Paulo, e serás meu Apóstolo!”.

Paulo obedeceu a Deus, mas hoje, ninguém quer segui-lo. De tudo isto ninguém quer saber, continuamos a descer por esse desfiladeiro do Egipto. Persistimos nas sinagogas. Muitos de nós agem sem inteligência, muito menos sabedoria. Tratar o outro como inimigo será contra os preceitos de Deus. “Amai o próximo como vos amais a vós próprios”. As nossas cadeias continuam a colher diariamente cachos de gente que vai descobrir que ali jaz a própria Sodoma, enquanto cá fora há os que arrotam sabores do suor do povo.

Só vai ouvir tudo isso aquele que tiver um ouvido, os que têm dois não têm iluminação suficiente para perceber as parábolas. Hoje movimentam-se as armas por todo o lado, para frente e para trás. Só se pensa em como aniquilar o outro, julgando-se que isso vai garantir a continuação do fausto. Mas essa é a pura ignorância. Essa é a incapacidade de perceber os sinais do tempo. Essa é a indicação do medo instalado naqueles que hoje nos amachucam. E nunca serão as armas a solução de toda esta lama lançada na nossa terra.

A terra treme em todos os seus pontos. A chuva está a cair aos poucos e poucos. A terra já não pode chupar mais a água, nem o sangue. A água e o sangue serão cuspidos pela terra e nessa altura esses homens já não terão montanha para subir. As armas que hoje os protegem já não terão balas. É uma mentira os blindados. É mentira! O tigre das massas populares já começou. E Tony Django já disse isso, desatem os cabritos, queremos dormir. O leão está a rugir nas matas!

Cidadania

goste de nós no **facebook.com/JornalVerdade**

Segunda-feira às 11:53 ·

CIDADÃO Mário REPORTA: quando eram 9h avione-ta branca, parecida com a mesma que ontem havia sobrevoado a localidade, voltou a criar algum pânico quando sobrevoou a localidade de Nyanal, no distrito de Chigubo, na província de Gaza. A avioneta vinda do norte fez uma volta e tomou direcção sudeste. Os residentes estão continuam muito preocupados, devido a situação de "guerra" que se vive.



Edson Rebelo de Oliveira avioneta de reconhecimento territorial, nao se assustem. Segunda-feira às 11:56



Estevao Ndimande Estevao Ndimande É Guebas k esta a fazer roada, p vender a zona fertel p os Chineses · Segunda-feira às 12:59



Danilo Manguale Ate avioes ja nao podem sobrevoar.....amigo e melhor ser piloto ja vi k gostas avioes passa a vida a ver cores de avioes.....ya tens tempo · Segunda-feira às 12:21



Mario Fenias Macuacua @Edson, Sim , o surdo dificilmente pode dar resposta certa, e o cego ja mais podera indicar a direccao se este for deixado num local desconhecido de noite. Concordam? Ambos nao sabemos nada , OS k xtao em panico nao sao obrigados a ouvir esses consolos sem raiz! Segunda-feira às 12:15



Joaquim Joao Correia deve ser a avioneta que anda sobrevoar a zona de conflito Muxungwe.....e o piloto deve ter uma namorada nessa area..lol.. · Segunda-feira às 12:07



Carlos Alberto devem interrogar o governo e a policia pois isso cria panico mesmo · Segunda-feira às 11:56



Danilo Manguale Nao xtranhem esse comportamento...e k em alguns locais de mocambique as pessoas fazem festa quando passa por la um carro,agora nao imagino a fecidade do meu amigo quando viu aviao....kkk · Segunda-feira às 15:16



Domingos Gundana Na verdade deve ser avioneta de patrulha dos cacadores furtivos, bem todo o cuidado acaba sendo pequeno · Segunda-feira às 14:14



Tucan Tucan Quando Fala situacao de Guerra q se vivi .axo que nao sta falr de Moc , e verde que houveram ataques contra nossos compatriotas sim mas voces stam a fomentar isso na mente dos mocbicanos. Segunda-feira às 12:07



Lino Marques eles tem razao iam smith bombardeo aki em moz assi mesmoGosto · Responder · Segunda-feira às 12:03 através de telemóvel



Molde Carlos mas exa zona tem um posto policial? tranquilizem o povo...uau! mx e simplesmente uma avioneta...good · Segunda-feira às 18:36



Eugenio Mutuque Verdade ao caso avioneta,esta no dia 17 d Junho deste mês circulou sem conhecimento das autoridades d governo d distrito,nas localidades d Chizumbane e Muzamane,zona sul do distrito MASSANGENA,k fazem limite com distrito CHIGUBO. De salientar k estes locais foram Bases da RENAMO no ultimo conflito armado. · Segunda-feira às 17:58



Siachukeni Lucas Se eles tão em panico, não imaginam nós k tamos aki nas cidades ik todos os dias em um vai-vem nos ares. Mas também, k medo é exe d avião? · Segunda-feira às 16:59



Zinhagadjo Nkomo A avioneta branca nunca trará a guerra os homens armados esses sim vão de facto trazer a guerra porque esse é o servico deles matar para ganhar o pão · Segunda-feira às 13:13

goste de nós no **facebook.com/JornalVerdade**

Um cidadão, de 57 anos de idade, sargento das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, cujo nome não foi revelado, afecto ao sector da cozinha na Casa Militar, matou a esposa, de 46 anos de idade, e a enteada, de 26 anos de idade, na passada segunda-feira (24), no bairro Ferroviário, quarteirão 31, arredores da cidade de Maputo, devido a problemas familiares.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/380251>



Jossefa Cumaio José Tovela se fosse seu pai a fazer isso com sua mãe e sua irmã? Pfv.... haja sensibilidade e responsabilidade por aquilo que falamos. Estas decepcionado? Fica calado mano é o melhor que fazes. · Ontem às 8:24



Baptista Garai Chimoio Isso nao tem nada a ver se e'militar do governo ou da Renamo,mas sim o diabo lhe enfrentou. quantas pessoas ja mataram a sangue frio os seus familiare?sera' k sao da Renamo,da Frelimo? Se sao civis.Nao sujemos o Ministerio da Defesa Nacional,uma coisa nao tem nada a ver com outra•peace and democracy for all. · Ontem às 8:58



Núman Wane Mas como é q dão arma d fogo a um cozinheiro no lugar d pau/colher d cozinha Ontem às 8:14



António João Jemusse Esse é um criminoso que merece no mínimo 43 anos de prisao. · Ontem às 10:00 através de telemóvel



Danilo Manguale Epah coisa triste...mas o maior sofrimento ta com esse pobre cuitado k entrou na lista dos loucos.....eu tou na de k mesmo k qual for a razao a vida humana e algo insubstituivel....pelo k o maior sofrimento e viver na terra....e ele ta sofrendo agoraGosto · Responder · 1 · Ontem às 8:22



DjHp-Hamza Pereira psicopata exxeGosto · Responder · Ontem às 8:15 através de telemóvel



Ariel Sonto Levem o homem ao manicômio e não à cadeia. · Ontem às 12:32



João José Cossa Como é isso?estou achando que alguns funcionário das nossas forcas armadas sempre que atinge os cinquenta anos,tornam se problematicos. · Ontem às 12:23



Albertino Moniz Amalabo se um dia tive se um irmao como jose tovele e este soldado lhe amarava pedras no pescossu e deixava no meu do mar sercado das aguas para lhe fazer ver k nao existe um problema k substitui amor. k todos problema devem ser rezolvido sem violenciaGosto · Responder · 1 · Ontem às 12:23 através de telemóvel · Editado



Aleixo Nanlelo Os Humanos se intendem conversando e os animais iracionais pautando pelos actos macabros... e esse nao faz diferenca... · Ontem às 12:04



Rui Sam esse tipo já foi detido... Disse o porta-voz da PRM Pedro Cossa · Ontem às 10:58



Dercio Guilherme Ubisse Ele tem uma mentalidade desviada,dpois da cadeia deve se dirrigir ao curandeiro pk na mente dele se alguma nao falta, ha alguma coisa em excesso. Canalha · Ontem às 9:08



Baptista Garai Chimoio Te pergunto voce Loyd,afinal de contas qual e' a missao dos militares?Eles dizem k e' de eliminar xiquinhocas.sera' isso Loyd? · Ontem às 9:05



CheChe De Rafael Matsuve esse soldier não é da frelimo,mas sim um infiltrado,o stress ki o levou a xterminar exas duas vida,foi a dxcoberta k é da renamo e foi terminado o seu job por xtar integrado nu coração · Ontem às 8:39 a



José Amor Mudjadju Tovele Eu tou me nas tintas pois disse aquilo que me vai na alma, o resto não me interessa, já imaginaram se todos fôssemos iguais? Muita gente vai ter emprego devido a isto, advogados, juizes, agências funerárias, coveiros, etc. Agiu bem Ontem às 8:28



Filipe Saticola Manuel cheque junior nao diga isso! Nao seja tribalista ou regionalismo. Akele paralel d ser militar ele è um cidadao cmum igual a ti. Nao seja ignorante cmo meu partido dos camarada · Ontem às 8:24



Ndunay Melo Olha Manuel aqui,estao a falar de um individuo e nao de um partido,por isso se nao tens nada a dzer fica calado. · Ontem às 8:19



Gipcilco Catio Munavalaca cuzer penis deli com agulha de sapato depois por sal e vinagre pork cadeiarlos para um mocambicano matar nao é pblma...triste ixo · Ontem às 13:12



goste de nós no **facebook.com/JornalVerdade**

A produção, venda e consumo exacerbado de cannabis sativa, vulgo soruma, esta tirar sono a Polícia da República de Moçambique, que, semanalmente, reporta vários casos que ocorrem um pouco por todo o país, com maior enfoque nas zonas rurais, consideradas grandes focos de comercialização deste estupefaciente ilícito.

<http://www.verdade.co.mz/nacional/38056Gosto> · Partilhar



Adriano Nhamona Deixem o pessoal fumar para trabalhar. Por acaso sabem o quanto doe uma enxada empunhada todos os dias? A policia só tem que se preocupar com os marginais que pululam por ai e fazem disso um negocio que prejudica os alunos das cidades. · há 21 horas



Estevao Ndimande Primeiro fecha a colombia · há 18 horas



Adriano Nhamona Fumar como drogado e diferente de fumar como estimulante para atividades econômicas especificamente a agricultura. · há 20 horas



Jorge Ferreira Deixem os camponeses em paz,e,se tiverem os t...ts no sitio,vao atras dos Baroes da Cocaina e ouyras pesadas. · há 21 horas



Henocho Jemusse Revolucao Verde!!! · há 21 horas



Benn Lissane Deixem os homens a s medicarem · há 12 horas



Albino Filipe Tivane a mesma policia e a melhor em seu consumo. · há 19 horas



Fernando Jorge Mondlane mas também um charo nunca fez mal a ninguém e como diz o mano Aza, é apenas para justificar uma simples gargalhada. mas consumo em excesso dá cadeia! · há 19 horas



Eunésia Machaila Saibam medir vossax palavras... É visto exe acto nax zonax mais reconcidas e sem beneficio nnhum! Vejamos: em Brazil ox maix dxgraxadx pelax drogax sao ox k vivem nax favelax, nao pk os governantex nao cnsomem... · há 20 horas



Bruno Branquinho Manhonha e nimguem mxm . a mudanxa kmexa kntgo kmgo e konoxko axim teremx hum moz gud · há 20 horas



Luis Gome Ninguem podem fazer parar com o consum d drogas prncipalement vulg surma pork faz um homen a ser pensat e fort e e' sabed por tud k os funcionarios public sao os grnd fumadores,,,,,,, · há 21 horas



Beide Atumane Uatequera Para deixarem è preciso aumentar a pena d prisao · há 21 horas



Adade Da Laura Saide Sera dificil eliminar muitox k batem exxa xtula · há 21 horas

ENTRETENIMENTO - PALAVRAS CRUZADAS - SOLUÇÕES ED. 242

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1		A	D	I	T	O		I	C	O	N	E	
2	A		A	R	A	R		V	A	R	A	M	
3	R	A		A	R	A	R	O	B	A		M	O
4	A	M	A		A	R	E	N	O		T	I	L
5	R	A	T	A		A	T	E		M	A	N	A
6	A	R	A	C	A		O		C	O	P	A	S
7			P	A	N	O		R	A	L	A		
8	A	C	A	T	A		R		S	A	R	A	R
9	C	O	R	O		C	A	S		R	I	M	A
10	A	R	O		C	E	P	O	S		S	A	L
11	T	A		R	E	G	E	L	A	R		R	A
12	A		T	A	R	A		A	R	I	A		R
13		R	A	S	A	R		R	A	S	I	A	

HORIZONTAIS

1-Entro na posse de ; diz-se das imagens santas veneradas nas igrejas russa e grega. 2- Lavar; bando de javalis. 3-Símbolo químico do rádio; planta leguminosa do Brasil; pedra de moinho. 4-Adora; dou forma de arena; acento ortográfico. 5-Mói; ligue; irmã. 6-Bebida alcoólica

VERTICAIS

1- Grande ave trepadora semelhante ao papagaio; respeita. 2 - Adorar; dar cor a. 3- Oferece; escondido; está. 4- Raiva; respeito; chefe etíope. 5- Pesa; nome feminino; substância produzida pelas abelhas. 6- Rezara; ceifar. 7- Natural ou habitante da Récia; raspe. 8- Nome feminino; relativo ao sol. 9- Posto militar; cabelos brancos; cura. 10-Reza; que tem casca pouco dura; exprimes sentimento de alegria. 11- Ema; gênero de peixe do Brasil (plural); grito de dor. 12- Lugar subterrâneo donde se extrai minério; adorar. 13- Peça elástica de metal (plural); moer.

preparada na Índia; um dos naipes das cartas de jogar. 7-Tecido; mói. 8-Respeita; curar. 9 - Final brilhante de um trecho musical; cabelos brancos; põe em verso. 10 - Anel; troncos de madeira usados para queimar; cloreto de sódio. 11- Está; congelar; batráquio. 12 - Pesa; cantiga. 13 - Nivelar; devastação.

HORÓSCOPO - Previsão de 05.07 a 11.07



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Este aspeto poderá ser o espelho das suas indecisões. Trata-se de uma situação que requer uma atenção muito especial, uma vez que passa por questões económicas que não são, de momento positivas.

Sentimental: Caso mantenha uma relação sentimental, viva-a de uma forma serena e romântica. Evite as turbulências que só lhe trarão contrariedades; ir-lhe-á fazer-lhe bem e encontrará novas forças e energias para outras tarefas.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: A sua especial apetência para gastos desnecessários poderá criar-lhe algumas dificuldades. Para o seu próprio sossego, não entre em despesas não necessárias. Atravessa uma fase que exigirá, de si, força interior e muita capacidade de encaixe.

Sentimental: Será um período de grande equilíbrio. Poderá, durante esta semana, viver momentos agradáveis desde que conceda, ao seu par, a oportunidade de se manifestar.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Este aspeto, constitui a sua maior preocupação. Tente aceitar, com serenidade, as dificuldades que lhe possam surgir, uma vez que os tempos que correm não são muito favoráveis; aceite-os e lute, com coragem, contra alguma adversidade que, eventualmente, possa surgir.

Sentimental: Trata-se de um bom período para manifestar toda a sua capacidade de amar: no entanto, não deixe de ter em conta a personalidade da pessoa eleita pelo seu coração.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Será uma semana sem grandes alterações mas, poderá ser marcada por algumas despesas que irão desequilibrar, temporariamente, o seu orçamento pessoal.

Sentimental: Este será um período em que todas as precauções que tomar serão poucas. Não procure a discussão e evite confrontos com o seu par. Não se deixe influenciar por pessoas mal-intencionadas e que só desejam a sua infelicidade.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Haverá possibilidades de ser confrontado com algumas dificuldades, relacionadas com dinheiros; por outro lado, graças à forma como tem administrado as suas economias, a semana deverá terminar sem que este aspeto lhe traga preocupações, de maior.

Sentimental: Será uma semana muito favorecida para todas as relações de ordem sentimental. Caso tenha par e saiba agir, com inteligência, poderá ser um período muito agradável.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Embora a semana apresente características de normalidade, algumas despesas (que já eram esperadas) poderão causar-lhe dificuldades, momentâneas. Faça as suas contas, bem-feitas e a semana terminará com tendências para melhorar.

Sentimental: O seu par, em termos sentimentais, é o mais importante; assim, tente aproximar-se mais e não se esqueça que saber ouvir é uma grande qualidade.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O excesso nas despesas deverá ser mais controlado; caso contrário, poderá vir a sentir falta do que gastar hoje, de uma forma, perfeitamente, desnecessária.

Sentimental: O amor é uma coisa maravilhosa mas, se der ouvidos a pessoas mal-intencionadas, poderá vir a ter problemas com o seu par. Seja coerente consigo, com os seus sentimentos e nada acontecerá no plano negativo. Não será uma fase favorecida para iniciar relações sentimentais.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Não se deverão verificar grandes alterações. Algumas despesas, durante esta semana, já estavam previstas. Para o fim deste período, a tendência será para que tudo comece a melhorar; de qualquer forma, mantenha alguma prudência e não gaste, desnecessariamente.

Sentimental: Este aspeto exige, da sua parte, alguma atenção. Não se exceda com o seu par e tente uma aproximação que poderá tornar o ambiente mais leve.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Algumas contrariedades poderão ser a característica desta semana. Não se deixe arrastar pelas dificuldades que possam surgir. Melhores dias virão mas, até lá, seja prudente e cauteloso.

Sentimental: O mais importante é compreender o seu par. Não se perca em análises pessoais que o poderão induzir em erro. Será um bom período para se iniciarem novas relações de ordem sentimental.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: As perspectivas financeiras encontram-se favorecidas. Aproveite este período, use a sua inteligência e os resultados poderão ser muito positivos.

Sentimental: Semana em que deverá agir com alguma cautela, na área sentimental. O bom e o mau poderão confundir-se. Fique alerta e a semana passará sem grandes problemas. É na tolerância e no diálogo que o amor se consolida e fortalece.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Os investimentos, quando bem analisados, poderão encontrar, neste período, resultados muito favoráveis; no entanto, será, fortemente, recomendável que não se esqueça da crise que atravessamos, pois os imponderáveis sucedem.

Sentimental: A área sentimental encontra, nesta semana, umas condições muito favorecidas para que tire deste aspeto o melhor partido. O seu par é muito importante para si e não se deve esquecer dele, em circunstância alguma.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Algumas despesas, inesperadas, poderão alterar e complicar, um pouco, o seu orçamento; seja prudente e deixe que a semana passe, sem tomar medidas precipitadas. Evite despesas nos superfluos e tente ser mais realista na área financeira.

Sentimental: Os relacionamentos de ordem sentimental passam por um período um pouco crítico e, se não forem devidamente acautelados, poderão criar situações difíceis de ultrapassar.

PARECE MENTIRA...



Há quem acredite que virá o dia em que o mundo não poderá fazer frente ao extraordinário aumento da sua população, que registam as estatísticas publicadas pelos organismos oficiais a estes estudos dedicados.

No entanto, essas mesmas estatísticas dizem-nos que tal receio é infantil, visto que é a própria população que se está desmentindo. Só assim se compreende que, quando num período de 30 anos do século passado, esta aumentou 50 por cento, a população canina sofreu um crescimento de 200 por cento. Proporcionalmente, quatro vezes mais!

E os cães, apesar de tal elevação, vivem, actualmente, melhor do que nunca. Só nos Estados Unidos, no período em alusão, gastaram-se 500 milhões de dólares em alimentos, roupas, adornos, medicamentos e cuidados sanitários com o melhor amigo do homem.

Existem casas de modas para cães, mercearias, farmácias, institutos de beleza e doutores especializados para servi-los.

É caso para se dizer que quem leva uma "vida de cão" é o animal racional...

ANTÓNIMOS

PAZ
ÓDIO
RECEBER
SOFRIMENTO
AFEIÇÃO
HOSTILIDADE
PROGRESSO
MORTE
SABEDORIA
SEMEAR

G - - R - A
A - O -
- A -
A - E - - I -
- V - R - - O
S - - I - - R - - D - -
- E - R - - E - - O
- I - A
I - - E - - A - - Z
- O - D - -



RIR É SAÚDE

Neste tempo de fome e miséria tem sido comum aparecerem indivíduos tão magros, mas tão magros mesmo, que conseguem andar por entre as gotas de chuva sem se molharem.

Um certo estadista, daqueles ditadores de má memória, gostava de alardear uma característica de democrata digno de referência.

Um dos seus passatempos era coleccionar cartoons da oposição, concebidos a seu respeito.

Contudo, também se conhecia o seu hábito de "coleccionar" ao autores de tais façanhas...

Uma senhora casada há nove anos e com uma prole composta por oito filhos, pede o divórcio apresentando como argumento o facto de o marido ter abandonado o lar.

Durante o julgamento, o juiz pergunta:

- Há quanto tempo ele saiu de casa?

- Há oito anos, meritíssimo - responde a senhora.

- Como é que foi possível que a senhora tenha concebido estes filhos todos depois de o seu marido a ter abandonado?

- É que ele de vez em quando vinha pedir desculpa, meritíssimo.

PENSAMENTOS...



- Na necessidade se prova a amizade.
- O passarinho nunca esquece o ninho ainda que seja pequenino.
- Quem ri do mal do vizinho o seu vem pelo caminho.
- O boi agarra-se pelos chifres; o homem agarra-se pela boca.
- Vaca branca não dá leite.
- Ajuda-te e Deus te ajudará.
- Nada é o rei sem vassalos.
- Pelo fio se vai ao novelo.
- De tal gente, tal semente.
- Agitar a lagoa levanta lodo.
- Não se encontra água raspando uma pedra.

Cartoon



VIOLÊNCIA

A verdade em cada palavra.

“ Paz sem voz não é paz, é medo. ”
– O Rappa

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.